

# REVISTA DO BRASIL

---

## SUMARIO

REDACÇÃO . . . . .	Revista do Brasil . . . . .	1
PEDRO LESSA . . . . .	O preconceito das reformas constitucionaes	6
da Academia Brasileira	O Centenario da Independencia . . . . .	12
ADOLPHO PINTO . . . . .	O ultimo passo da cirurgia . . . . .	19
L. P. BARRETO . . . . .	A rima e o rythmo . . . . .	24
ALBERTO DE OLIVEIRA . . . . .	O elogio da mediocridade . . . . .	31
da Academia Brasileira	Desespero de Amor . . . . .	36
AMADEU AMARAL . . . . .	O modernismo . . . . .	43
VALDOMIRO SILVEIRA . . . . .	Factos e idéas . . . . .	53
JOSÉ VERRISSIMO . . . . .	Resenha do mez . . . . .	64
da Academia Brasileira	(Continúa na pagina seguinte)	
VICTOR DA SILVA FREIRE . . . . .		
COLLABORADORES . . . . .		

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. I - ANNO I

VOL. I

JANEIRO, 1916

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL

**RESENHA DO MEZ.** — O Codigo Civil Brasileiro, P. B.—**Movimento literario:** — Lendas e tradições — Machado de Assis — **Bellas Artes:** — Pintura e escultura, P. — **Revistas e Jornaes:** — As revistas no Brasil; a "Semana"; a nossa situação internacional. — As revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade Commercial e de instituições das republicas do hemisphero occidental. — A alimentação das crianças. — Guerra ao álcool — Os literatos italianos e a Guerra — O organizador da "Triplice-entente" — As mulheres japonezas e a política — Aphorismos — As mentiras da reclame — **Collaboradores da "Revista do Brasil"** — **Sciencias e Arte:** — O telephone sem fios — Automoveis amphibios — A acustica nas salas — As cidades-jardins, X. — **As caricaturas do mez.**

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETROS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETO  
DIRECTORES: JULIO MESQUITA  
ALFREDO PUJOL

REDATOR CHEFE: PLINIO BARRETO

## ASSIGNATURAS:

ANNO . . . . .	12\$000
SEIS MEZES . . . . .	7\$000
EXTRANJEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500

## REDACÇÃO E ADMINISTRACÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52  
CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

S. PAULO

# **BYINGTON & C.**

## **Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcão de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Esta verdade attestada



O MELHOR  
REMÉDIO  
CONTRA  
os  
CALLOS  
E' O

CALÇADO

Villaça

por inumeras pessoas, é corroborada pelo exmo. sr. C. el Paulo Orozimbo de Azevedo, ex-administrador dos Correios de S. Paulo

Declaro que desde que uso o Calçado Villaça tenho gozado de grande alívio no sofrimento proveniente dos callos, pelo que tenho aconselhado ás pessoas de minhas relações para que experimentem esse excellente calçado.

Paulo Orozimbo de Azevedo.

Depósito no triangulo

Companhia Calçados VILLAÇA

Rua Direita N 6-A = S. PAULO

TINOCO MACHADO & Co.

RUA LIBERO BADARÓ N. 52, 1.<sup>o</sup> ANDAR

TELEPHONE N. 3558

SÃO PAULO

UNICOS VENDEDORES, NESTE ESTADO, DAS SUPERIORES VELAS

BRASILEIRA, YPIRANGA,

PAULISTA, COLOMBO,

BICHO, PEQUENAS

E DEMAIS PRODUCTOS DA

"COMPANHIA LUZ STEARICA"  
DO RIO DE JANEIRO

# **Henry Rogers Sons & Co. Ltd.**

**SÃO PAULO**

**Rua da Quitanda N. 17<sup>A</sup> = Caixa N. 220**

Desnatadeiras “**Baltic**“

Moinhos para café e milho

Arados, Cultivadores “**Planet**“

Bombas de todos os typos,

Correias de Sola e Balata

**EIXOS** de Transmissões, Polias —————

————— Machinas para Serrarias,

Machinas para furar ferro, Tornos Mechanicos

**MOTORES**

a Gazolina, Kerozene e a Vapor

**FOLES, FORJAS, BIGORNAS**

**OLEOS DE LUBRIFICAÇÃO**

# Companhia Mechanica e Importadora de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMISSÕES,  
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51      SÃO PAULO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automoveis "FIAT".** Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmalтada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas, Garage, Fundição e Depositos:  
Rus Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) :: S. PAULO

---

---

# REVISTA DO BRASIL

---

Em qualquer outro paiz, onde a cultura intellectual estivesse mais disseminada e os laços moraes menos affrouxados, o programma de uma revista, como esta, poderia ser traçado em duas linhas rapidas, claras e incisivas. Se o titulo não dissesse expressivamente o que ella ia ser, dil-o-ião, com bastante eloquencia, os nomes sob cujo patrocinio apparecesse.

No Brasil não é, nem pôde ser assim. A complicação, o emaranhado das nossas florestas retrata-se, até certo ponto, na trama das nossas idéas e na organisação da nossa vida. Nenhum de nós é o homem de uma só profissão e o cerebro de cada um de nós é um laboratorio, em actividade incessante, para onde se canalisam, em tumulto, em atropello, as idéas mais desencontradas, na aancia de uma fusão que nunca se opera ou, quando se opera, nunca logra ser perfeita. Em sciencia, em arte, em politica e no mais vivemos a por o pé em todas as veredas em que se estrella a encruzilhada de hesitações de onde raro nos afoitamos a partir, rasgando por uma dellas, e onde, frequentemente, nos deixamos tombar, certos de que fizemos trabalho fecundo, amortalhados na illusão doirada de uma gloria facil e passageira, quando toda a nossa agitação não foi mais do que a de uma folha solta que o vento ergueu na espiral do redemoinho, reluziu um instante aos beijos do sol e rolou de novo — e para sempre — no seio da poeira de onde saiu.

Por traz de um nome ou de um titulo pôde pois, entre nós, haver tudo como pôde não haver nada. Cumpre, para evitar surpresas, dizer o que ha.

O que ha por traz do título desta Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e immensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um nucleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o animo de romper sósinha para a frente numa projecção vigorosa e fulgurante da sua personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Imperio quer na Republica, sob a tutella directa ou indirecta, senão politica ao menos moral do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, vestimo-nos pelo alfaiate estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de servilismo collectivo, calamos, em nossa patria, muitas vezes, dentro dos nossos lares, a lingua materna para falar a lingua do estrangeiro!

A nossa vida é, no seu aspecto geral, e de um certo periodo para cá, a marcha, incerta e lenta, desgraciosa e constrangida, de um povo que a cada passo que avança se volta, inquieto, para o estrado de onde o estrangeiro o está contemplando a procurar, na mascara fria dos espectadores indifferentes, o sorriso de aprovação que lhe dê alento para seguir...

A nossa hitoria, com dois ou tres lances de epopea dos quaes o maior e mais bello é talvez a arremettida dos bandeirantes para o sertão, é, no seu conjunto, o romance incolor, monotonio e fastidioso de uma nação obscura e canhestra que parece implorar perdão ás demais de ser independente e grande.

Desapego á vida, lume no espirito e generosidade no coração tudo isto nos sobra. Tudo isto, porém, de nada, ou de muito pouco nos vale porque, até hoje, ora mais, ora menos, nos tem faltado uma coisa que é a mola real de todos os triumphos, assim dos individuos como das nações: a consciencia do nosso valor.

A nossa modestia, o nosso apagamento, como nação, a humildade attenciosa e reconhecida com que acolhemos tudo, o bom e o mau, que de fóra nos vem, a soffreguidão com que vamos pedir ao estrangeiro o que elle nos não offerece, revelam, pela sua expressão,

um estado morbido que é necessario combater. As nações não hão de ser soberbas e jactanciosas, mas tambem não podem apartar-se dessa austera dignidade, desse nobre respeito pela propria personalidade que lhes permitte, no commercio de idéas e de serviços com as outras nações, manterem-se no mesmo nível que ellas.

O nosso povo precisa aprender, ou recordar, que ha, no seu sangue e na sua tradição, essa força imponderavel que nos leva naturalmente, insensivelmente para os cimos, que nos reserva ao pé dos nossos semelhantes, sem violencias, como um direito indisputado, um logar especial e honroso, e que tem sido, em todos os tempos e em todos os pontos do mundo, a marca inconfundivel das raças adultas, emancipadas e sadias.

Nesse conhecimento, nessa consciencia está o segredo inteiro do nosso futuro.

Foi essa consciencia que deu a Roma o imperio do mundo e que ainda agora sustenta nas pernas bambas as grandes nações da Europa e lhes conserva, nos braços fatigados, o vigor bastante para moverem, umas contra as outras, as pesadas machinas de morte. Sem ella nunca seremos o que devemos, o que temos o direito de ser.

A "Revista do Brasil", desejando contribuir para que ella se accenda de novo, com uma luz mais viva e duradoira, na alma abatida do paiz, entendeu que podia realisar essa obra de patriotismo, provocando estudos do passado, que nos desvendarão, nas coisas e nos homens, uma larga fonte de inspiração, de amor e de orgulho, e estimulando todas as energias actuaes para um trabalho de observação e criação scientifica e literaria, que nos patenteie a todos a profundez e a riqueza dos nossos thesouros intellectuaes.

Não será, nem quiz ser, uma revista exclusivamente de historia, exclusivamente de literatura ou exclusivamente de sciencia. Sel-o-a de tudo isso. Arvore verdejando no alto da montanha, ella receberá nas frondes as caricias de todos os ventos e abrigará nos ramos o gorgorio de todos os passaros.

O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da hu-

manidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a divida de civilisação que nos prende ao estrangeiro. Não é preciso lembrarmo-nos da verdade eterna do eterno conceito de Terencio para nos convencer de que tudo quanto é humano nos deve interessar: basta correr os olhos em torno de nós...

Não só pelo que nos faz, não só pela acção directa, continua e persistente, na vida das nossas idéas e no teor dos nossos costumes, mas também, e sobretudo, pelas lições variadas e suggestivas da sua historia, o estrangeiro é, e ha de sempre ser, para nós, como para toda a gente, objecto de observação attenta e quotidiana.

O nacionalismo desta revista visa até, pelas suas tendencias e pelas raias do horizonte que se traçou, um fim mais humano que regional.

Não pretende — e se isso acontecesse teríamos a nossa obra completamente desvirtuada — incutir no povo a paixão estreita e safara, rasa e egoistica, do seu campanario, do seu valle, do seu regato e da sua rez. E' outra a aspiração que a acentua. Ella quer trabalhar para o levantamento do povo, convidando-o a voltar os olhos para si em vez de os trazer presos nos outros, certo de que elle sairá desse exame introspectivo com a firmeza que communica a revelação da propria força e com a superioridade moral que a visão de um largo ideal a cumprir sempre inspira. E um povo que se ergue moralmente alarga, só com o seu movimento, e areja e perfuma o ambiente em que se debate, na luta angustiosa de todos os instantes, a humanidade inteira.

O seu nacionalismo não é um grito de guerra contra o estrangeiro: é um toque de reunir em torno da mesma bandeira, conclamando, para um pacto de amor e de gloria, os filhos da mesma terra nascidos sob a claridade do mesmo céo.

O milagre historico da persistencia da nossa integridade territorial, a despeito da ausencia de laços fortes que umas ás outras prendam as populações das diferentes partes do paiz, precisa pelo futuro aedante, perder o carácter phénomenal com que se apresenta e passar a ser a resultante, natural e logica, da fusão com-

pleta e indissoluvel de todos os elementos etchnicos e sociaes que formam, de norte a sul, a nação brasileira.

Essa obra, que é urgente, tão cedo não se realizará, porém, se, desde já, não a iniciarmos pela palavra e pela escripta. Só a escripta e a palavra podem, neste momento, estabelecer entre as populações que a vastidão do territorio e as difficuldades de communicações trazem afastadas e ignoradas umas das outras, a mesma corrente de idéas e de sentimentos que desgraçadamente ainda se não estabeleceu entre nós e sem a qual uma nação nunca chega a formar-se ou, quando se forma, nunca adquire esse espirito de solidariedade, essa cohesão perfeita que lhe dá aos olhos alheios a apparença de um bloco macisso e aos seus proprios a impressão de um poder invencivel.

A "Revista do Brasil" vem trabalhar para essa obra.

---

---

# O PRECONCEITO DAS REFORMAS CONSTITUCIONAES

---

QUAL A REFORMA DO GOVERNO RECLAMADA PELAS  
TRADIÇÕES BRASILEIRAS.

---

Ameça-nos uma nova crise de reformas constitucionaes. Para os grandes males que soffremos neste momento, e sobretudo para o maior de todos, que é inquestionavelmente a afflictiva situação financeira, inumeros therapeutas sociaes só vêm e só preconisam um remedio — a reforma da Constituição.

Entretanto, aos olhos dos que se habituaram a estudar pela observação historica e pela comparação os factos sociaes, não ha medicação mais falha, mais negativa.

As reformas constitucionaes são os recursos predilectos das nações fracas, incapazes — por sua falta de educação e de energia — de um bom governo pratico, e das nações decadentes e enervadas, que, umas e outras, appellam frequentemente, mas debalde, para tão desacreditada panacéa. No seculo passado, a Hespanha promulgou uma constituição muito liberal em 1812, e logo em seguida reformou o seu regimen constitucional em 1814, em 1820, em 1834, em 1837, em 1845, em 1856, em 1864, em 1869 e em 1876, para continuar sempre no mesmo atraso economico e intellectual. De 1821 a 1874 teve o Chile nove constituições, o que o não livrou de uma tremenda revolução em 1891 por amor a principios constitucionaes, e cujo resultado foi ficar o paiz ainda mais pobre e estragado pela politicagem. A Argentina entre 1811 e 1860 promulgou sete reformas constitucionaes, e só começou a progredir e a enriquecer, quan-

do abandonou essa idéa pueril de se regenerar... por meio de reformas constitucionaes. A Bolivia fez e desfez dez no espaço de 45 annos, e não deixou de ser uma miseravel republiqueta da America Latina. Entre 1823 e 1860 o Perú realisou oito, e continuou a ser... Perú. O Mexico teve onze de 1824 a 1877, para se lançar no degradante e horroroso estado em que o vemos presentemente.

Qual o principio de ordem constitucional, que hoje se julga necessario converter em lei? O unitarismo? A extincção do regimen federal? Mas, sob o império, a constante preocupação dos espiritos liberaes e progressistas era uma larga descentralisação administrativa, que no conceito dos mais adiantados quasi se confundia com o federalismo. Desde as eloquentes *Cartas do Solitario*, de Tavares Bastos, até o ultimo congresso do partido liberal, reunido pouco antes da queda da monarchia, a autonomia provincial foi sempre reputada uma necessidade da nossa administração, dada a vasta extensão geographica do paiz, e a diversidade de climas e produções. O parlamentarismo? Será este o regimen que nos falta? Até ha poucos annos alimentavamos alguma esperança de que o parlamentarismo, que, em geral, applicado a nações de raças diversas, sob a monarchia ou com a republica, tem dado melhores resultados que o presidencialismo, garantindo mais efficazmente a liberdade politica e a moralidade administrativa, pudesse trazer-nos algum beneficio. Mas, dados os nossos gravissimos defeitos, a pessima composição dos nossos congressos, a influencia dos perniciosos elementos que prevalecem na politica nacional, o parlamentarismo seria apenas uma nova e estranha modalidade da nossa incapacidade, ou da nossa decadencia politica. Vejam bem os parlamentaristas o que se passa em Portugal, cuja constituição consagra expressamente o regimen parlamentar. Nunca se viu mais miseravel situação politica que a da infeliz nação irmã. A monarchia? Será esta a forma de governo que nos convém? Logo depois de 15 de Novembro de 1889, e enquanto existiam ainda um pequeno nucleo de notaveis estadistas, e um grande numero de adeptos que disciplinadamente os acompanhavam, a unica reforma constitucional imposta pelo patriotismo era a restauração. Cumpria restaurar o regimen, que nos havia dado um dos governos mais liberaes e moralizados que se têm visto na historia. Hoje, além dos evidentes perigos que nos traria a reacção fatalmente opposta a tal aventura politica, que se lograria com directores ou chefes politicos cancerados pelos vicios que todos conhecemos? Apagada a tradição monarchica, extintos quasi com-

pletamente os estadistas de antigos moldes — teríamos de começar vida inteiramente nova, o que é mais facil, e menos arriscado, sob a actual constituição.

Mas, o que se deve fazer, o que é indispensavel, notam alguns, com ares de profundos pensadores, e de quem conhece profundamente o nosso passado, toda a nossa historia, é adaptar o nosso systema de governo ás *tradições do paiz*. A falta de respeito ás *tradições*, eis a causa primordial dos nossos males actuaes.

Nada mais curioso do que o poder da palavra, da expressão verbal, das phrases, em meio de individuos desprovidos de instrucção, da capacidade e do habito de raciocinar. Precisemos nitidamente em que consistem as nossas *tradições* em materia de governo. Durante o longo periodo colonial, o que teve o Brasil, foi o governo absoluto da metropole, exercido na colonia pelo officio de funcionarios, que João Francisco Lisboa, no *Jornal de Timon*, com toda a justiça e exactidão qualificou deste modo: "subjugada pelo clamor unanime, levantado em todos os tempos, e de todos os lados, a historia imparcial e inexoravel não pôde deixar de proferir a sua condenação contra a maior parte desses mandões ignaros, corrompidos e perversos, que, obcecados pela cobiça, e encarniçados nas lutas civis, e na perseguição da raça desvalida dos indios, calcavam todos os seus deveres, e preteriam todos os outros meios, cujo emprego intelligente conduziria sem duvida e para logo aquella pobre colonia á prosperidade agricola e commercial de que se viu privada durante o largo periodo de mais de seculo e meio". Para bem patentear a boçalidade com que Portugal tratava a sua vastissima colonia da America, basta lembrar o celebre alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu e mandou fechar todas as fabricas existentes no Brasil. Nas instruções expedidas para a execução desse alvará, dizia o governo da metropole: "O Brasil é o paiz mais fertil e abundante do mundo em fructos e producções da terra. Os seus habitantes têm, por meio da cultura, não só tudo quanto lhes é necessario para o sustento da vida, mas ainda muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso commercio e navegação. Ora, se a estas incontestaveis vantagens reunirem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades, ficarão os mesmos habitantes totalmente independentes da metropole. E', por consequencia, de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil". Ahi estão, em synthese, as nossas tradições politicas do longo periodo colonial.

Ao governo absoluto sucedeu por um golpe revolucionario, com a mais completa e brusca interrupção das nossas tradições, a monarchia constitucional representativa parlamentar, engenhosa e fecunda combinação nascida do genio liberal e tradicionalista do povo inglez.

Perfilhada essa forma de governo exotica, tivemos a principio o pessimo reinado de um principe voluntarioso, inculto e inadaptable ao systema politico a que presidia.

Veio depois o governo de Pedro II, que ao cabo de algum tempo se tornou um modelo de liberdade politica e de moralidade administrativa, a mais estupenda maravilha que nos poderia surprehender na America Latina.

Para Joaquim Nabuco tão espantoso resultado foi devido principalmente á forma de governo: "Se tivemos a liberdade na monarchia, notou elle no opusculo — *Balmaceda*, foi só porque o poder se continha a si mesmo. Isto era devido á elevada consciencia nacional, que por herança, educação e selecção historica, os soberanos modernos quasi todos encarnam. O respeito á dignidade da nação, o desejo de vel-a altamente reputada no mundo, era natural na monarchia, que era o governo pela força moral sómente". Mas, a verdade é que o excepcional governo do Brasil sob Pedro II foi um producto de vivo, intenso e inamolgavel sentimento de justiça, da incomparavel honestidade e do entranhado amor á liberdade do imperante. Dotado de taes predicados, posto que de intelligencia despida de qualquer symetria, ou proporção, com tão elevados atributos moraes, Pedro II conseguiu pelo exemplo, pelas perseverantes tendencias democraticas, pela instinctiva condenação de todas as oppressões, de todas as injustiças e de todos os actos de improbidade, formar uma pleiade, muito redusida, mas muito brilhante, de estadistas, que alliavam ás qualidades moraes, desabrochadas ao bafejo imperial, as suas proprias e superiores qualidades intellectuaes. Esses poucos estaditas de notavel relevo, que, com razão se disse, poderiam figurar dignamente no scenario politico das mais cultas nações da Europa, dirigiam por uma incoercivel força moral cada um dos dois grandes partidos em que se dividia o imperio.

Ahi temos o segredo dos governos honestos e liberaes que teve o Brasil sob a monarchia. Sob a mesma forma de governo uma nação da mesma raça, das mesmas tradições, da mesma lingua e religião, Portugal, nos ultimos annos da realeza, offerecia um espe-

ctaculo bem diverso, e que prova quanto é falso o conceito, ha pouco transcripto de Joaquim Nabuco.

O principal factor do periodo de rara moralidade administrativa, de justiça e de liberdade politica que fruimos sob o imperio, foi a grande envergadura moral do chefe da nação, envergadura moral muito differente da de seu progenitor.

Eis ahi uma razão decisiva para que a nação brasileira adopte como artigo fundamental do seu programma de regeneração politica, mais cuidadosa selecção ao constituir os seus mandatarios e ao prover os cargos publicos. Sigamos na republica, o que absolutamente não é imposisvel, o exemplo da monarchia.

Não ha forma de governo, que tenha a efficacia de amparar uma nação e preserval-a dos males oriundos da incapacidade e da immoralidade dos homens que governam, da ausencia de patriotismo e dos mais elementares predicados para o exercicio dos cargos publicos. Não ha systema, nem regimen politico que funcione bem por si, automaticamente, servido por maus funcionarios. A monarchia, o unitarismo, o parlamentarismo, não obstariam ás calamidades procedentes de tal origem. Já apontámos um exemplo bem eloquente numa velha nação da Europa, muito nossa irman; outros e não poucos facilmente apontariamos na Europa e na America.

Com as instituições de direito publico dá-se o mesmo que com as de direito privado. A sociedade anonyma é um excellent instrumento de bem-estar e de progresso. Mas, a quantos abusos pôde dar, e tem dado, ensejo? Vamos supprimil-a por isso? Fôra evidente absurdo. O patrio poder é indispensavel ao bem do filho, do pae e da sociedade. Mal exercido, por um pae desnaturado, pôde dar ás mais repellentes monstruosidades. Devemos, por isso, extingui-lo, ou reduzil-o? Certo que não. São factores essenciaes do bom exito das instituições de direito privado, como das de direito publico, as leis feitas convenientemente e certos *predicados intellectuaes e moraes* dos que as praticam.

O presidencialismo e o federalismo têm produzido os melhores fructos, que é lícito esperar de apparelhos politicos, de organisações juridicas abstractas, em duas nações de raças inteiramente diversas, e de tradições e costumes muito diferentes, os Estados da America do Norte, que começaram, sabem todos, como colonias rivaes, e a Argentina, colonia homogenea, e cujas condições geographicas exigiam muito menos do que as nossas o regimen federal. Foi depois que lançou ás urtigas as reformas constitucionaes com as suas longas

perturbações antecedentes e com as suas consequentes adaptações, ainda mais demoradas, umas e outras concorrentes para a suspensão do progresso economico e do desenvolvimento geral do paiz, que esta ultima nação iniciou a era de prosperidade, e attingiu o adiantamento que deve servir-nos de espelho e de escarmento.

Que contristador e deprimente espetáculo offereciamos ao mundo civilizado, se lhe dissessemos: Fizemos uma constituição superior á nossa cultura intellectual e moral; sem capacidade para a comprehendere praticar, vamos ensaiar uma inferior; constituições como a nossa actual servem unicamente para nações como a America do Norte e a Republica Argentina!...

Rio, 10 de Dezembro de 1915.

PEDRO LESSA

---

---

## O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

---

Já vem perto, á distancia apenas de seis annos, o primeiro centenario da independencia do Brasil, proclamada junto ás portas da cidade de S. Paulo pelo principe D. Pedro, a 7 de Setembro de 1822.

O fausto acontecimento, primeiro glorioso marco da existencia nacional, ha de ser por certo festivamente commemorado, não podendo S. Paulo declinar as responsabilidades que naturalmente lhe advêm de ter sido o padrinho do memoravel baptismo celebrado no Ypiranga, novo Jordão cujas aguas lavaram o paiz do peccado colonial, fazendo alvorecer na Historia a grande e querida patria brasileira.

Infelizmente a intensa crise geral que vimos atravessando, com tão accentuados reflexos sobre as finanças da União, do Estado e do Municipio, não permitte glorificar a memoria do grito do Ypiranga com a sumptuosa pompa digna de seu alto valor historico.

Quer isto dizer que havemos de nos contentar com o programma minimo de uma discreta festa em familia, sem as apparatosas solennidades que, em outra situação, seriam de rigor.

Mas, por mais modesto que seja esse programma, dado o caracter nacional do acontecimento e notorio como é o papel que S. Paulo teve a fortuna de representar, força é convir que ha umas tantas obras, uns tantos melhoramentos, que os publicos poderes não podem deixar de ir desde logo promovendo, no interesse de preparar o scenario em que se deverá celebrar a parte mais interessante da solenne commemoração civica.

Pois que é um facto historico o objecto dessa commemoração, claro está que a nossa primeira homenagem se deverá concretisar em symbolico monumento de arte que lhe perpetue a memoria e nas

obras de embellezamento e conforto reclamadas pelo local que mereceu a distincão de testemunhal-o e pelos meios que dão accesso a esse local.

Ora, providenciando sobre a erecção do monumento glorificador da Independencia, no Ypiranga, existe já a lei estadual de 31 de Outubro de 1912, a qual, não obstante ter habilitado o governo de S. Paulo com os recursos necessarios para a execução do patriotico projecto, o autorisou a entender-se com o Governo da União e os dos Estados, no intuito de dar a essa manifestação o solenne caracter nacional.

Erigido que seja esse monumento, e as circumstancias concorrem para fazer crêr que venha a ser um dos mais notaveis do Brasil, nada faltará para ficar concluida a obra de justiça e de patriotismo de que o Ypiranga é credor.

O que, porém, faltará, o complemento indispensavel da grandiosa obra de arte que vai coroar a collina sagrada, é uma avenida communicando a cidade com o pittoresco suburbio, em condições de largura, conforto e elegancia condignas de seu destino, ao menos no trecho ainda não edificado, do Cambucy ao Ypiranga, para o que é indispensavel prolongar o aterrado final em recta a transpôr o corrego e ir morrer na collina.

A belleza desse trecho do caminho tradicional ganharia extra-ordinario realce se, como já uma vez escrevi, a larga via publica, além de bem calçada, fosse ornamentada por uma dupla fileira de palmeiras imperiaes.

Não ha na flora brasileira typo mais esbelto, mais elegante e decorativo; e uma avenida, quando extensa e perfeitamente rectilínea, enfeitada por dois renques de palmeiras imperiaes, é obra de offerecer perspectiva do mais delicioso effeito.

Realisadas estas differentes obras, interessando tanto o 7 de Setembro como o respectivo scenario, teria ainda perfeito cabimento no programma commemorativo, por menos pretenciosa que seja a sua organisação, uma completa mostra de todas as reliquias da Independencia, a ter logar no edificio monumental que alli possue o Estado, á qual poderia ser annexada uma exposição bibliographica da historia e geographia do Brasil, com todos os documentos e mapas conhecidos desde a época do descobrimento.

Mas a cidade de S. Paulo não pôde ser o digno scenario das festivas solennidades do centenario da Independencia sem render a homenagem que merece um outro auspicioso acontecimento, gloriosa

nascente do emerito factor historico que o povo paulista vem representando na communidade brasileira.

Refiro-me á fundação da sua bella cidade capital.

Se o Ypiranga outorgou ao paiz a carta da sua maioridade politica, Piratininga foi a cellula germinal da estirpe heroica que descobriu e fundou o Brasil colonial. Impossivel, pois, S. Paulo commemorar a Independencia deixando de cultuar a augusta memoria de seus bravos fundadores.

Ainda bem que, depois de mais de tres séculos de esquecimento, para não dizer de ingratidão, vai enfim a cidade pagar-lhes a imensa divida, erigindo magnifico monumento publico em honra de Anchieta, de Nobrega e de Tibiriçá, as nobres figuras representativas do memoravel acontecimento.

Pois bem, esse monumento, soberbo trabalho modelado em Roma pelo distincto esculptor Zani, e alli fundido em bronze, acha-se ha muito em S. Paulo, com suas peças ainda encaixotadas como vieram da Europa, não tendo podido até agora ser assentado no local que naturalmente lhe cabe, ao centro do antigo largo do Collegio, isto é, precisamente onde nasceu a cidade, porque de ha muito se acham suspensas as obras, apenas iniciadas, de demolição do velho palacio do governo e sua reconstrucção no alinhamento da rua do Carmo, projecto de que resultaria ser consideravelmente alargada e aformoseada a antiga praça, pondo-se em condições compatíveis não só com a importancia do feito de que foi theatro, como da homenagem que se lhe vae prestar.

Ora, approximando-se o centenario do 7 de Setembro, o ensejo não pôde vir mais a proposito para cuidar o governo de tomar qualquer resolução definitiva sobre o velho palacio, seja para reconstruir-o nas condições do plano assentado no tempo da presidencia Tibiriçá, seja para o demolir de vez, cedendo o terreno ocupado pelo edificio novo, em proveito da ampliação do largo, que assim se extenderia sobre toda a explanada a cavalleiro da varzea.

Com esta providencia e a execução simultanea do viaducto pondo o largo em comunicação com a rua da Boa Vista, para o que já foram feitas as desapropriações necessarias, não preciso comentar o beneficio que se prestaria á zona central da cidade, nem encarecer o realce que dahi adviria para o primeiro monumento historico de S. Paulo, plantado no meio de amplo e formoso jardim, cortado de largas ruas abertas á circulação geral, juntando-se ao esthetismo do quadro os attractivos da esplendida vista panoramica for-

mada pela vasta superficie que se desdobra na baixada, desde o velho leito do Tamanduatehy até ás encostas longinquas da Cantareira.

Mas entre a fundação de Piratininga e o 7 de Setembro alguma coisa culmina no diagramma evolutivo da historia de S. Paulo, em circumstancias de não poder ficar em olvido, antes reclamando o relevo a que tem direito, quando a Nação e os Estados se dispõem a festejar o centenario do grito do Ypiranga: é a epopéa bandeirante.

S. Paulo deve esse tributo aos intrepidos argonautas deste incomparavel velocinio — a maior e mais bella região do Continente.

Filhos de Piratininga, era daqui que partiam os heroicos expedicionarios; era palmilhando o chão de nossas velhas ruas, descendo a collina historica em demanda do Tieté e depois rio abaixo, que os legendarios mamelucos, tão pobres de recursos de qualquer natureza, como ricos de audacia, de estoicismo e de esperanças, penetravam o intermino sertão ignoto, a plenitude do mysterio, inconscientes do fecundo sulco de civilisação que iam deixando pelo caminho...

Original, unica, em suas épicas arrancadas, a extraordinaria odysséa! Pois seja assim tambem, original, unico, o monumento a erguer-se á sua glorificação.

Um bloco da nossa natureza selvatica, com todos os seus accidentes agrestes — eis o pedestal sobre que deve altear, bandeira á frente, a intrepida caravana errante...

Por sua intensa influencia suggestiva, o monumento aos bandeirantes representaria o traço de união da velha alma paulista em seus primeiros surtos de arrojada iniciativa com o culto espirito de energia, acção e progresso das gerações sobrevindas; havendo tudo a ganhar em manter essa bemdita communhão de sentimentos, pois a força de um povo reside menos na potencia de seus armamentos que na permanencia e estabilidade dos caracteres de sua alma ancestral.

As tres ordens de factos a que me tenho referido constituem por assim dizer a espinha dorsal da historia do Brasil, que, nas linhas matrizes de sua estructura, quasi se póde dizer — é a projecção em maior escala da historia de S. Paulo.

Assim sendo, estou que a nossa comparticipação nas festas nacionaes em honra do grito do Ypiranga será dignamente representada pelo que fizermos homenageando os tres acontecimentos predominantes do grande passado commun.

E' que tratando-se de perpetuar a lembrança de notavel acontecimento historico, nada mais a caracter, nada mais edificante do que organizar o programma das solennidades fazendo reviver no bronze, juntamente com o feito memorando, os seus benemeritos factores atavicos.

As solennidades do centenario assim talvez deixem de deslumbrar ás massas, sempre ávidas de espectaculosas exterioridades, mas com certeza hão de ganhar em espiritualidade historica e no valor aprimorado das joias de arte, remanescentes da festa.

Ao passar o quarto centenario do descobrimento da America, quiz o povo dos Estados Unidos festejar o grande acontecimento com a magnificencia condigna dos incomparaveis recursos de seu genio e de sua civilisação.

A Exposição Colombiana de Chicago foi a magna apotheose com que a nobre nação americana celebrou o glorioso gesto do heroico descobridor da America. Quem escreve estas linhas teve a felicidade de assitir a essa extraordinaria exhibição do que a humanidade, até ao fim do seculo passado, havia produzido de mais admirável na sciencia, na arte e na industria.

Entretanto, de tudo quanto lhe foi dado vêr, observar e sentir, nada o commoveu tanto, nem um spectaculo o sensibilisou tão profundamente como o das preciosas reliquias relacionadas com o nascimento historico do novo mundo.

Esta exhibição foi feita em edificio representando um typo de architectura religiosa da Hespanha medieval, o *fac-simile* exacto, em grandeza natural, do convento de Santa Maria da Rabida, ainda existente perto de Palos.

Foi alli, como se sabe, que Colombo quasi desesperando de levar avante a sua arrojada empresa, achou benevolo acolhimento e solicita recommendação para a corte de Fernando e Isabel. Foi ainda na capella da Rabida que o grande genovez assistiu ao santo sacrificio na manhã da sua partida, e onde, de volta da feliz expedição, trazendo a noticia e os tropheus da victoria, em companhia daqueles mesmos com quem compartira as amarguras de tantas lutas e crueis decepções, gosou o ineffavel prazer de cantar solenne *Te Deum* em accão de graças pelo fausto acontecimento.

A exhibição da Rabida, organisada com as reliquias colhidas nos principaes archivos e museus do mundo, era a mais completa e interessante possivel, representando os objectos expostos tudo o que se conhece sobre os precursores de Colombo, sobre os conhecimentos

geographicos e a sciencia da navegação em seu tempo, a vida do celebre navegador, os episodios de suas differentes viagens, suas cartas e outros documentos autographos, as publicações a proposito do descobrimento, da conquista e exploração das terras do novo mundo.

Como a exhibição da Rabida, despertou geralmente o mais vivo interesse a presença em Chicago das caravellas que formaram a legendaria flotilha — a *Santa Maria*, a *Nina* e a *Pinta* — mandadas reproduzir pelo governo hespanhol, as quaes, expedidas de Palos, como as que dalli largaram em 1492, haviam surgido e encoravam no lago Michigan, ao pé da Exposição, após uma viagem triumphal pelos lagos e canaes do interior do paiz.

A bordo da *Santa Maria*, o visitante não podia deixar de sentir-se transportado ao seculo XV, em meio dos moveis e utensilios da época. Penetrando no camarim armado sobre o tombadilho, cópia fiel do que foi ocupado por Colombo, recordo-me de ter visto, sobre sua mesa de trabalho, um astrolabio e uma balestilha, os instrumentos com que o descobridor do novo mundo tomava a altura dos astros, traçando a róta que devia conduzil-o ao glorioso destino.

Em baixo do tombadilho da pôpa exhibiam-se todos os especimens das armas usadas pela guarnição, sobresahindo as grandes peças amarradas com cordas aos reforços cépos das carretas, vendose junto dellas saccos cheios de balas de pedra, que eram os projeteis em uso naquelle tempo.

Ora, por mais rica e pomposa que tenha sido a Exposição de Chicago, em suas multiplas festas e attractivos, a exhibição da Rabida e da esquadrilha de Colombo foi incontestavelmente o *clou* do imponente certamen mundial.

Esta digressão tem por fim mostrar que o primeiro centenario da independencia do Brasil pôde ser muito discretamente solennizado em S. Paulo dentro do modesto programma, de caracter essencialmente historico, que tenho procurado justificar.

Isto não quer dizer que, resolvendo o Governo do Estado emprehender a execução das obras que lhe competem, e são quasi todas as mencionadas, deixe a Camara Municipal de secundar a sua acção, traçando o plano de melhoramentos urbanos que está em sua alçada e na medida de suas forças levar a effeito, afim de que a cidade de S. Paulo se apresente em 1922 em *toilette* de rigor, consoante a importancia e solennidade da festa que ha de reunir aqui, pela primeira vez, a representação official da União e de todos os Estados.

Como ao Estado de S<sup>c</sup> Paulo e ao municipio de sua capital, tambem aos particulares deve caber o seu quinhão no porfiado esforço conjunto para o melhor exito da patriotica empresa.

Sabe-se que a commissão executiva da nova cathedral está vivamente empenhada em dotar S. Paulo com o mais grandioso monumento de arte do Brasil e envida o maximo esforço para concluir e inaugurar o novo templo a 7 de Setembro de 1922.

Assim, poder-se-á contar com mais este magnifico numero a enriquecer o programma da festiva commemoração em projecto, ao mesmo tempo que a bellissima obra de desenvolvimento economico, de cultura e de civilisação, que realizou S. Paulo nesta primeira grande etapa da existencia nacional, terá a coroa-l-a uma justa e digna homenagem ao Rei dos seculos e Senhor das nações.

ADOLPHO PINTO.

---

# O ULTIMO PASSO DA CIRURGIA

---

## INFECÇÃO DOS FERIDOS

---

Para os amigos da civilisação e da humanidade, que assistem acabrunhados ao espectaculo da medonha tormenta, que devasta actualmente a Europa, surge como um novo symbolo consolador a descoberta de um novo methodo em cirurgia, que vae servir de garantia e indemnisação ás gerações futuras.

Graças á philantropia do grande millionario norte-americano Rockefeller fundou-se perto de Paris, em Compiégne, um hospital provisorio destinado mais particularmente ao estudo scientifico e ao tratamento experimental dos ferimentos de guerra. Nos laboratorios da rica fundação trabalham Dakin, Daufresne, Dehelly e Dumas sob a direcção do eminent biologista Alexis Carrel, com quem já a cirurgia havia aprendido a transplantar os rins de um gato para outro e enxertar no homem fragmentos de veias e arterias tirados aos animaes e conservados longos mezes em camaras frigorificas.

Reinava entre os cirurgões uma grande divergencia de opiniões quanto ao methodo a preferir no tratamento das feridas. No momento em que rebentou a guerra, a grande maioria adoptava quasi exclusivamente o methodo da asepsia. E, mesmo entre aquelles que se haviam conservado fiéis ao antigo methodo da antisepsia, reinava a crença que a tintura de iodo a dez por cento era o quanto bastava para garantir as feridas contra toda e qualquer especie de infecção.

Infelizmente, durante todo o primeiro anno da guerra amontoaram-se por tal forma as decepções que forçoso foi submetter a uma severa revisão todas as antigas crenças. Era impossivel negar

que os ferimentos produzidos por estilhaços de obuzes e granadas estavam fatalmente condenados á infecção pela gangrena gazosa, pelo tetano, pelas septicemias, pelas suppurações interminaveis, etc. etc.

Com o coração amargurado o eminent professor Tuffier verificou que em cada mil amputações praticadas a operação havia sido imposta oitocentas vezes não pela gravidade dos ferimentos, mas simplesmente pelas complicações infecciosas. Milhares e milhares de soldados moços e robustos foram arrebatados á vida não por fortes traumatismos, mas tão sómente por infecções banaes. Não havia mais possibilidade de se distinguir entre ferimentos graves e ferimentos leves. Tudo era grave!

Deante das medonhas hecatombes os cirurgiões perdião a cabeça e era cada dia maior a incoherencia, que reinava nas theorias e na pratica dos hospitaes de sangue.

Graças especialmente a Dakin e a Carrel a luz se fez afinal no meio das trevas geraes e a doutrina salvadora illuminou todos os horizontes. De hoje em deante um methodo unico reina em todo o vasto campo da cirurgia, quer em tempos de guerra, quer na vigencia da paz. Um unico ponto de vista domina toda a cirurgia: é o da necessidade urgente de evitar qualquer infecção nos ferimentos recentes e desinfectar a fundo as feridas, quando nellas já está installada a infecção. Uma longa pratica mostrou que é infinitamente mais facil fazer abortar a infecção, quando apenas em começo, do que combatel-a quando já profundamente installada e senhora do campo.

O exame bacteriologico, praticado cerca de seis horas depois do ferimento, mostra que o numero de microbios infectantes em geral ainda é mui pequeno e de facil remoção pelos liquidos antisepticos. Mas, esse mesmo exame, praticado vinte quatro horas depois, revela a presença de uma enorme quantidade de microbios espalhados por toda a superficie e pelos diverticulos mais profundos da ferida. E' tanto maior a pullulaçao dos microbios quanto mais tarde se faz o tratamento abortivo da ferida. O simples bom senso já fazia prever tal resultado. Já era sabido que uma appendicite operada cedo, dentro das doze horas a contar da invasão, sara sem o minimo embaraço, ao passo que, quando operada tarde, apôs trinta e seis ou quarenta e oito horas, apresenta uma mortalidade de 40 e 43 %.

Já sabíamos igualmente por Lucas Championnaire que na operação da hernia estrangulada, quando praticada tarde, o methodo da asepsia era absolutamente incerto.

Depois da medonha experientia da guerra actual, durante um anno inteiro, levantou-se o tremendo grito: a asepsia não basta! é de rigor a antisepsia!...

Mas, como re-introduzir na pratica um methodo cujos abusos estavam ainda na memoria de todos? De mais, estava patente que a tintura de iodo, mesmo a dez por cento, não garante contra a gangrena, nem contra o tetano, nem contra qualquer das outras complicações infecciosas.

Era urgente a necessidade da antisepsia; mas, era igualmente urgente a necessidade de se descobrir um agente antiseptico, que fosse ao mesmo tempo um microbicida seguro e de accão absolutamente inocente para os tecidos.

Depois de intenso pensar e de immenso trabalhar em experiencias de chimica, Dakin foi conduzido ao preparo do seu hypochlorito de soda, que entregou para estudo a Alexis Carrel.

O eminent biologista não tardou em verificar que o novo des-infectante se distingue de todos os outros por seu poder bacteririda sem rival e ao mesmo tempo por sua innocuidade absoluta sobre os tecidos. Uma ferida, tratada cedo, pelo hypochlorito de Dakin, permanece absolutamente garantida contra qualquer sorte de infecção. E, mesmo quando a infecção já está bem adeantada, pode o hypochlorito, quando bem applicado, fazer desapparecer todos os microbios ao cabo de dous ou tres dias. Graças á sua accão absolutamente não irritante, mesmo applicado em irrigação continua (em instillação, para melhor dizer) o hypochlorito não acarreta a minima demora na cicatrisação da ferida.

Estamos, portanto, hoje, inteiramente senhores da situação na esphera cirurgica. Podemos obter a esterilisaçao chimica das feridas por meio de um antiseptico, cujo poder germicida nada deixa a desejar e cuja accão anodyna sobre os tecidos nos permite mantel-o em contacto com os micro-organismos todo o tempo necessario.

Além do seu valor bio-chimico o hypochlorito Dakin tem a vantagem de ser o que pode haver de mais barato: para os hospitaes foi uma dadiva inestimavel. E, de mais, a sua preparação está ao alcance de qualquer boticario do interior, que queira tão sómente ter o cuidado de empregar drogas de confiança.

## MODO DE PREPARAR O HYPOCHLORITO

Agua commum . . . . .	10	litros
Carbonato de soda crystalisado . . . . .	400	grammas
Dissolva, ajunte chlorureto de calcio de boa qualidade . . . . .	200	grammas

agite bem, insistentemente, e, ao cabo de tres quartos de hora, separe o liquido claro por siphonagem e filtre-o através de uma boa camada de algodão. Ajunte, então, ao liquido filtrado 40 grammas de acido borico. A solução assim obtida está prompta para ser aplicada sobre quaesquer feridas. Não deverá ella jámais ser aquecida. Não deverá jámais ser conservada por mais de oito dias. Nunca deverá ser empregada conjuntamente com o alcool.

E' muito importante que o acido borico seja ajuntado ao liquido depois de filtrado e não antes e que o filtro seja de algodão e não de papel. Não tem importancia o ligeiro precipitado que se possa formar devido ao sal de cal.

Nos ferimentos pequenos é bastante lavar com a solução as feridas e ao depois manter nellas pachos de gaze molhados frequentemente.

Nos ferimentos profundos é indispensavel, além da desinfecção da praxe, applicar e manter a instillação continua á Murphy em todos os diverticulos e recessos da ferida, á menor suspeita de uma infecção já installada.

Encontra-se no mercado (casa Fretin) um pequeno apparelho conta-gottas, de vidro, de invenção argentina, muito commodo deveras, que se adapta ao tubo de borracha de qualquer irrigador e que serve tanto para as instillações rectaes, hoje tão em moda, como para qualquer ferimento profundo, cavitario. Por meio de uma rosca bem adaptada pôde-se graduar o numero de gottas á vontade, de modo a manter toda a superficie da ferida sempre humida, sem o risco de innundar toda a cama. Encontram-se igualmente no mercado tubos de drenagem de borracha, de cinco a seis millimetros de diametro, revestidos de tecido-esponja para maior garantia do contacto prolongado do liquido desinfectante com os tecidos traumatisados invadidos de microbios.

Todo o segredo da grande efficacia deste novo modo de tratamento está no desprendimento gradual, commedido do chloro em

dóse tal que jámais irrita os tecidos. Na solução do hypochlorito de Dakin o chloro não se acha em estado "livre" e só se desprende quando em contacto com materias proteinosas. As aguas de Labarraque e de Javel, que contém grande quantidade de chloro livre e soda livre não servem absolutamente por queimarem demais os tecidos. A antisepsia é de rigor, mas com a condição de não ser traumatisante. Tudo depende do gráu de exactidão nas dosagens.

DR. L. P. BARRETTO

---

# A RIMA E O RHYTMO

---

(LIÇÕES PROFESSADAS  
NA ESCOLA DRAMATICA)

---

*O' doce rima!*

exclamava em um de seus tercettos o horaciano Ferreira. *Doce*, e não obstante, foi elle entre os poetas portuguezes do periodo classico o primeiro que a despresou, exercitando em vez della o verso branco ou solto na *Castro*, na *Carta de congratulação a el-Rei D. João III* e ainda na *Ode aos principes D. João e D. Joanna*.

Reconhecia, porém, que o consoante

*ata ainda e damna,  
Inda do verso a liberdade estreita,  
Emquanto com som leve o juizo engana,*

conceito, que mais tarde e com rabugice, devia ser o de Filinto Elycio, quando allude ao "zam-zam dos consoantes" e lhes chama "carteira de guizos".

Não têm faltado á rima depreciadores nem apologistas. Um destes ultimos, o grande Sainte-Beuve, teceu-lhe até uma ode celebre, em que a enaltece, dando-a como unica harmonia do verso, e em comparação feliz a assemelha ás ultimas syllabas do adeus, que já de longe dois amigos repetem. Th. de Banville encarece-lhe ainda mais o valor, achando que ella é todo o verso, e a "imagination da rima a principal qualidade do poeta."

Até onde é falsa esta comprehensão do papel dos consoantes e os prejuizos dahi resultantes ao mister da poesia, veremos no correr da lição.

Chama-se rima a uniformidade de som na terminação de duas ou mais palavras, desde a vogal ou diptongo de accento predominante.

A primeira condição da rima *perfeita*, como a entende Becq de Fouquières, está na identidade de som da vogal; a segunda na identidade das articulações que se seguem á vogal, e a terceira na identidade das articulações que a precedem.

Acham-se nestes casos *mar* e *amar*, *cirio* e *assyrio*, *medo* e *arremedo*, *embira* e *tymbira*, *humido* e *tumido* e ainda as homonymas e homophonas *vaga* (substantivo), *vaga* (adjectivo) e *vaga* (verbo), *calice* (subst.) e *cale-se* (verbo) *ama* (subst.) e *ama* (verbo), *vime* (subst.) e *vi-me* (verbo) etc.

As rimas perfeitas, segundo a definição dada, não podem ser praticadas sempre, salvo em composições breves, convindo não as formar com palavras da mesma indole grammatical, a saber: substantivos com substantivos, adjectivos com adjectivos, verbos com verbos, e assim por deante.

Quando não é exacta a correspondencia de som e só se repetem as vogaes, as rimas chamam-se *imperfeitas* ou *toantes*; é a *assonancia* em vez da *consonancia*, — assonancia, que se encontra em todas as linguas modernas, e caracterisa principalmente a versificação hespanhola.

Exemplos de toantes: *pedestal* e *crepuscular*, *amada* e *varanda*, *azas* e *rama*, *cego* e *opulento*, *santissimo* e *beatifico*.

Entre nós, e portuguezes não se usa hoje a assonancia; praticaram-na, entretanto, á imitação do que ia nas demais literaturas, a maior parte dos classicos, principalmente seiscentistas. A consonancia é relativamente moderna, e moderníssimo o emprego nacional da rima perfeita ou rica.

Dos exemplos adduzidos de consoantes e toantes, vê-se que estes podem ser (e a mesma denominação recebem os versos) agudos, graves e exdruxulos. Fossem aceitaveis e se praticassem versos como aquelle citado por A. F. de Castilho

*A Ticio em geiras nove o corpo estira-se-lhe*

ou ainda este

*Róla de suas mãos e parte-se-lhe,*

e teríamos de crear a classe dos hyper-exdruxulos.

Ainda ao tempo de D. Francisco Manuel de Mello não influia a metrica franceza para a alternancia regular das rimas graves e agudas, confórme se deprehende da seguinte interlocução do *Hospital das letras*:

*"Bocalino:* ... Os versos se querem varonis e esforçados.

*Quevedo:* Isso parece que entenderam os franceses, quando sobre a sua vulgar poesia lançaram aquelle preceito, a nós mais difficulte de observar que a dura lei dos consoantes.

*Auctor:* Qual foi?

*Quevedo:* O costume, que têm, de fazerem versos machos e femeas, com infallivel regra, que se um verso acabou em dicção masculina, lhe ha de succeder outra dicção feminina; e assim procedem os poemas universalmente.

*Bocalino:* Não venham cá as Palmas Iduméas, que não dá fructo a palma mulher sem que a palma homem seja plantada junto della."

A alternancia regular começou com alguns poetas no seculo XVIII, da segunda metade em deante.

De feliz combinação dos tres versos — exdruxulos, graves e agudos — dá exemplo o *Hymno ao Somno*, de Castro Alves, e que assim começa:

O' Somno! ó noivo *pallido*  
*Das noites perfumosas,*  
*Que um chão de nebulosas*  
*Trilhas pela amplidão,*  
*Em vez de verdes *pampas*,*  
*Na branca fronte enrolas*  
*As languidas *papoulas*,*  
*Que agita a viração.*

Do mesmo autor é a seguinte combinação de exdruxulos e agudos, na poesia *O nadador*:

Vagas, curvae-vos *timidas*,  
*Abri fileiras *pavidas**  
*A's mãos possantes, *avidas**  
*Do nadador *audaz*;*  
*Bello de força *olympica*,*  
*— Soltos cabellos *humidos*,*  
*Braços herculeos, *tumidos*...*  
*E' o rei dos vendavaes!*

A ultima combinação attinge a gráu inexcedivel de arte na conhecida anacreontica de Castilho, a qual por sua belleza não me furto ao prazer de repetir-vos:

Fez-se Niobe em pedra, e Philomena em *passaro*.

*Assim*

Folgaria eu tambem me transformasse *Jupiter*

*A mim.*

Quizera ser o espelho, em que teu rosto *placido*

*Sorri;*

A tunica feliz, que sempre se está *proxima*

*De ti;*  
 O banho de crystal, que esse \*teu corpo *candido*  
*Contém;*  
 O aroma de teu uso, e d'onde effluvios *magicos*  
*Provêm;*  
 Depois esse listão, que do teu seio *turgido*  
*Faz dois;*  
 Depois... de teu pescoco o rosicler de *perolas*;  
*Depois...*  
 Depois! ao vêr-te assim, unica, e tão *emulas*,  
*Qual és,*  
 Até quizera ser teu calçado, e *pisassem-me*  
*Teus pés!*

As rimas graves podem alinhar-se umas após outras em composições longas ou breves, — salvante o caso de emparelhamento em poemas, sempre fastidioso, como se dá com o *Villa-Rica* de Claudio M. da Costa, e a *Assumpção* de S. Carlos — e o ouvido as receberá com agrado quando bem feitas e variadas; o mesmo não succederá com as agudas e as exdruxulas, que só com carácter comic ou satyrico são acceitaveis. O mau gosto de Fernão A. do Oriente, ou o espirito de imitação o induziu ao enlace inaturavel de alguns exdruxulos, como estes, na sua *Lusitania transformada*:

Nas ribeiras *selvaticas*  
 Ferida a cerva *pavida*  
 Da setta, que tingiu herva *mortifera*,  
 Não flores *aromaticas*  
 Busca, mas fonte *avidas*  
 Da vida, que acha na agua *salutifera*.

Os versos de dez syllabas, soltos ou brancos, seguidos, ou meados regular ou irregularmente de seus quebrados, têm servido no italiano, castelhano e portuguez não só á leitura de poemas de varios generos, como a composições theatraes e outras de menor folgo; os modernos, entre nós, desde os poetas parnasianos aos da geração actual, os largaram de mão, havendo aqui alli apenas uma ou outra musa que os recorda e busca mostrar-lhes a antiga belleza.

O autor do *Tratado de metrificação portugueza* aponta entre os assumptos, para os quaes os versos soltos são preferiveis, os de mais peso ou graves, como os de feição moral ou didactica; os em que se expressam paixões vehementes, como a Tragedia, e os que, como a farça e a comedia ou o simples dialogo, têm o indeclinavel dever de ser naturalissimos.

Dos trabalhos feitos com taes versos, grande é a copia dos que entram, como gemmas de alto preço no thesouro da nossa e das linguas italiana e hespanhola. Lembremos, para apenas citar o que é propriamente nosso, o *Uruguay*, de José Basilio da Gama, o *Colombo*, de Porto-Alegre, copioso de narrativas e descripções magistraes, os *Tymbiras*, de Gonçalves Dias, de dicção e lances bellissimos, o *Anchieta*, de Fagundes Varella, e de menores dimensões, o *Cantico do Calvario*, do mesmo Varella, e *Waterloo*, de D. J. G. de Magalhães.

Vejamos num relance de olhos alguns trechos destes poemas. Aqui, no *Uruguay*, esta rapida descripção das terras ao longo do rio:

Todas estas vastissimas campinas  
Cobrem palustres e tecidas cannas,  
E leves juncos do calor tostados,  
Prompta materia de voraz incendio.  
O indio habitador, de quando em quando,  
Com estranha cultura entrega ao fogo  
Muitas leguas de campo; o incendio dura  
Em quanto dura, e o favorece o vento.  
Da herva, que renasce, se apascenta  
O immenso gado, que dos montes desce  
E renovando incendios, desta sorte  
A Arte emenda a Natureza, e podem  
Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.

Dos *Tymbiras* seja a parte final da *Introducção*:

Como os sons do boxé, sóa o meu canto  
Sagrado ao rudo povo americano.  
Quem quer que a natureza estima e presa  
E gosta ouvir as empoladas vagas  
Bater gemendo as cavas penedias,  
E o negro bosque sussurrando ao longe,  
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,  
A fronte não cingi de mirto e louro,  
Antes de verde rama engrinaldei-a,  
De agrestes flores enfeitando a lyra  
Não me assentei nos cimos do Parnaso,  
Nem vi correr a lympha da Castalia.  
Cantor das selvas, entre as bravas mattas  
Aspero tronco da palmeira escolho;  
Unido a elle soltarei meu canto,  
Em quanto o vento nos palmares zune,  
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes;  
 As lagrimas do orvalho por ventura  
 Da minha lyra distendendo as cordas,  
 Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.  
 Talvez o lenhador quando acommette  
 O tronco de alto cedro corpulento  
 Vem-lhe tingido o fio da segure  
 De puro mel, que abelhas fabricaram;  
 Talvez tambem nas folhas que engrinaldo  
 A acacia branca seu candor derrame  
 E a flôr do sassafraz se estrelle amiga.

Nem mais é preciso. Póde-se negar emoção, numero, belleza a estes versos? Dirá alguem ficariam melhores, sendo rimados? Não é, pois, a rima elemento essencial ao verso, ou todo o verso, como parece a Th. de Banville; não o é em nossa lingua, nas linguas de si formosas, as quaes pódem ás vezes dispensal-a, como inutil adorno. Dispense-a, pois, o poeta onde quer que achar nada ella lhe adeanta á erpressão; empregue-a onde vir que com ella acresce o realce ou valor de seus versos. E' questão de criterio artistico ou consciencia do escriptor. O poema epico, o lyrico, o satyrico ou o didactico, a ode, o hymno, a elegia, o idyllio, a epistola, dão-se bem com a rima, ou sem ella, e sobejos exemplos o comprovam. Composições, ha, entretanto, em que a rima é indispensavel; seria extravagante ou absurdo formar o soneto em verso solto, como solto praticar outro verso, que não o decassylabo ou heroico, desde o alexandrino até o redondilho maior ou menor.

Mas o verso solto, ao menos entre nós, anda desterrado de todos os generos poeticos. Impera triumphal a rima. Tudo são rimas, e como algumas, pelas usarem demasiado, soam já desgraciosas e exhaustas, recorre-se a desinencias inauditas, apostam-se muitos em vêr, qual assoalha maior riqueza de consoantes; despresam-se os triviaes, os que por todos podem ser encontrados, para que o leitor se maravilhe a cada passo com os extraordinarios, os imprevistos, os "achados felizes". O que dahi resulta é facil de vêr e temol-o de continuo deante dos olhos: resultam versos admiravelmente bem rimados; mas como rimar admiravelmente bem, rimar surprehendentemente, rimar como ninguem rima, servindo-se de rimas jámais usadas, foi o movel quasi exclusivo deste ou daquelle poeta, os versos feitos a este intento vêm frios, sem alma, sem vida e apenas... bem rimados.

Idéas ou sentimentos ninguem exprime apenas com boas rimas e estas, evadindo a vulgaridade, pódem algumas vezes pela rebusca

ou extravagancia resvalar ao ridiculo. Lembremo-nos que os sone-  
tos mais bellos de nossa lingua, desde aquelles já com seculos, que  
assim começam:

*Alma minha gentil, que te partiste,  
Sete annos de pastor Jacob servia,  
Formoso Tejo meu, quão differente,*

até aos dos nossos dias mais aceitos a todos, não galeam com requin-  
tes de consoantes, e se acaso um ou outro os possue, o affeite occor-  
reu naturalmente, sem sacrificio da emoção creadora.

(Continúa).

ALBERTO DE OLIVEIRA

# O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE

Meu amigo

Está V. a ensaiar os seus pendores para a critica, no que faz muito bem, porque é tempo de se ir criando por aqui essa coisa proveitosa; mas a ensaiá-los a custa de pobres poetas enfermiços e de prosadores claudicantes, no que faz muito mal. Permitta que lhe represente, em breves linhas, os equivocos fundamentaes e as incongruencias desta sua attitude heroica.

O critico, meu caro, que ferozmente aggride as obras *mediocres*, ou olympicamente as despreza, pelo só facto de serem mediocres, procede como o sujeito que pretendesse deitar abaixo o pavimento inferior de uma casa de varios andares, para só conservar o resto. A mediocridade é necessaria, absolutamente necessaria — quer no sentido de coisa inevitavel, quer no sentido de coisa util. E', porque tem de ser; e, além disso, é benefica.

A turba immensa dos mediocres constitue uma como nebulosa informe, semelhante protoplasmica de estrellas. A maioria dos grandes de lá saiu, e felizes daquelles que sahiram de vez, para não mais tornar ao rebanho depois de um esforço maximo e maravilhoso. Em regra, a obra total de um escriptor de fama é uma série de livros que vai da mediocridade ao esplendor de um pinaculo de ouro, e esse pinaculo, como o de uma pyramide, é justamente a porção que occupa o menor lugar no espaço. A gloria de Cervantes está inteira na cupola de um enorme edificio literario — “Dom Quixote”; o resto ficou para sempre mergulhado na sombra, como o corpo colossal de um casarão que só conserva illuminada, no seio da noite, a torre mais alta e mais esguia.

Certo, escriptores ha que em rigor nunca foram mediocres, cujas primeiras tentativas podem comparar-se aos primeiros vôos, mas aos primeiros vôos das aguias jovens. São poucos. Esses mesmos,

porém, não existiriam se não houvesse a vasta mediocridade que os cerca, que lhes serve de ponto de apoio, que lhes alimenta o espirito nos primeiros tempos, e que os impelle para cima com todos os estímulos contraditorios da rivalidade, do ataque e do aplauso.

Toda literatura presupõe uma multidão de mediocres, e não só de mediocres, senão tambem de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ella é, tanto mais numerosa a multidão rasteira. Esse mato baixo sustenta a indispensavel camada de humus, resguarda e entretém a vida incipiente das arvores destinadas á maxima expansão. Foi esse mato que permittiua, na Inglaterra, o crescimento fabuloso de Shakespeare, a cuja volta trabalhava e produzia uma pleia de dramaturgos fortes e uma turba-multa obscura de escribas impotentes e miudos.

Não se restringe a isso a função biologica dos mediocres. Ha uma outra: a mediocridade é uma incomparavel força seleccionadora. Ella desempenha um duplo papel, com a mais illogica e natural das regularidades: alimenta, entretem, esporeia, exalta os talentos, animando-os pela lisonja quando são meras promessas floridas, animando-os pelo ataque quando começam a dar fruto; incensa-os, imita-os, chupa-os, vulgariza-os, impõe-os á admiração geral, quando os outros grandes os receberam no seu girão e lhes marcaram lugar na augusta assembléa. Assim, depois de pôr a prova as forças do candidato, e depois de as retemperar e multiplicar, glorifica-o e populariza-o.

Finalmente, como por uma determinação providencial, serve de mediadora entre a nata e a massa, livrando os grandes de se empequenitarem demasiado com a preocupação de se fazerem comprehender pelo maior numero. Graças a ella, podem os que ficam de cima desencadear as torrentes das mais audaciosas idéas e dos sonhos mais atrevidos. Ella impede que essa agua viva caia de chofre cá em baixo, o que seria positivamente um desastre: interposta ás altas nascentes e ao valle fundo, como um flanco de morro sulcado de fendas e degraus, reparte-a em filetes innumeraveis, adelgaça-a em espadanas e chuveiros, e leva-a aos lavradores da baixada em estado de servir humildemente á cultura das couves e das aboboras.

Porque, pois, essa furia sinistra de demolição, de que o meu jovem amigo se mostra dominado, a exemplo de outros cavalheiros que conscienciosamente manejam o cacete correccional da critica impiedosa?

Reflicta um bocado, e verá que a raiva com que os criticastros atacam os literataços (*mediocre mediocris lupo*) provém de uns vagos principios, absolutamente falsos, que compõem as fôrmas do seu pensamento — sem que elles proprios o percebam claramente. No fundo, está a ideia de que a arte vem a ser uma especie de revelação, com lineamentos geraes immutaveis, com grandes canones inviolaveis, estabelecidos para todo o sempre; a ideia de que poetas e escriptores houve, que, por uma como graça divina, chegaram a apossar-se inteiramente, ou quasi, dos arcanos tremendos; e, visto haver uma unica verdade esthetica, anterior ao nosso conhecimento e independente de nós, a ideia de que a perfeição existe, paira ali adeante, pode ser alcançada em cheio, pode ser pegada pela rabadilha, e pode escapar-nos por dois dedos ou por uma legua de distancia. Elles não tem nem um pensamento nitido ácerca do que sejam os padrões da perfeição; basta-lhes, porém, a suspeita, a crença, a fé na perfeição, para que assumam ares de quem carrega o sublime e arduo encargo apostolico de salvar as almas transviadas, pela persuasão ou pela violencia. Muito humano, e summamente idiota.

Outra ideia que elles acariciam, decorrente ainda desse fundo tenebroso de apriorismos recebidos sem revisão, é a de que todo escrevedor é um candidato á gloria, teimosamente determinado á conquista dos louros immarscessiveis. Seria facil demonstrar que a preocupação da gloria não constitue o verdadeiro motor da actividade literaria, e que os literatos de todos os tomos se satisfazem muito mais com o applauso immediato e a remuneração sonante do que com a perspectiva dos louros eternos, em que, no fundo, não acreditam muito. A escrevedura é uma das manifestações correntes da vida ordinaria das sociedades civilisadas, e uma pessoa dá-lhe para rabiscar papel sem grandes coisas preconcebidas, justamente como ao meu amigo lhe deu para ser um palestrador admiravel, mais interessante do que um livro de estampas, ou como ao nosso amigo Pereira para cantor de modinhas, ou ao Fagundes para charadista. São casualidades.

Vá lá, porém, metter esta noçaozinha razoavel e honesta na cabeça de um desses criticos de miudezas. Nesta quadra da evolução das ideias, em que a philologia e a folkloristica suprehendem a géneze das literaturas e os germens dos generos nos cantares e contos anonymos do povo, e apanham brotos de epopéas frustres e de lyricas informes entre os productos da imaginação cafrial ou boschicas

mana, elles persistem em julgar os pobres moços que timidamente se iniciam nas letras sob o falso presupposto de que todos intentam levar as lampas a Homero e a Virgilio, de caso pensado.

No seu entender, quem publica um livro está por força na attitude de quem constroe um pagode monumental, e nelle se remira, e lá dentro se installa, como um Budha, a espera da romaria dos pôsteros. Ora, o livro, depois que se inventou a imprensa, deixou rapidamente de ser um luxo, uma alfaia, um segredo, um adorno, qualquer coisa que avaramente se guardava<sup>a</sup> a um canto da casa, entre a arca pregueada e o oratorio esculpido, como uma reliquia ou um fetiche, para ser alguma coisa que já não corresponde a qualquem imagem antiga, alguma coisa de imprevisto e de original, uma caracteristica flagrante de tempos renovados: um instrumento poderoso de commercio entre as almas, um prolongamento da conversação adstricto á troca universal das ideias. Assim, o livro tem de ser considerado, não mais como um repositorio de coisas concebidas e filtradas "para a eternidade", mas assim como uma rête de pesca a sair do seio immenso das aguas, trazendo de envolta com o peixe a alga, o marisco e a salsugem. Instrumento, utensil, apparelho, o livro tem a sua função naturalmente limitada: o seu fim não é durar, é prestar serviço. Cumprida a sua missão embotado, enferrujado, substitue-se pelo mais novo e mais perfeito, e põe-se fóra. Nem por isso deixou de haver um momento em que foi bem vindo. Era um élo, passou; mas teve a virtude de arrastar um outro, que também passa, e a circulação continua.

Deixe em paz, meu bom amigo, os *literatelhos* em que V. gosta de saciar o seu rancor ao pedantismo e á pretenção. Ou bem que faz moral, ou bem que faz critica. Como critico, o seu dever é respeitar-os: estão desempenhando a alta função de preparar o terreno para o surto das grandezas futuras. Lembre-se de que o nosso amigo Shakespeare não fez, nas suas grandes peças, senão apoderar-se tranquillamente de productos mediocres para os transformar ao seu geito, insuflando-lhes aquillo que os predecessores não haviam podido dar-lhes, apesar de toda a boa vontade: genio. Lembre-se de que a lenda dos gigantes que fazem linguas e literaturas por si sós está definitivamente morta. Dante não teria feito a *Divina Comedia*, nem Camões os *Lusiadas*, nem você estaria para ahi escrevendo criticas, se não fosse a enorme legião dos pygmeus, sem nome nem lustre, cujo trabalho surdo e tenaz augmenta pouco a pouco o

thesouro das linguas, lhes dá elasticidade e energia, e as conduz ao ponto de poderem ser manejadas com fragor por um punho poderoso.

Não se impressione com as pretenções da mediocridade, com a troca de louvores dithyrambicos em que ella se compraz. O louvor excessivo só perverte e inutiliza, em regra, os que nasceram talhados para coisa nenhuma. Ha, em compensação, muito cavalheiro de grande valor que a canalha deixa na sombra? A isso, meu amigo, nem você nem ninguem dará remedio. Molière, numa época de florescência literaria, que V. não quererá comparar com a nossa, passava por um habil comediographo, em quem a critica justiceira do tempo não lobrigava grandes meritos. E Dellile foi acclamado genio pelos contemporaneos.

O caminho que V. deve tomar é outro. Deixe os mediocres em paz, e vá direito aos grandes. Com elles é que o meu amigo deve medir forças. Trate de ser alto e forte com elles, e renuncie a esse trabalho infructifero e triste de remexer missangas e alfinetes, acoçorado numa esteira. Lá é que eu desejo vêr applicadas as excelentes disposições que V. revela para a critica, e que nos hão de dar o nosso Brandès, ou o nosso pequeno Faguet.

Ex-corde,

AMADEU AMARAL

---

## DESESPERO DE AMOR

---

A's duas braças do sol, naquella manhã fria e secca de junho, já o Chico Só estava no piquete em lida com o macho esquentadão de Guarapuava: chamára dois campineiros, laçára-o como quem laça uma rez catuzada para o córte, e agora, torcendo-lhe uma das orelhas, chegára-o devagar ao palanque. O macho fungava e arregalava os olhos, tremia de furia, mas não se arredava mais do logar: tinha no beiço de baixo um arrocho de couro de anta, e o Chico Só poz-lhe um forro de sacco velho no fio do lombo, assentou-lhe por cima o sirigóte, apertou rijamente a barrigueira, pegou a olhal-o:

— Como é isso, ruão de fogo? P'ra que tamanhos bufos e uma cara tão feia, ansim com dia craro, si a sua sina é aguentar barbicacho e freio, sirigóte e selim? Bamo' fazer as paz': é melhor...

Mas um dos campeiros quiz pôr-lhe medo:

— Seo Chico, o burro é anhangá p'r'uma pulaçao! Veja bem como elle é escanelado e peitudo! Repare naquelle signal encostado c'o casco da mão esquerda: é traiçoeiro na certa!

O Chico Só fez chalaça daquellas observações:

— Ahi, domador e tanto! Quando você vai quebrantar um chucro, antão apalpa as qualidades do limal, premeiro? Si o limal é bem assinalado, você cai-lhe em riba, e si é picaço ou é quatrólho, você foge delle? Antão só se amansa o que não é brabo? Ora, acóche a orelha do bicho, que o resto é comigo!

O outro campeiro falou mais compassado:

— Não é por desfazer na sua destreza, seo Chico, mas comtanto que este burro paranista vai dar trabalho. Antes é melhor que a gente quebre o macho, vancê despois repassa, ou nem isso: vancê por fim dá os galopes. O ruão é descangicado, seo Chico: veja só o brasure que tá nos olhos delle!

Foi tudo tempo perdido. O Chico Só pegou num cabo de relho, amarrou na cabeça um lenção de ramagens, de um pulo atirou-se aos arreios, e mandou que soltassem o animal do palanque:

— Bamo' ver de que porte é o pulo deste macho!

E o macho saiu encapotado, roncando, de lombo teso e cóla encolhida, batendo as mãos na grama rala e no pedregulho do piquete, fazendo o rumor descompassado de ña matraca sem governo. Saltou, a mãos juntas, para uma banda e para outra, abaixou o lombo e ergueu a cóla, rompeu á disparada para frente, avizinhou-se do palanque, relou-o para descarregar o cavalleiro, torceu á direita, e de repente estacou. Tinha o pello todo arripiado e os olhos escandecidos numa grande raiva. Mordia a tira de sola crua que sentia entre os dentes. Trocava as orelhas. Ia atirar-se para a lisura de uma restinga de pedra.

Mas o Chico Só deu-lhe um galeio violento ao barbicacho e uma pancada de cabo no alto da cabeça. O ruão tonteou, bambeava as curvas e ia afocinhar entre as hervas, quando um saccão das guias do barbicacho o reteve e o desviou para o lado. O peão gritou aos campeiros, quando elle fitou de novo as orelhas:

— Agora vai a ferrage': vejam que musga tão boa!

E riscou-lhe, da cara ás ancas, o corpo todo a chilenas. O macho urrou desabaladamente, apavorando o silencio apalermado das coisas; depois, velhaqueando de roda e batendo as orelhas, arremetia para cima, para o ar, esperando que o cavalleiro se lhe despegasse do lombo: e o cavalleiro picava-o, ainda e sempre, com os estrellões das esporas, tirando-lhe já sangue do pescoço, do vasio e dos quadris...

Houve instante, afinal, em que o burro chucro extendeu mãos e pernas, gungunando como um negro mina, suando agua e sangue, no geito de quem se escóra para não ir adeante nem atraz: e o Chico Só remaniscou da sella para o chão, tendo na mão esquerda as tiras do barbicacho, enquanto os campeiros se acercavam, para o desarreio e o descanso do ruão quebrantado e entregue.

A estrada, fóra do piquete, enchera-se de gente extraña. Como em todos os tempos, a gente extraña queria approximar-se do vencedor, no momento em que elle acabava de vencer. Ia um vozear desordenado entre os observadores, gritos de admiração, e quasi de susto ainda, erguiam-se para o socego do cercado, e certa mulher disse á nh'Anna do Lopes, que fitava os olhos escancarados no vulto do Chico Só:

— Aquelle um, minha camarada, é secco na passóca! E' um home de sola e vira! Faz o que quer de si e dos mais: a mo' que recebeu toda a benção de Deus!

Foi por via daquella domação de um burro de flor que a nh'Anna, filha mais velha do Candinho Lopes, se entusiasmou pelo Francisco das Neves, tão destro e vivo rapaz, que desde muito cedo lhe puzeram o appellido de Chico Só. Caía-lhe bem o appellido: era moço que não engeitava trabalho algum, gostava de se divertir nos ajutorios e nas funcções da vizinhança e, sem roncaria nem farofas, botava o peito a qualquer homem, por mais sacudido que fosse. Não tinha comparação com os outros, porque era o melhor de todos: por isso andava apartado...

Ella, a nh'Anna, desde menina fôra o vidro do pae: não havia vestido bonito que o Candinho lhe negasse, nem sapato de luxo que lhe não viesse parar aos pés. Mostrou, certa vez, vontade de ter um pente de ouro para o cóque do cabello: e o Candinho mandou-lhe vir, não só aquelle pente, como um punhado de outras joias — brincos, pulseiras e ganchos, coisa que até ninguem achou direito.

Porque o Candinho, a falar verdade, não era homem de muitas posses: tinha alguns selamins de terra bem aproveitados, herança já de pae e de avô, mas, tirante aquella terra e as bemfeitorias, e o sumo que ellas davam, só lhe restava o dia e a noite. Entretanto, si lhe notavam de desatinados similhantes exageros por ña moça, que no fim das contas, ia ser tão pobre como as outras, elle respondia com todo o gaz:

— Home', eu não tenho mesmo quaji nada. Mas porêm pissuo este meu sanguinho, a nh'Anna, que é a minha riqueza no mundo: já vê que hei de tratar com todo o carinho a riqueza unica que eu tenho, pois não é?

Fosse como fosse, a nh'Anna cresceu á vontade: nunca sentiu falta de nada, nem que lhe saisse contra. Agora, apaixonando-se pelo Chico Só e sabendo que elle era um rapaz opinioso, que não se deixava levar por teimas ou por mandos, mudou de geito na vida. Quando o encontrava, nalguma resa em casa dos arredores ou nalguma dansa de baile, não levantava o olhar com soberbia, nem falava alto e forte: conversava uma conversa moderada, virava-se para elle com modos de respeito, e chegou uma vez ao ponto de não querer dansar com um moço bem apessoado e bonito, porque o Chico Só tinha olhado para o tal moço com maneiras de quem o aborrecia.

A paixão lavrou depressa: não podia passar muitas horas longe delle, esperava-o á porta com flores no cabello, no peito ou na cinta; e ficava a acompanhá-lo com os olhos, tempo esquecido, até que o vulto desapparecesse no caminho e sobre o caminho caisse toda a poeira que aquelle vulto erguera na passagem. Quantas vezes o sol a cobrira de ouro, vendo ella o Chico Só a sumir na lonjura de um morro, e a lua viera cobril-a de prata, sem que ella se afastasse ainda da porta, namorada e sonhadora!...

E o Chico Só ficou perdido de amores por ella. Fez-se folgazão de viola, para poder inventar-lhe versos cheios de ardor e esperança, no momento de encabeçar as modas de catira ou de cantar um samba novo. Deu em não perder a missa dos domingos, porque ella aos domingos ia sempre á missa. Mandou preparar uns arreios de prata para sua montaria, porque tinha de passar e queria passar por perto della todo santo dia, duas e tres vezes. Até pegou a usar gravata sobre a gola das camisas de bolso, um laço de borboleta, como a nh'Anna gostava. Perdeu o somno, varias noites, pensando nella, e foi ver, varias vezes, o romper do dia e a moça, em frente á casa della, que nem um pobre vagabundo das estradas...

Quando viu que já não aguentava mais aquella vida e estava em termos de perder o juizo, resolveu casar quanto antes. O Nico, seu companheiro de criação, intentou afastal-o:

— Chico, a moça não lhe serve: é moça de muito mimo, cheia de vontades, gastadeira e amiga de luxar. Não lhe serve. Despois usa flor na cintura, de vez em quando, e você bem sabe que mulher que bota flor na cintura não presta.

Como o Chico Só levantasse uma hombreira, o Nico insistiu com toda a força:

— Quer saber o que mais? Alembre-se bem do que dizia o Firmino Gordo; mula estrella e mulher faceira, o diabo queira!

O Chico Só era um rapaz opinioso: quiz casar e casou. Não tinha que dar satisfacções a ninguem. Cada qual sabe de si, e Deus de todos: elle é que havia de escolher o que lhe convinha, não os outros. A sorte é uma coisa baça, que ninguem sabe o que vai ser mais tarde — si muita claridade, si muita escuridão...

Fez-se-lhe a vida um céo aberto! Durante mezes e durante annos, correu-lhe tudo em mar de rosas: a nh'Anna, despachada e alegre, vivia pela casa cantando, e, com toda a sua graça e toda a sua belleza, parecia uma figura encantada de livro de historias. O Chico Só gastava horas e horas a contemplal-a commovido, com ares

de eterna maravilha no fundo dos olhos e uma ternura constante no fundo do coração.

Foi assim que um dia, mal que o sol apontára e a casa não tinha ainda percebido o arraiar da manhã, elle se achou a miral-a demoradamente, como nos primeiros dias de casado, enquanto a nh'Anna dormia a somno solto sobre o travesseiro alto, vestido de fronha branca, as tranças castanhas de nh'Anna haviam fechado um ninho, dentro do qual uma das mãos parava meio cerrada. E o Chico Só pensou tanta coisa, tanta coisa, que uma lagrima e logo depois outra, e muitas mais, logo depois, começaram a descer-lhe pelo rosto:

— O que é isso, o que não é, seo Chico (falou-lhe a nh'Anna, acordando) : você chorou neste sofragante ? Si chorou, porque chorou ? Alguma dor anda escondida no seu coração ?

Elle abraçou-a como quem sai dum pesadelo :

— Nada, nada, nada : eu 'tava tão feliz, olhando o seu somno quieto, e pensando com tamanho amor em você, que num supetão fiquei desesperado, cuidando que um dia posso perder toda esta minha felicidade, que é você mesma...

A nh'Anna riu-se rindo-se. Viu que lhe tremia nos olhos uma lagrima ; admirou-se ; ficou um instante pensativa : e ia procurar a lembrança dalgum sonho derradeiro, quando a lagrima emprestada, que era do Chico Só, lhe desceu de vereda pelas faces, até a bocca :

— Uiai, que choro amargo, Senhor Deus de misericordia !

Levantou-se, abriu a janella do quarto. O Chico olhou para a estrada, e uma sombra escura lhe passou por todo o rosto, no mesmo instante :

— A Balancia por estes mambembes ! Que malvadeza estará fazendo similhante creatura ? Uma leva-e-traz, ver a Balancia, não é por boa coisa que passeia no bairro ! Ai ! onze letras do inferno, si alguém te pilha no olho duma enxada !

A sombra escura sumiu, quando a Balancia se derreteu atraz da contra-vertente. E o Chico Só suspirou desafogado. Ensilhou o ruço cardão, disse até logo á nh'Anna, tomou o rumo da invernada. Ia sózinho e alheiado, e topou, na dobrada do espigão, com o Nico tambem sózinho e a cavallo, que parecia esperal-o :

— Ora viva, que ninguem agora cansa os olhos em lhe ver ! O que foi que aconteceu ? Você não dá copia do seu semblante ? E' réiva ? E' queixa ? E' briga ?

O Nico foi-lhe caminhando bem a par da montaria, com a testa franzida e muita amargura na bocca triste:

— Tenho fugido, Chico, tenho fugido: eu nunca não quiz que fosse eu o premeiro a dar-lhe uma noticia rúim. Esperei que você mesmo adivinhasse as coisas e fizesse o ensino perciso. Mas porém você não percebeu nada, e o arraial anda-se rindo por sua conta.

— Por minha conta?

— Sim, por sua conta: o Berto remexe por estes ermos, quando você 'tá longe, porta na sua casa, entra na sua casa e fica na sua casa feito o dono, enquanto você 'tá p'r'o campo ou na invernada, inocente de tudo.

— Misericordia de meu Deus! Você imagina, só p'r'amor de ser meu malungo, que pôde levantar um falso na nh'Anna, sem mais nem menos, e que o marido da nh'Anna escuta o falso e não faz [nada]? Você não conhece mais o seu irmão de cria? Pois antão ha de conhecer o marido da nh'Anna!

[Estavam á beira de uma barroca, longe da estrada real e já nas cercanias da invernada. Em baixo, quasi tão azul como a tabatinga da barra, brilhava ao sol a agua pequenina e socegada de um ribeirão. O Nico attentou por momentos na serenidade da agua escassa:

— Não fique colerado, Chico! Eu sou do seu coração e você é do meu: não fique brabo! Eu só posso querer o seu bem, não quero o seu mal. Dês que a Balancia 'garrou a ser onze do Berto, a nh'Anna perdeu o socego, todo o mundo sabe, e despois perdeu tambem a vergonha. Você me perdoe, Chico, mas eu lhe falo é p'ra limpeza da sua cara!

Então, como um demente, o Chico Só despenhou-o pela barroca, rugindo e com os dentes a retremer entre os labios convulsos:

— E' deste feitio, seo desgraçado, que eu prego uma lição em quem tem a corage' de pôr uma nodea na honra da nh'Anna.

Os animaes ficaram soltos ao pé da barroca deserta. O Chico Só não se lembrou de que talvez estivesse a correr perigo de vida quem por elle, mundo afóra, mais de uma vez expuzera a sua. Veiu desandando a estrada a pé, com o cabo de relho na mão direita e o chapéo desabado na testa, distraido e afastado de si mesmo, na agonia da furia e na ancia do espanto.

Chegou ao terreiro de casa por um caminho de extravio, entrou no mangueiro pé ante pé, como quem não era esperado e vai fazer uma surpreza de muita satisfacção. Só voltaria pelo fechar da tar-

de, e voltava antes do meio-dia, que nem um criminoso, que nem um namorado. Fez rumo para o quarto dos arreios, acocorou-se a traz da caixa do milho, e poz-se a banzar, a banzar...

Aquillo tudo era inveja: a nh'Anna, geitosa e bem falante, dava sota e basto ás mais bonitas do arraial. Vestia com gosto, calçava bem, e não trazia a cabellada secca e sem cheiro como as outras. Era desempennada, tanto dansava um baile como um fandango, puxava o terço com a voz mais macia de todo aquele pedaço de mundo. Inveja tudo!

Como acordára antes do tempo e antes do tempo se levantára, vinha-lhe agora uma bambeza de corpo, um calor de aconchego brando, uma preguiça leve e suave. Ia recostar a cabeça a um monte de espigas, e já desceira para a nuca o chapéu de campeio, quando ouviu rumor de passos na estrada, junto á cerca, no mangueiro, perto de casa. Fitou o ouvido, ageitando-se melhor entre o milho, como quem receiava ser descoberto mais de pressa que o necessário. Só podia ser a nh'Anna, com aquelle vestido branco de pingos côr de rosa, alguma flor ainda fresca no cabello e um bando de palavras boas na bocca apaixonada...

Mas o rumor de passos parou ao pé da porta. E a voz da Ballancia falou cautelosamente para a sala de jantar, como uma voz que sabe bem a viagem que tem de fazer:

— Nh'Anna, você não quer que leve hoje argum recado p'r'o Berto?

VALDOMIRO SILVEIRA

---

---

UMA PHASE DA LITERATURA BRASILEIRA

---

# O MODERNISMO<sup>(1)</sup>

---

O Movimento de idéas que antes de acabar a primeira metade do seculo XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intellectualismo de Taine e Renan e que jandas correntes do pensamento, que influindo na literatura deviam pôr termo ao dominio exclusivo do Romantismo, só se encontrou a sentir no Brasil pelo menos vinte annos depois. Successos de ordem politica e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui. Foram, entre outros, ou os principaes: a guerra do Paraguay, acordando o sentimento nacional, meio adormecido desde o fim das agitações revolucionarias consequentes á independencia e das nossas lutas no Prata; a questão do elemento servil, commovendo toda a nação, e lhe despertando os brios contra a aviltante instituição consuetudinaria; a impropriamente chamada questão religiosa, que alvorocou o espirito liberal contra as velleidades do ultramontanismo e abriu a discussão da crença avoenga, provocando emancipações de consciencias e abalos da fé costumeira; e, finalmente, a guerra franco-alleman com as suas consequencias, despertando a nossa attenção para uma outra civilisação e cultura que a franceza, estimulando novas curiosidades intellectuaes. Certos effeitos inesperados da guerra do Paraguay, como o surdo conflicto que apenas acabada surgiu entre a tropa, demasiado presumida do seu papel e importancia, e os profundos

---

(1) — Este artigo é um capitulo da "Historia da Literatura Brasileira" do autor, que deve aparecer este anno editada por Francisco Alves & Cia., em cujos prelos se acha.

instinctos civilistas da monarchia, não foram sem effeito neste momento da mentalidade nacional. Tambem a revolução hespanhola de 1868 e consequente advento da Republica em Hespanha, a queda do segundo imperio napoleonico e immediata proclamação da Republica em França, em 1870, fizeram resurgir aqui, com maior vigor do que nunca, a idéa republicana que desde justamente este anno de 70 se consubstanciára num partido com orgam na imprensa da capital do Imperio. Esta propaganda republicana teve um pronunciado caracter intellectual e interessou grandemente os intellectuaes; pode dizer-se que toda a sua parte moça, ao menos. Outro caracter da agitação republicana foi o seu livre pensamento, se não o seu anti-catholicismo, por oposição á monarchia, oficialmente catholica.

Actuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciencia, pela commoção causada nos espiritos aptos para lhes soffrer o abalo, estes differentes successos produziram um salutar alvoroço, do qual evidentemente se resentiram o nosso pensamento e a nossa expressão literaria. A's idéas, nem sempre coherentes, ás vezes mesmo desencontradas daquelle movimento, fautoras tambem nos acontecimentos sociaes e politicos apontados, chamámos aqui de modernas: expressamente de "pensamento moderno". A novidade que tinham, ou que lhes enxergavamos, foi principalissima parte no alvoroço com que as abraçavamos. Na ordem mental e, particularmente literaria, os seus effeitos se fizeram sentir numa maior liberdade espiritual e num mais vivo espirito critico.

Foi um dos seus principaes agentes, mórmente no Norte do paiz, onde então a vida intellectual, com o seu centro em Pernambuco, tinha certa actividade, Tobias Barreto, já atrás estudado como poeta. Eis como o porventura mais intelligente dos seus alumnos, o sr. Graça Aranha, no estylo com que a nossa gente se excusa aclarificar as proprias idéas e se embriaga de palavras, lhe diz o feito insigne: "Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscipulos não comprehenderam e de cuja immensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um ciclone a somnolenta Academia do Recife. Elle invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidavel composição entram doses gigantescas de calor, de luz e de todas aquellas ondas de vida que o sol transfunde regiamente ao sangue

mestiço... Tinha a exhuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia estranho a todo o calculo mesmo o da sua reputação de além tumulo, o prodigioso dom de fantasiar, o "fabuliren" dos criadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecera como o traço vivaz do seu caracter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo, foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu musico e poeta. E mais tarde quando lhe chegar a cultura, ella virá na barca fantastica da poesia. E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento que Tobias Barreto passou da arte para a philosophia. O pensador nelle é uma modelação do vate. Transportará para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da adivinhação, o improviso milagroso, a necessidade de idealisar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente de intuição e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas apenas entrevistos no prisma da sua visão é mais a criação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. E' preciso que o sangue corra longamente, durante seculos, numa infinita descendencia para que o precipitado das forças originaes do nosso espirito seja a idealização scientifica. O maximo, o que por emquanto podemos attingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a philosophia através das cores solares da poesia." (1).

Esta pagina, aliás bella, é por mais de um titulo preciosa. Primeiro como documento do nosso gosto do verbo pelo verbo, quanto mais pomposo e rutilante mais amado, "immensa reputação", "abalava como um ciclone", "formidavel composição de um tempeamento", "doses gigantescas", "prodigioso dom de fantasiar", "a magia da adivinhação", "o improviso milagroso", "os vastos descortinamentos", e tudo o mais assim magnificado e exorbitante. Nunca os maximos pensadores dos grandes paizes de alta cultura, um Kant, um Spencer, um Comte lograram ser assim tão grandemente celebrados pelos seus compatriotas.

Mas é sobretudo precioso este discurso por que o proprio vago e ambiguo desta representação de Tobias Barreto e sua obra revê o

(1) — "Discurso da Academia Brasileira" na "Revista" da mesma Academia, janeiro, 1911, p. 183.

incerto e equivoco dessa figura e dessa obra, ainda hoje ambas mal definidas, graças principalmente aos seus indiscretos panegiristas. Já vimos em que verdadeiramente lhe consistiu a acção, que, ainda reduzida a essas proporções, foi todavia consideravel, como estímulo e impulso. As nossas academias ou faculdades superiores foram desde o meio do seculo passado os principaes fócos da nossa actividade literaria. Dessa origem lhe virá a fraqueza dos resultados, a sua imperfeição e inconsistencia. A nossa literatura desde o romantismo foi principalmente feita por estudantes ou moços apenas sahidos das faculdades, com pouca lição dos livros e nenhuma da vida. Nellas se geraram quasi todos os nossos movimentos literarios, e todas as novidades de ordem mental, como era natural, acharam nellas terreno adequado, tanto para o joio como para o trigo. Foi sobretudo mediante os seus alunos do Recife, literariamente deslumbrados pela facundia do professor, deslumbramento augmentado da sympathia que lhes inspiravam os seus habitos bohemios e alguns dos seus mesmos defeitos, tudo levado á conta de poesia ou philosophia, que Tobias Barreto influiu na mente brasileira. Sem outra originalidade talvez que a do seu verbo, como elle desordenado e exuberante, sem nenhum saber scientifico realmente solido, agitou, entretanto, uma porção de idéas novas, pregou ou doutrinou concepções desconhecidas da maioria, citou, com enfaticos encomios nomes allemães e russos de quasi todos ignorados, e cujo valor rarissimos podiam verificar, e firme e desassombradamente proclamou a necessidade de refazermos completamente a nossa cultura em outras fontes que aquellas onde até ahi principalmente bebiam, as portuguezas e francezas. A estas não conseguiu aliás que de todo as deixassemos, pois nellas é que sobretudo bebemos ainda. Não foi, porém, inteiramente perdido o seu reclamo. Concorreu muito para entrar comosco a duvida salutar de que as nascentes tradicionaes da nossa cultura não seriam as unicas beneficas, e a curiosidade do nosso espirito se alargou consoantemente. Basta isso para lhe assegurar um posto proeminente na nossa evolução literaria, ou antes cultural, sem necessidade de lhe exagerarmos o valor da obra.

Esta é fragmentaria e dispersiva, e não guarda outra unidade que a da inspiração a caso mais lyrica que philosophica, do seu genio e da sua fé na superioridade da cultura alleman e na legitimidade da sua hegemonia. Em estylo descomposto como lhe era a

vida, numa forma muito pessoal, e por isso mesmo viva e interessante, com propositada ou congenial carencia daquelle urbanidade de que os latinos faziam uma virtude literaria, escreveu dezenas de opusculos, artigos e ensaios. *Theoria literaria, critica, philosophia, sociologia, religião, direito, psychologia, literatura comparada, philosophia scientifica, biologia, historia, em summa de "omni re scibili"*, tudo versou nelles. Esta affectação de saber universal, sempre suspeito num pure autodidata, realçado em verdade por um grande e sincero calor de exposição, em que superabundavam provas de talento, abalou a mocidade da escola onde professava e por ella boa parte da mentalidade moça do paiz. Livro não publicou em vida mais que os "Estudos allemães", collecção de artigos diversos e "Menores e Loucos", monographia de direito criminal. A maior parte da sua obra sahiu postuma. A sua acção foi sobretudo oral, a do seu ensino, dos seus discursos, das suas palestras, e reflexa, operada por intermedio dos seus discípulos. E de facto se não exerceu e tornou sensivel com prioridade que lhe assegure a primazia de precursor do movimento modernista aqui. Sem falar dos seus annos de estudante no Recife (1862-1871) em que "cultivou preponderantemente a poesia" (1) a sua acção util só verdadeiramente começou com o seu professorado alli em 1882. Os dez annos anteriores (1871-1881) passara-os elle na pequena cidade pernambucana da Escada, obscuro e desconhecido. Nesse logarejo, que não era nenhuma Weimar, publicou opusculos em portuguez e allemano. Destes ultimos seria elle proprio um dos rarissimos leitores, porque, segundo nos exprobrava como de uma infamia, não havia aqui então mais que umas escassas duzias de pessoas que lessem essa lingua. Esta excentrica actividade literaria da Escada não teve nenhuma publicidade e menos repercussão. Só foi lembrada quando Tobias Barreto se tinha feito conhecido como professor no Recife e começava a criar proselitos. Ninguem, que de todo não ignore as condições da nossa vida intellectual admittirá a influencia de um escriptor, por mais genial que o supponhamos, cuja actividade se exerce esporadicamente e fragmentariamente, em magros folhetos e ephemeros periodicos, numa cidade sertaneja. Sómente em 1882 começou, pois, a acção de Tobias Barreto a se fazer sentir, e de primeiro exclusivamente no Recife.

---

(1) — "Discurso citado", 185.

Antes disso, porém, desde os primeiros annos do decennio de 70, e sob as influencias notadas, manifestava-se no Rio de Janeiro o movimento modernista. Foi nos proprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento allemão e tambem pelo inglez, que começamos desde aquelle momento a instruir-nos das novas idéas. Influindo tambem em Portugal, criára alli a cultura alleman uma pleiade de escriptores pelo menos ruidosos, como Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Joaquim de Vasconcellos, Anthero de Quental, Luciano Cordeiro, amotinados contra a situação mental do reino. Além destes, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, vulgarisavam nas "Farpas", com mais petulancia e espirito do que saber, as novas idéas. Todos estes, aqui muito mais lidos do que nunca o foi Tobias Barreto, actuaram poderosamente a nossa mentalidade. E o movimento coimbrão, como se chamou á briga literaria do "Bom senso e bom gosto", pelos annos de 60, teve certamente muito maior repercussão na mentalidade literaria brasileira do tempo do que a pseudo escola do Recife. Muito mais daquelle movimento do que da influencia de Tobias Barreto derivaram a "Literatura brasileira" e a "Critica moderna" (1880) do sr. Sylvio Roméro, e bem assim os seus primeiros estudos da historia da literatura brasileira. O positivismo comtista inaugurava aqui em S. Paulo a sua propaganda, primeiro sómente do aspecto scientifico da doutrina. Essa pregação convencida, tenaz, teve desde logo a seu lado, a prestigial-a, alguns bons sabedores das sciencias positivas, particularmente das mathematicas. E em 1875, estranho a qualquer influencia do excentrico philosopho da Escada, um velho diplomata, Araujo Ribeiro, (visconde do Rio Grande) publicava no Rio de Janeiro o seu volumoso livro "O Fim da Criação", o primeiro de doutrina darwinista, se não materialista, escripto no Brasil.

Na mesma decade entrou a instrucção publica a ocupar mais seriamente a attenção dos governos e do publico. A Typographia Nacional tirava em volume as traducções dos livros de Hippelau sobre o ensino publico nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Prussia. Reformava-se procurando-se desenvolver o Collegio de Pedro II, unico fóco de estudos classicos que possuimos, hoje quasi extinto. Criavam-se conferencias e cursos publicos, onde se começaram a agitar as novas idéas phylosophicas, scientificas e literarias. Remodelava-se o antigo curso da Escola Central organisando-se a Escola Polytechnica, accrescentando-se-lhe aos cursos profissionaes

as duas importantes secções de sciencias physicas e naturaes e sciencias physicas e mathematicas. Para reger as novas cadeiras vieram da Europa professores especiaes, como o physico Guignet, o physiologista Couty, o mineralogista e geologo Gorceix, logo depois incumbido da fundação e direcção da Escola de Minas de Ouro Preto, nesse tempo criada. Tambem o ensino medico foi reformato, accrescido de materias e cadeiras novas. A reforma que igualmente soffreram o Museu e a Biblioteca Nacional determinou maior actividade e um mais util effeito destas velhas e paradas instituições. O Museu começou a publicar os seus interessantes "Archivos" era cujos tres primeiros volumes (1876-1878) se encontram trabalhos originaes de antropologia, physiologia, archeologia e etnographia e historia natural de sabedores brasileiros, Lacerda, Rodrigues Peixoto, Ladislau Netto, Ferreira Penna, e estrangeiros ao serviço do Brasil, Hartt, Orville Derby, Fritz Müller e outros. Simultaneamente com os "Archivos do Museu" vem a lume os "Annaes da Biblioteca Nacional", ricos de informações bibliographicas, de eruditas memorias e de monographias interessantes para a nossa historia literaria e geral. Nos "Ensaios de Sciencia" (1873) Baptista Caetano de Almeida Nogueira funda o estudo das linguas indigenas brasileiras segundo os novos methodos da sciencia da linguagem, recriada pelos allemães, tirando-o do fantasioso empirismo em que até então andou. Os "Estudos da Historia do Brasil no seculo XVI" (1880), não obstante o seu exiguo tomo, revelavam no sr. Capistrano de Abreu raras capacidades, posteriormente confirmadas por outros trabalhos originaes de anthropologia, physiologia, archeologia e etnografia de Varnhagen quasi que entregues á pura improvisação. Pelo fim do mesmo decennio, Araripe Junior, um dos melhores espiritos desse momento, começara a publicar o seu perfil literario de "José de Alencar", uma das obras captaes na critica brasileira, e no prefacio da primeira edição, em 1882, declarava que a reconstituição das suas idéas datava de 1873. No Ceará, donde era e onde residia Araripe Junior, formara-se por aquelle tempo um grupo literario composto delle, de Capistrano de Abreu, do malogrado Rocha Lima, de Domingos Olympio, de Thomaz Pompeu e d'outros nomes menos conhecidos, grupo ledor de Spencer, Buckle, Taine e Comte e entusiasta das suas novas idéas. Esse grupo ficou estranho á influencia da Escada e precedeu de dez annos a do Recife. O "José de Alencar" de Araripe Junior inspirava-o manifestamente o criterio critico de Taine, como o "Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento

no seculo XVI" (1883) de Capistrano de Abreu o evolucionismo spenceriano. Em 1874 um medico de São Paulo, o dr. Luiz Pereira Barreto publicava sob o titulo das "Tres philosophias" a exposição e discussão, que ficou aliás incompleta, dos tres estados do espirito humano, conforme a doutrina de Augusto Comte. E as questões historicas, philosophicas juridicas, politicas e ainda culturaes que se prendem ao grave thema do poder e autoridade do papa e das suas relações com o seculo eram, em 1877, larga e eruditamente discutidas pelo sr. Ruy Barbosa numa copiosissima introdução á sua versão para o portuguez da obra alleman do conego Doellinger, "O papa e o Consilio". Nessa prefação o sr. Ruy Barbosa revelava, aca- so excessivamente, a vastidão da sua literatura não só franceza ou alleman mas universal.

Destes factos não é lícito se não concluir que a acção de Tobias Barreto, comquanto consideravel, não foi tal qual se tem presumido, e que effectivamente só entrou a exercer-se pelo anno de 1882. Então já no Ceará e em São Paulo pelo menos, e no Rio de Janeiro, desde o principio do seculo passado o nosso centro intellectual mais consideravel, manifestamente se desenhava o movimento a que tenho chamado de modernismo. Principalmente reflexa, a acção de Tobias Barreto nesse movimento operou-se mediante os seus discípulos imediatos, dos quaes um ao menos, o sr. Sylvio Roméro teve consideravel influencia na juventude literaria dos ultimos vinte annos do seculo passado. No empenho, aliás sympathico na sua inspiração, de o exaltarem, inventaram uma "escola do Recife", do qual o fizera instituidor. Não viram, como atiladamente nota o mesmo sr. Graça Aranha, que "a força singular desse homem estava na genialidade poetica por onde lhe veiu a intuição scientifica e a phylosophica" e que "essa genialidade, essa imaginação faltaria aos seus discípulos por que ella era uma expressão puramente individual e que se não repete... Extrahiriam dos livros e das phrases do mestre apenas as formulas audazes, confundiriam a satyra com a seriedade do pensamento, tomariam os vagos delineamentos por conclusões definitivas e espalhariam numa lingua barbara a dogmatica doutrina para as quaes não teriam nem a sciencia, nem a advinhação prophetica". A "escola do Recife" não tem de facto existencia real. O que assim abusivamente chamaram é apenas um grupo constituido pelos discípulos directos de Tobias Barreto professor diserto e, sobretudo, ultra-benevolo, eloquente orador literario e poe-

ta facundo, mais do que de Tobias pensador e escriptor. Cumpre, aliás, repetir, que esse grupo, salvo immigrações individuaes posteriores, restringiu-se ao Norte, donde era a maxima parte de seus alumnos, e mais exactamente a Pernambuco.

Mas ainda reduzida a estas proporções, que me parecem as verdadeiras, a figura de Tobias Barreto e seu papel na nossa literatura, ou mais exactamente na nossa mentalidade, é relevante. Elle actuou duplamente, primeiro, e acaso principalmente, como demolidor dos nossos valores mentaes que pela sua propria immobilidade se tornavam um impedimento ao nosso progresso espiritual, depois como uma força de estimulo e reforma para essa mentalidade. Aponhou, se não abriu, caminhos novos e novas direcções á nossa intelligenzia, criou discipulos em quem se lhe fructificaram os ensinamentos e cuja accão foi consideravel, suscitou discussões e polemicas com que agitou o nosso meio intellectual, em summa, deu um forte e util abalo ao nosso pensamento, como quer que seja no momento inerte. Não foi, porém, nem um sabio, nem um pensador original ou profundo. O seu darwinismo não podia ser senão de méra predileccão sentimental. Carecendo da instrucção scientifica, e especialmente biologica, para apreciar idoneamente as doutrinas de Darwin e seus discipulos ou emulos não podia, sem impertinencia, pronunciar-se sobre elles e menos professal-as. Aliás quasi todos os nossos pseudo philosophos evolucionistas, transformistas ou darwinistas c foram, como elle, de palpite. Um principio, um conceito, uma idéa sua, não se lhes conhece naquelles dominios. Não fez de facto, se não expor, ao que parece com grande eloquencia professoral, em todo caso, mesmo escrevendo, com grande calor communicativo, e arrogancia propria para impor, o que em phylosophia, em critica, em literatura, em direito faziam os allemães, por cuja cultura se enrabichou com exclusivismo pouco abonatorio do seu espirito critico. Como a sua pregação endereçava-se a um publico para que a Alemanha sob o aspecto da cultura, era "terra incognita", e mais um publico principalmente constituido de rapazes tão ignorantes como facilmente impressionaveis, nada mais facil do que alcançar fóros de oraculo.

O modernismo de que, em todo o caso, foi elle aqui um dos principaes autores, producto de forças heterogeneas, teve tambem desencontrados effeitos na ordem literaria: na ficção em prosa deu o naturalismo, ou melhor favoreceu o advento do naturalismo fran-

cez; na poesia simultaneamente o parnasianismo e a extravagancia da chamada poesia scientifica. Em outras ordens de actividade, na phylosophia, na critica, em sociologia, em historia, influiu com outros methodos e por ventura mais esclarecido entendimento. Mas tambem, e em maior numero talvez, produziu repetições descoradas ou desageitados arremedos do que nesses ramos de conhecimento se fazia lá fóra. Desvairando, porém, a nossa fraca sciencia deu logar ao que Herculano chamou com propriedade de "gongorismo scientifico". Acaso o seu mais util e notavel effeito foi, apesar destas maculas, o desenvolvimento do espirito critico. Effectivamente nesta phase da nossa literatura mais que em qualquer das que a precederam se nos depara esse espirito e as vezes de boa qualidade. Fóra, porém, da poesia e do romance, ou da oratoria parlamentar, justamente em plena e brilhante florescencia nos ultimos vinte annos do Imperio, não produziu um conjunto de obras que se possam agrupar sob uma qualificação particular ou ligadas por qualquer pensamento ou idéa geral commum. A mais consideravel sahida desse movimento, menos aliás por virtudes intrinsecas, que pelos seus effeitos, e essa producto directo do estylo criado em Pernambuco por Tobias Barreto, mas concebida e realisada no Rio de Janeiro, é, talvez, a já citada "Historia da literatura brasileira" do sr. Sylvio Roméro (1888).

O romance romanesco e nimicamente sentimental de Alencar, Macedo ou Bernardo Guimarães, quando já o naturalismo francez não era uma novidade, acabara por, ainda em antes deste movimento, ceder o passo ao de Taunay, Machado de Assis, e Franklin Tavora, unicos dos romancistas sucessores daquelles que fizeram uma obra equivalente á sua. Esta, porém, salvo no segundo, era ainda como a dos romanticos, intencionalmente nacionalista, e em Franklin Tavora até propositadamente regionalista. Sómente continuando com o nacionalismo literario estes, e outros que os acompanharam o fizeram com attenuação da formula romantica dominante. Elles pertencem antes á ultima phase do romantismo. Os verdadeiros naturalistas segundo as receitas francesas já aviadas em Portugal por Eça de Queiroz e seus discipulos vieram depois, quando esses ultimos romanticos iam em meio da sua carreira literaria, e até quando o naturalismo entrava já a declinar em França.

JOSÉ VERRISSIMO.

---

## FACTOS E IDEAS

---

Duas palavras, para começar.

No tempo de Molière mal se comprehendia o exercicio da medicina sem o uso do chapéu ponteagudo e sem falar latim. Esse discretear em linguagem mysteriosa e incomprehensivel — ás vezes mesmo por parte dos que a empregavam — tinha, ao que parece, uma influencia benefica e curativa nos enfermos da época.

Não mudaram, no fundo, as condições de então para cá. Affirmava, há poucos annos, respeitavel professor da escola de Minas de Pariz, em estudo que marcou data a respeito de organisação de ensino, que muita gente, no seu paiz, associava ao titulo e profissão do engenheiro a significação derivada de vocabulo francez "génie" que esse idioma emprega indistinctamente para qualificar o conjunto de um dos ramos da arte — génie militaire, génio civil — como para designar o talento superior. E entretanto, recordava Pelletan, é no termo bem mais modesto e característico de "engin" — engenho, apparelho, combinação de varias peças — que vamos encontrar a origem da parte da acção do homem sobre a natureza em que se celebrisaram os Leonardo da Vinci, os Stephenson e os Perronet.

Admira pouco por isso que os mesmos prejuizos tenham chegado até ao nosso meio. Sem falar nos anneis de formatura, nem nos medicos da "côrte" desfilando a alliviar a humanidade soffredôra sob o suppicio de banho turco que lhes era infligido pela cartola e traje preto de rigor, ainda não é raro ouvir classificar de "sciencia mathematica" aquillo que as nossas polytechnicas se encarregam de ensinar aos seus alumnos. Vestigio patente da influencia da França na nossa formação intellectual e traço da evolução por que passou essa nação, quando, ao despontar do seculo XIX, o estudo scientifico da construcção das pontes fez brotar enorme movimento na applicação dos conhecimentos scientificos, assinalado pela criação das grandes escolas a cuja influencia, deve o melhor de um dos mais gloriosos periodos da sua historia.

Nem por isso mudou o carácter da engenharia. Foi-lhe, é certo, de precioso auxilio o emprego da mathematica. Mas o engenheiro permaneceu sempre, em ultima analyse, o creador do engenho — machina, construcção, ou sistema — cujo rendimento, ou proveito a tirar, é o que mais lhe importa conhecer. D'onde, a concisa e pratica definição americana: "enge-

nharia é a arte de ganhar o mais dinheiro possivel com um mesmo dollar."

Alargou-se-lhe, com a concorrencia economica desenfreada do ultimo quartel, o campo de acção. Tornou-se essa acção, por necessidade, mais methodica com a applicação da sciencia, isto é, do "estudo das relações mutuas entre os phenomenos naturaes" a que esta ultima limita o seu domínio. Uma e outra combinaram-se e, por mutua reacção, á medida que se iam ambas tornando mais *indispensaveis* ás condições de existencia de todos, ficavam mais *accessiveis* á comprehensão de cada um. Passou a technica como ora se chama ao conjunto a ter sua applicação em todos os actos da vida corrente. Os que obedeceram aos seus dictames prosperaram e enriqueceram-se. Estão destinados a desapparecer os que a olharem com indifferença. Individuo ou nação, nação ou individuo, ninguem escapará ao dilemmna.

As despretenciosas chronicas que hoje encetamos vão tentar corresponder a essa realidade. Tornar patente a todos a necessidade a que acabamos de alludir. Mostrar que todos podem contribuir, na sua esphera de acção, para alcançar o exito almejado, que não é de forma alguma apanagio dos attributos excepcionaes de um só. Examinar sob o ponto de vista indicado, pela forma mais clara e comesinha que nos fôr possivel, os problemas que mais de perto interessam o nosso caso, no Brasil.

Melhor exemplo se nos não podia offerecer para tal fim de que o que adiante se encontra. Mostra elle como a verdadeira orientação scientifica pôde ser posta ao alcance de qualquer. Vão os leitores achar-se em contacto com uma obra em cujo inicio ninguem suspeitava, frete a frente aos tornos da officina mecanica que lhe servia de berço, achar-se a *genese* de um systema destinado provavelmente a revolucionar toda a nossa existencia anterior.

## I

## FREDERIC WINSLOW TAYLOR

Morreu em Philadelphia, a 21 de março ultimo, esse grande engenheiro norte-americano. A Havas, que acaba e muito justamente de consagraro ao passamento de Baccelli numerosos e extensos despachos, nem laconicamente se dignou transmittir a noticia. Tambem, quem aqui o conhecia? E' possível que nenhum dos que nos lêem. Certo, certissimo, muito poucos. O nome de Taylor está, entretanto, desde já destinado a figurar na galeria dos gennaeis bemfeiteiros da humanidade, ao lado de Watt e Pasteur, de Franklin e Liébig.

Não ha que admirar. Fazia notar Hirsch, no seu prefacio á traducção da historia da machina a vapor, de Thruston, ser mais facil encontrar minuciosidades a respeito das saias, das meias ou das ligas da Dubarry, do que informações sobre os pontos capitales referentes ao maravilhoso engenho que transformou politica e socialmente o aspecto do mundo. Ainda recentemente, um espirituoso ex-diplomata portuguez que collabora na nossa imprensa diaria e que parece não ter perdoado ao novo regimen a sua demissão por indebita ausencia do posto que occupava, entoava lôas ao estado de coisas

dos passados séculos. "Tudo ia bem até certa altura... De repente, tudo muda e a sociedade procura novas fórmulas de equilíbrio... Daí, os transtornos. É preciso que se torne a entrar nos antigos eixos..." "Como se fôr possivel dar contra-vapor á evolução industrial a que deu lugar a entrada em movimento dos novos meios de produção... O papel destes é assim frequentemente deixado de lado pelos publicistas. Repete-se, pois, a história por toda a parte e em todos os tempos.

Verdade seja, diga-se desde já, que ao próprio Taylor deve ser atribuída grande parte do silêncio feito em torno das suas obras e invenções. Em 1900, na exposição internacional, corriam os engenheiros de toda a parte, estupefactos, a ver trabalhar um torno cuja faca cortava peças de aço semi-duro, destacando cavacos de milímetro e meio de largura por cinco milímetros de profundidade, a razão de 45 metros por minuto. Três vezes mais do que se alcançaria até então! A ferramenta comum perdia toda a rijeza entre 250 e 350 graus — os novos aços empregados permitem alcançar sem alteração sensível 550 e 600. Julgou-se, durante muito tempo, que fôr esse enorme progresso, de que a nossa época começa — por assim dizer — apenas a recolher os imensos frutos, obra de puro acaso. Firmara-se até a lenda de que a negligência de um operário o provocara accidentalmente. Só em 1904 é que os primeiros documentos publicados vieram demonstrar serem os novos metais a resultante de estudos de natureza científica muito elevada, prosseguidos durante anos, e tendo exigido experiências sobre mais de 200 toneladas de aço de preço alto.

Cresceu a surpresa de ponto quando dois anos mais tarde, em 1906, o engenheiro se decide enfim a falar. Verificam então, e só então, os membros da sociedade americana dos engenheiros mecânicos, que o escolhera para seu presidente, ser a descoberta dos aços de corte rápido nada mais do que um capítulo de outra tarefa incomparavelmente mais ampla, levada a cabo durante vinte e cinco anos de esforços inteligentes, coordenados e perseverantes. Aos olhos do público, o aço de corte rápido fere profundamente a imaginação. Aos olhos do iniciado, porém, essa inovação que consagra Taylor definitivamente entre os grandes inventores, diminui de importância perante a extensão e o valor da sua "art of cutting metals". Para dar idéia, em linhas gerais, do que semelhante trabalho representa, faremos notar que o objectivo das máquinas — utensílios consiste em destacar um determinado peso de metal mediante a menor despesa. Tal despesa, ou preço de custo do kilo de cavacos obtidos, depende de grande número de factores, suscetíveis de variação. Foram esses factores na sua série de pesquisas enunciados um a um, com o máximo cuidado. De entre ellos, desprezados os inteiramente secundários, ficaram doze que indicaremos sumariamente para pôr em foco o intrincado da matéria. De um lado, a velocidade, composição, química, tratamento térmico, modo de resfriamento, forma da ponta e disposição do corpo da ferramenta; do outro a largura e a espessura do cavaco, a flexibilidade do corpo da máquina e a natureza do metal em obra. Obteve por fim o sagaz e paciente observador relações precisas entre esse tão grande número de variáveis. Chega a partir desse dia o construtor, em presença de um serviço a executar, a poder escolher, sem duvidas nem tentativas, as condições mais vantajosas ao caso que se lhe defronta.

E' de ver quão complexas devem ser tais relações. Acessível por esse motivo apenas a uma pequena parte do público e, de outro lado, publicado com uma negligência, talvez exagerada, de forma literária, o método que de per si bastaria para perpetuar um nome, passa despercebido daquelas que, na engrenagem da vida moderna, fabricam e desmantelam reputações. Combine-se essa circunstância com o silêncio interessado das empresas que auferiam os melhores resultados pecuniários da aplicação dos seus esforços, justapõem-se-lhes a modestia absoluta do homem, e veja-se como fomos

justos attribuindo a este ultimo grande quinhão na ignorancia do publico relativamente ao seu nome.

Grande, sim, mas não o mais consideravel. E' que não nos referimos até este momento senão a parte da obra dessa privilegiada cerebração. A sua passagem pelo mundo estava destinada a deixar outro traço, imperecivel, nos annaes da humanidade. E é verdadeiramente inexplicavel, reflectindo no que vamos percorrer da sua vida e accão, que os meios de publicidade de que dispõe o nosso tempo tenham deixado passar em claro uma existencia tão util, tão harmonica, tão perfeita. Industrialmente, revolucionou Taylor por completo a industria mecanica, proporcionando-lhe como mostrámos bases até então desconhecidas. Socialmente, estava-lhe reservada uma bem mais invejável missão, cuja fecundidade teria talvez sido desde o inicio irremediavelmente compromettida se áquelle crystallina intelligencia se não encontrasse associada a recta e inquebrantavel honradez de um caracter bom e affectuosissimo. Haviam-lhe grangeado essas excepcionaes virtudes immenso ascendente sobre os seus operarios; esse ascendente abriu caminho ao systema que o immortaliará.

Não menor era a san influencia que exercia sobre todos que delle se approximavam. "O exito do grande movimento de idéas provocado por Taylor é em maxima parte devido ao entusiasmo que conseguia inspirar aos seus collaboradores. Possuia extraordinario cabedal de bondade, cabedal que se dilatara através os mares, que se estendia sobre o periodo inteiro da sua existencia, que alcançava até o mais humilde dos trabalhadores da turma." "Ensinava-nos o culto do ideal; cessara de trabalhar para enriquecer e consagrara-se com todas as forças aos unicos progressos capazes de tornar os homens mais felizes. Era esta a sua maxima favorita: faz ao proximo, o que queres que elle te faça. Com razão dizia o padre Sertillanges num dos seus sermões em Paris: o amor de Deus é o systema Taylor da nossa vida interior." "A todos os seus discipulos que hoje se distribuem pela superficie do globo, desde a sminas de Moçambique e do Japão aos campos de batalha da Europa, dirigimos este suprêmo appello, convidamol-os a unirmo-nos para levar a cabo a obra de solidariedade inaugurada pelo nosso mestre, a trabalhar sem repouso para a melhoria das relações sociaes no commercio e na industria, empreza a que Taylor consagrou a sua existencia." As palavras que acabamos de reproduzir, proferidas por Cooke, director das obras publicas da municipalidade de Philadelphia, perante os restos mortaes de que em vida fôra Frederico Winslow Taylor, é o mais acabado commentario do que acima escrevemos.

Que obra era essa, de solidariedade e perfeição social, a que se referia o orador, em tão commovidos termos? Seria necessaria a pena de Smiles para fazel-a conhecer e collocal-a no logar que de justiça lhe cabe. Tentaremos dar-lhe, em pallido escorço, o relevo que nos for possivel; felizes nos reputaremos se conseguirmos interessar o leitor e leval-o a procurar novos particulares e melhores fontes de informação.

Renunciamos, com bastante pezar, a dar aqui as linhas interessantissimas da biographia de Taylor. Destacaremos, do bello artigo que Baker lhe consagrou — *American Magazine*, março de 1911 — apenas um traço que vae servir-nos na marcha que pretendemos seguir. Revela-nos esse seu fiel collaborador que os primeiros annos de aprendizagem exerceram influencia decisiva na carreira do mestre. O operario sob cujas ordens fôra collocado era extremamente habil, de caracter elevadissimo e possuia aptidões de excellente professor; nunca mais perdeu elle de vista uma das noções em que baseiou os seus esforços posteriores — a de que existem em todas as classes sociaes homens e mulheres de intelligencia e moral verdadeiramente superiores. O contracto com os obreiros na officina e com os membros do partido reformista em casa de seus paes — é extremamente instructiva esta influencia da educação que mostra, nos Estados Unidos a preponderancia da capacidade

mantendo-se em certas familias, em contraposição ao nosso typo social que os franceses tão frisante tornam com o qualificativo de "fils-á-papá" — assentou-lhe rapidamente as idéas para a suppressão das lutas, do antagonismo entre patrões e trabalhadores. Alcançado, por seu merito, depressa uma situação independente, iniciou, sob a influencia dessas preoccupações, os estudos que deviam definitivamente conduzil-o á criação de uma nova sciencia, a da organisação do trabalho.

Entre nós, é possivel que uma intelligencia semelhante, talvez em nada inferior á de Taylor, tivesse degenerado em deputado socialista, pregando reformas de legislação e reclamando contra abusos... dos outros! Educado nas normas do trabalho, infiltrado na comprehensão do verdadeiro methodo scientifico, diversa foi a orientação do descendente dos primitivos "quakers" da Pensylvania. Um dos seus antepassados, de facto, fizera parte, dos imigrantes do historico "Mayflower"; outro acompanhara sempre de perto William Penn desde que este se installara em terras americanas.

Nas fundições da "Midvale Steel C.o" onde Taylor se engajára como simples auxiliar manual, na officina de machinas em 1875 — tão mal iam as coisas nesse tempo que fôra dispensado da conhecida fabrica de Sellers onde antes era aprendiz de moldes — para, galgando todos os postos, vir a ser engenheiro chefe de 1884 a 1890, davam-se frequentes interrupções de serviço, devidas ás limpezas e raspagens das caldeiras. Era elle, apenas, chefe dos serviços mecanicos quando intentou tornar mais breves essas operaçoes. As instruções que fazia baixar para tal fim não surtiam resultado. Deliberou estudar pessoalmente o problema; foi elle mesmo extrahir sarro no meio dos seus operarios; de blusa e raspadeira, procede na sua tarefa. Encontrou logo a explicação das demoras. Os trabalhadores, mal acommodados, feriam-se nos joelhos e cotovellos; os ferros eram de dimensões impróprias, compridos de mais em regra. Imaginou e mandou executar mangas e joelheiras de couro, distribuiu-lhes ferramenta de tamanho apropriado. Nada conseguiu a principio, tal a influencia dos habitos contrahidos. Tentou então e comprehendeu uma experiência que ficou sendo decisiva para a série dos seus estudos. Redigiu instruções precisas e minuciosas para executar a operação; ocupavam muitas paginas de machina de escrever. Acompanhavam-as os utensilios e vestuário necessários, contidos numa caixa a ser entregue ao operario no começo de cada tarefa, de modo a não lhe deixar perder tempo. E foi exigido respeitar á risca tudo quanto estava prescripto, tanto na maneira de proceder, como no tempo a gastar com qualquer das phases do serviço. Foi uma revolução e uma revelação. Reduziram-se as despezas a dezoito por cento do custo primitivo!... As interrupções das officinas baixaram na mesma proporção.

Estava dado o primeiro passo. Lançou Taylor os olhos para outros factos analogos ou semelhantes. Foi-os resolvendo, com trabalho mais ou menos penoso, mas sempre com igual exito. E terminou por criar finalmente a repartição de preparo e distribuição de trabalho, que representa, em cada estabelecimento, administração ou empreitada, a cellula mais importante de todas as organizações que obedecem ás regras da nova sciencia, a qual corre hoje mundo sob a denomiação de "Scientific Management."

Para se ter idéa dos resultados a que se pode chegar na pratica, assignalemos um caso de trabalho commum, muito parecido com os que cada um de nós pode ver em Santos, no cães, embarcando num "ita" para o Rio ou para Paranaguá. Até á primavera de 1899, toda a materia prima ao ar livre da "Bethlehem Steel Co" era manejada por turmas de trabalhadores braçaes, pagos a jornal, sob as ordens de capatazes que dantes executavam o mesmo serviço. Essa organisação era reputada normal, isto é, nem melhor, nem peor de que as suas similares. Percebia cada jornaleiro 3\$450 por dia (1); os unicos meios de estimulal-os ou punil-os eram a persuasão ou a dispensa. Accidental-

(1) — ao cambio de 16, base que tomámos para todas as reducções.

mente, um ou outro que se destacava entre os demais, era empregado em analogo serviço, mas melhor e um pouco mais remunerado, dentro das officinas. E nesse regimen viviam de ponta a ponta do anno, 400 a 600 homens. Incumbia-lhes principalmente a descarga dos vagons e o empilhamento, á pá, dos materiaes; tornavam a carregalos depois á medida das necessidades de tres altos-fornos e sete fornos Martin; tratava-se, portanto, de minereos de calibre differente, dos mais finos aos mais volumosos, e comprehendendo desde a gusa e o coke até a areia. Com o serviço de abastecimento das caldeiras, gazogeneos e laminadores ainda mais se accentuava a diversidade do granel, mas não era raro ver-se que um dos homens ficasse constantemente affecto a uma mesma especie de carga. Dois annos mais tarde, a adopção de um sistema adequado de preparo e distribuição do trabalho permittia redigir o seguinte quadro comparativo:

	1899	1901
Toneladas metricas manejadas durante o exercicio encerrado a 30 de Abril .....		948.940 t
Despesa total, comprehendendo todos os salarios pagos segundo os diferentes ajustes, incluindo os de jornal .....		92.394\$000
Despesa anteriormente paga, em jornaes, pelas mesmas operações, igual tonelagem e identicos materiaes .....	201.648\$000	
Economia liquida annual proveniente da modificación introduzida no sistema de trabalho .....		109.254\$000
<i>Custo medio, por tonelada, nos dois casos....</i>	\$216	\$096
<i>Jornal medio operario .....</i>	3\$450	5\$640
Numero medio de toneladas manejadas por trabalhador empregado .....	16,25 t.	57,90 t.

A intervenção do methodo permittiu, pois, no exemplo que temos sob a vista, sem recorrer a qualquer outro agente ou utensilio, aumentar o salario primitivo do operario na proporção de sessenta e tres por cento (63 %) e, ao mesmo tempo, diminuir á empresa o custo de producção em cincoenta e cinco por cento (55 %). E', em resumo, a realisação do progresso industrial, todo elle contido na formula que foi adoptada como divisa pela escola de Taylor: *distribuir salarios elevados com o fim de alcançar preços de produção reduzidos.*

E' a formula, não ha negal-o, um tanto differente da preconisada pela nossa laboura de café, em peso. Mas, tambem ninguem contestará que é a unica capaz de amparar e retribuir aquelles que não se querem deixar vencer no campo economico, em que o progresso dos meios de transporte faz hoje decidir da sorte das nações. Quando, ha annos, a crise do mais importante dos nossos productos chegara ao seu auge, e a imminencia do perigo obscurecia as nossas mais lucidas mentalidades que oscillavam em toda a escala dos expedientes, desde o abandono do trato da arvore á queima do fructo para finalmente cahir na aventura de todos conhecida, o principal argumento era o de que, entre os factores do preço do café ao fazendeiro figurava um de natureza irreductivel, a mão de obra. Temos ainda bem presentes certos artigos da imprensa diaria, em que um dos nossos collegas da Escola Polytechnica sustentava a these da pretensa irreductibilidade sob o fundamento, que lhe parecia irresponsável, de que não havia machinas que colhessem as rubras bagas que representam a melhor da nossa fortuna.

Raciocinio identico ao que tinha sido feito por gerações e gerações sucessivas que assistiram, durante séculos e séculos, ao trabalho, que se diria não

susceptivel de aperfeiçoamento, do alvener assentando tijolos para levantar os muros de uma casa. Um dos discipulos de Taylor choca-se com os absurdos dessa pratica immemorial. Baixa-se o pedreiro a cada instante para procurar o tijolo de que necessita; baixa-se outras tantas vezes para encher a colher de argamassa. Nem sempre o tijolo está a geito para a mão que o apprehende; as cêlhas de agua, de cal e areia obrigam-no a outras tantas perdas de tempo dispensaveis. Põe-se a estudar o operação, decompõe esta nas phases elementares, imagina uma disposição, outra e outra que eliminem os inconvenientes registados. Consegue por essa forma fazer crescer de 120 a 350, quasi triplica portanto, o numero de tijolos assentes numa hora. Não foi outro o processo seguido nas fundições da "Midvale Steel Co". Um trabalhador braçal, a quem ninguem dava attenção, carregava em um vagon, por dia, doze toneladas de ferro coado. Chronometram-se com rigor todas as phases do seu serviço, levantamento da barra, caminho de ida com ella ao hombro, descarga, volta, etc. Ensina-se-lhe como deve proceder para poder carregar muito mais ferro sem augmentar por isso a fadiga. Applicando a lição, consegue o mesmo homem alcançar sem difficuldade não o dobro, não o triplo, mas quarenta e sete toneladas. Leva-se-lhe em conta o esforço, meramente mental e de educação da vontade, da coordenação de movimentos preconisada, augmentando-lhe o salario em forte proporção.

Não podem os exemplos que rapidamente expuzemos deixar de impressioñar profundamente a quem os encontra pela primeira vez. "O ovo de Colombo", dirão alguns, encolhendo os hombros... Não é para tão eminentes luminares que são impressas estas linhas, que se lhes abrirão francas, entretanto, no dia em que tiverem feito, de verdade, alguma coisa de util e proveitoso. Para os outros vamos agora passar de relance, em revista, algumas apenas, das difficuldades de toda a especie que foi preciso resolver e vencer afim de chegar a tão maravilhosos resultados. E' nisso, afinal, que está todo o merito dos grandes bemfeiteiros da humanidade, e é nessa lucta sem treguas que se lhes revela a capacidade e o genio.

Fornecem-nos a melhor prova do que affirmamos os insuccessos sem numero obtidos por industriaes que se puzeram a empregar o methodo desde que foram conhecidas as primeiras applicações. E' que nem todas offerecem a mesma simplicidade que as que aqui apresentámos. Mesmo para esses, o exito só foi alcançado á custa de estudo systematico, baseado em profundo conhecimento de principios que não se assimilam com a desejada facilidade. Tornou-se, apesar da sua recente existencia, o uso do methodo uma verdadeira especialidade como a de certos ramos particulares da metallurgia, ou da electricidade. O proprio Taylor não teve outra ocupação durante annos consecutivos. Ea historia da *Tabor Manufacturing Co.*, de Philadelphia, illustra com inilludivel clareza a imporancia e complexidade do esforço exigido. Era uma fabrica de pequenas machinas industriaes, de moldar, de brunir e outros serviços equivalentes, produzidas em resumidas séries ou unidades, comportando numerosos modelos onde se introduziam constantes modificações para satisfazer pedidos da clientela. Antes de ser reorganisada pelos methodos de que nos occupámos, empregava 150 operarios e 3 contramestres. Estava de fallencia á porta. A primeira medida tomada, e então julgada verdadeira extravagancia, foi a de despejar as machinas que enchiam um espaço importante para um estabelecimento dessa ordem; foi ali accommodado um escriptorio de preparo das minuciosas instruções que são distribuidas aos operarios. Passou a situação a ser de franca prosperidade. Não emprega mais hoje de que noventa operarios. Ora, essa fábrica sustenta, e exige, um estado maior e pessoal dirigente de varias categorias, em quantidade tal que prefaz um quadro de nada menos de 28 pessoas. Faz lembrar, embora muito ao longe, e não pelos resultados, a nossa guarda nacional. Não tem contramestres. Para que serviria tel-os? Não se torna ali porven-

tura o operario um homem completamente livre, que sabe ser possivel executar o serviço, que lhe é distribuido, em certo e determinado espaço de tempo? Outros o fizeram. Está na sua mão fazel-o igualmente. E é o seu interesse; uma vez attingido, recebe a bonificação, que corresponde á sua parte na acceleracao da producção e representa um accrescimo consideravel do salario. Isso é certo e tangivel; não depende de que outros trabalhem menos, nem da forma como é feita a escripturação do estabelecimento, como succede no sistema de participação nos lucros; o patrão, por sua vez, não tem que fiscalisal-o; tem apenas de lhe distribuir o trabalho, conforme as suas aptidões especiaes; tem mais de lhe tirar todas as duvidas que possam surgir na applicação das regras formuladas; tem ainda de lhe manter todo o mecanismo e ferramentas nas condições as mais apropriadas; tem de finalmente receber o serviço termindo E' esse o seu interesse. Em vez, pois, do velho contramestre, fiscal indifferente, representando o papel do "sargentão que tem sempre razão", encontramos em substituição, ajudando o operario, quatro collaboradores interessados correspondendo a essas quatro funcções; recebem elles igualmente a sua bonificação, duplicada no dia em que todos os da officina mostram produzir o mesmo do que o excellente operario medio, tomado como "typo", que serviu para o estudo experimental e redacção das instrucções correspondentes. Será de admirar, depois do exposto, que se assignalem repercussões como esta, de um velho operario, que nunca soubera mudar os carrêtos da sua machina sem auxilio do contra-mestre, passar a fazer, desajudado, essa operação, uma semana depois da applicação do sistema? Todas estas circumstancias e outras mais que o espaço não permite por em fóco, contribuem para um entendimento entre o pessoal operario, director e capitalista, que, só por si, explica a attenção e o acolhimento que, mau grado as discussões apaixonadas havidas, os novos methodos lograram nos meios industriaes, em especial o norte-americano. A' acuidade das luctas entre trusts e syndicatos não podiam ali passar despercebidos resultados de tal ordem.

Não era lícito logicamente a estes ultimos deixar de combater com ardor a implantação dos novos methodos. Dirige-se a escola de organisação scientifica ao operario individualmente e não á collectividade. Ora, pretendem os syndicatos que os interesses do proletariado não são susceptiveis de defesa efficaz a não ser por essas collectividades de que se suppõem legitimos representantes. E a respeito de semelhante aspecto da questão é difficil um accordo desde que o sistema se esforça, e consegue, definir de modo exacto e preciso o objecto que se discute, no ajuste entre patrão e empregado, tornando por isso mesmo e pela equencia natural das coiass dispensavel a intervenção de terceiros. Se tivermos sempre em mente a consideração dessa causa primaria, nella iremos encontrar, em ultima analyse, a explicação de uma resistencia, que surprehende á primeira vista, por parte de quem justamente mais interessado deveria mostrar-se na diffusão das novas condições.

No fim de contas, os dois principaes adversarios que Taylor e seus collaboradores encontraram pela frente, adversarios cujo jogo esboçâmos nas linhas anteriores—patrões que não estudaram devidamente o problema ou que receiam affrontar os sacrificios de uma tentativa, operarios insuficientemente esclarecidos e por tradição desconfiados — outra coisa não representavam do que a repetição do episodio historico que nos mostra os barqueiros de Weser destruindo a machadadas o primeiro barco a vapor. De toda essa rotineira opposição em pleno seculo XX estavam chamados a triumphar o rigor dos principios postos em acção no estudo systematico do "factor humano".

O "factor humano"... Pela primeira vez acode essa expressão ao bico da penna. E entretanto é esse, realmente esse, o novo elemento introduzido por Taylor na solução das questões de toda a especie. E' o augmento do seu rendimento proprio, organico — para nos servir de nomenclatura technica, que o preoccupa, que o attráa e seduz. E' a applicação dos mesmos processos experi-

mentaes que empregára no estudo das machinas-utensis que lhe desvenda as melhores condições de utilisação do homem, do braço humano. E, de facto, por toda a parte onde se encontra um braço em movimento, o methodo que imaginou pode intervir e chegar a resultados proficuos. O braço, guiado pelo cerebro, aumenta a proporção de bem estar.

Dil-o-nos elle mesmo no seu segundo volume, que corresponde exactamente á "Art of cutting metals" da primeira parte da sua obra. Publico este, diz Taylor:

"1.º—Para mostrar, por meio de uma série de exemplos simples, a grande perda causada ao paiz com o mau rendimento de quasi todas as nossas acções de dia a dia;

2.º — Para fazer o possivel em convencer o leitor que o remedio a essa falta de rendimento se encontra numa organisação scientifica e não em procurar um homem excepcional ou extraordinario;

3.º — Para mostrar que a melhor organisação é uma verdadeira sciencia assentando em leis, em regras e principios fundamentaes claramente definidos. E, mais, mostrar que esses principios fundamentaes são applicaveis a todas as formas da actividade humana, desde os nossos actos individuaes mais simples, até aos trabalhos dos nossos maiores agrupamentos, exigindo a mais reflectida cooperação. E, finalmente, por meio de uma série de exemplos, convencer o leitor de que, sempre que esses principios são correctamente applicados, se obtêm resultados absolutamente surprehendentes".

Citámos tres desses exemplos. E, pela sua eloquencia, calculará facilmente o nosso leitor a impressão que esses, e os que lhe faziam companhia, produziram no espirito eminentemente pratico do povo norte-americano. Tanto maior quanto essa organisação, que o autor denomina de "funcional", em contraposição á antiga por elle apellidada de "militar" — em que cada homem se acha na dependencia directa de um unico chefe, contramestre na officina, official inferior no exercito — é de facto a unica que de bom grado aceita o typo social particularista, cioso da liberdade e dignidade humana, que apresenta a formação anglo-saxonica.

Mas o que arrastou positivamente o interesse do publico para os novos methodos foi um depoimento prestado diante da "Interstate Commerce Commission", em um processo de pedido de elevação de preços de frete de mercadorias por parte de algumas companhias. Um perito dos expedidores provou ser possivel, fazendo applicação dos novos principios ao trafego das estradas de ferro do paiz, realizar uma economia diaria que elle avaliava em um milhão de dollars, e ainda, que taes principios eram susceptiveis de serem utilisados, com o mesmo exito, em todas as formas da actividade nacional.

Quem hoje desembarca nos Estados Unidos, ouve pronunciar a cada momento as palavras "scientific management" ou "efficiency". A "Society of Mechanical Engineers" fundou uma secção especial para o estudo das questões que se lhe referem. Não faltaram exemplos, pois que as applicações verificadas até 1912 comprehendiam mais de 60 industrias diversas, entre as quaes, além das classicas já citadas "Midvale" e "Tabor", se encontram as universalmente conhecidas de "Pulmann" para vagons, de "Schenectady" para locomotivas, de "Hudson", "Stearns" e "Franklin" para automoveis, de "Yale and Towne, para serralheria e, até, o arsenal de Watertown. Duas sociedades distinctas foram fundadas com identico proposito. A Universidade de Harvard consagrou uma faculdade especial, com um decano e varios professores, ao ensino das mesmas matierias. O Congresso Internacional de Engenharia, reunido em Setembro ultimo em S. Francisco, dedicou-lhe uma das suas sessões.

Não sómente os arsenaes de Guerra e Marinha fizeram applicações do methodo, como o presidente da Republica julgou do seu dever nomear uma grande comissão parlamentar para tratar do assumpto. Tendo-se os syndicatos op-

postos á adopção nos arsenaes do Estado, teve que ser nomeada, para examinar lhes as reclamações, outra commissão, de inquerito.

O municipio de Philadelphia, querendo reagir contra a gestão dos seus interesses feita por politicos de profissão, aproveitou um renovamento de mandato para pedir a Taylor que tomasse conta da direcção das obras, applicando a estas e ao pessoal os principios deseu methodo. Foi esa a razão da entrada de Morris L. Cooke, o collaborador que anteriormente citámos, para o posto que hoje occupa. A administração da limpeza da via publica de Chicago obteve tambem excellentes resultados com medida analoga.

Não escaparam as senhoras americanas ás repercussões desse movimento. Tanto ouviram apregoar os resultados extraordinarios provenientes da execução methodica de uma determinada tarefa, pela classificação de documentos adequados, pela modificação de certas disposições materiaes, que foram levadas a concluir que, se alguém havia necessitado de ter seus esforços alliviados, esse alguém era a mulher. Grande numero de americanas esforçam-se de tempos a esta parte, apezar das condições especiaes que localmente difficultam esse objectivo, em crear ao companheiro um lar attracente, vivendo economicamente, educando bem os filhos e reservando algumas horas á cultura intellectual. Christina Fredericks foi a primeira a explicar-lhes como deveriam proceder, inspirando-se na scola de Emerson, em um maneiro volume muito original: "New Housekeeping". Outras lhe seguiram as pégadas. E dois semanarios especiaes tomaram a si esse novo campo de acção.

Não será ocioso citar a esse respeito que Taylor era inexcedivel na arte de mostrar a utilidade da applicação, a todos os actos da vida corrente, dos processos de methodo que, circumstancia que põe em relevo a sua extrema modestia, nunca quiz apresentar como exclusivamente seu. "Sem a sciencia metallurgica de White, sem a pratica do director de Gantt, sem os conhecimentos mathematicos de Barth, e sem a minha teimosia pessoal, tudo em collaboração tão intima que não é mais possivel saber a parte de cada um, a nada teríamos chegado durante os longos annos que juntos trabalhámos." Pois bem. Toda a sociedade de Philadelphia é testemunha de que adquirira uma reputação de mestre em grande numero de desportos; no "golf deixava pasmados os que com elle jogavam; e devia-o exclusivamente á observação e estudo methodico dos proprios movimentos. A sua ultima memoria dá a solução mais economica para a formação e conserva dos gramados de golf. Veiu a morte surprehendel-o no estudo do problema da arboricultura frutifera, a que se dedicara, como sabia dedicar-se a todos os problemas que aproveitam a humanidade, desde que a saude delicada de sua esposa o obrigára a residir permanentemente no campo.

Já proclamámos, e de novo insistimos, no caracter rigorosamente scientifico da obra de Taylor. Nas nossas primeiras linhas abrigámo-nos sob a definição que attribue á sciencia o estudo systematico das "relações" mutuas de todos os phenomenos naturaes, sem excepção. Como observa Le Chatelier, uma tal definição comprehende dois pontos de vista essenciaes: a "consciencia" do objectivo procurado e a "exactidão" das conclusões formuladas. Veja-se um exemplo. Um dos nossos ancestrós apercebeu-se de que o attrito entre dois pedaços de madeira dava logar a um aquecimento. E' uma relação exacta, essa, entre dois phenomenos naturaes; a observação foi, porém, inconsciente e o observador não lhe comprehendeu o alcance. Observou essa correlação, como observava a successão regular dos dias e das noites; aproveitou-a mesmo mas sem reflexão alguma. Mais tarde, Rumford, trabalhando em Munich a broquear peças de artilharia, reconheceu o desprendimento de calor que acompanha essa operação; tentou então estabelecer uma relação entre a quantidade de calor que acompanha essa operação e o peso dos cavácos destacados. Teve pois consciencia do seu trabalho intellectual, sem conseguir entretanto chegar a uma relação certa, uma lei verdadeiramente scientifica. Conseguiu apenas achar uma relação

empirica, exacta talvez para as condições das suas experiencias, mas não podendo mais servir para outra especie de ferramenta, ou com metal a ser trabalhado de ríjeza diferente. Nem o homem das cavernas, nem Rumford fizeram sciencia propriamente dita. Joule, pelo contrario e finalmente, conseguindo chegar por meio das suas experiencias a uma relação rigorosa entre o calor produzido e o trabalho dispendido, deu logar então a obra de verdadeira sciencia; ninguem mais a poude contestar.

Ora, essa consciencia do objectivo procurado e a exactidão das relações formuladas dão á obra de Taylor um caracter scientifico indisputável. O seu trabalho sobre o corte dos metaes é inteiramente comparável ás experiencias de Joule. Era seu escopo descobrir relações muito mais complicadas que a do equivalente mecanico de calor, e conseguiu fazel-o; não fôra assim e as suas formulas sobre o trabalho dos metaes não teriam entrado na pratica corrente das grandes officinas. Pois em execução o mesmo methodo nas suas pesquisas a respeito da organisação do trabalho. O estudo, de sua lavra, dos movimentos elementares, os processos de chronometragem por elle empregados, são absolutamente identicos aos seguidos diariamente nos laboratorios dos mais reputados sabios, das faculdades de mais elevada autoridade.

Identicos mas inéditos. Quem lê a presumpçosa asserção de Ostwald, só desculpavel num sabio da sua envergadura pelo accendrado sentimento patriótico que a dictou, a respeito do segredo allemão da organisação scientifica, após ter tido conhecimento da obra de Taylor e de tel-a comparado ao que, no mesmo campo, tem sido feito em outras partes, não pode deixar de sorrir. Sem ir mais longe, repare-se na *chronometragem* que tão grande papel representa em toda a sua obra. Foi Taylor quem a descobriu e lhe comprehendeu a importancia a partir do seu estudo sobre o trabalho dos metaes. Nenhum processo semelhante se encontrava em uso na industria. Provam-n' o exhuberantemente as criticas e os sarcasmos que a esse respeito lhe choveram em cima. Veio mais tarde a evidencia. Desarmou tudo menos o ciúme e a inveja. Foram desenterradas as prioridades possíveis: homens de genio como Vauban, Belidor, Coulomb, Poncelet, já haviam cogitado do alto valor desse meio de investigação...

Coração humano, és sempre o mesmo!

Tambem tu repetes a historia. Já o dizia Pascal: "le coeur a des raisons, que la raison ne connaît pas..."

VICTOR DA SILVA FREIRE

---

## RESENHA DO MEZ

---

### O CODIGO CIVIL BRASILEIRO

O facto culminante no paiz, este mez, foi a promulgação do Código Civil. A importancia social desse acontecimento obriga-nos a dedicar-lhe meia duzia de linhas.

Não nos compete indagar se o Código promulgado é, ou não é, um modelo de sabedoria jurídica. Farão esse exame, com outra competencia e em logares mais apropriados, os especialistas em sciencias jurídicas. O Código interessa-nos por outros aspectos: pelo que representa só por existir no desenvolvimento da nossa nacionalidade e pelo que encerra, no seu texto, de utilidade social.

A promulgação de um código, quando não é obra arbitaria de um ditador, denota, no povo que a consegue, uma forte e esclarecida consciencia jurídica, e esta não pôde cristalizar-se onde a nacionalidade ainda não attingiu a um gráu elevado de desenvolvimento. De certo ponto de vista, pôde-se affirmar que, em regra, a promulgação de um Código Civil é para o paiz onde se verifica uma presumpção de progresso jurídico e social.

Não quer isto dizer que, sem códigos

civis, não possa haver consciencia jurídica e esplendor social. Basta o exemplo da Inglaterra para demonstrar o contrario. Mas essa presumpção de progresso que traz a promulgação de um Código Civil deve ser acolhida sempre como simples presumpção, que é. O que revela progresso, o que traduz elevação de consciencia jurídica, o que indica força social é o que está escrito no Código. Códigos anti-liberaes ou códigos demasiado liberaes sem respeito ás tradições do povo a que se destinam tudo serão menos expoentes de progresso jurídico ou de equilibrio social.

O Código brasileiro deve ter, naturalmente, defeitos graves. Afigura-se-nos, porém, tanto quanto a fraqueza da nossa vista nos permitte enxergar neste assumpto, que é uma obra de progresso. Se de alguma feita caminhou um pouco de mais para a frente e se de outras não avançou como devia, prendendo-se na galharia morta da velha arvore do nosso direito, incontestavel é que, no seu aspecto geral, guardou uma tonalidade média — nem o afogueado vivo de quem correu muito nem o esmaecido doentio de quem se veiu arrastando pelo caminho.

As duas questões eminentemente sociaes que mais nos interessam — as questões de familia e de propriedade — reflectem perfeitamente esse espirito progressista, temperado de prudencia, que lhe formou o ambiente em que nasceu e cresceu.

Nellas, mais talvez do que em outras, salta logo aos olhos a preocupação que teve o legislador de se atter a um meio termo discreto — nem de todo tradicionalista, nem de todo modernista.

O direito antigo soffreu modificações, mas não foi substancialmente alterado. Passou por alguns melhoramentos, mas os melhoramentos não foram totaes. Foram apenas o que seriam mudanças de fachadas ou de paredes internas em um edificio cujos alicerces e cuja estructura geral se respeitassem. E' assim, por exemplo, e nisto oCodigo cedeu ao influxo das idéas contemporaneas, que a mulher, caja personalidade padecia, no direito antigo, restrições de toda a ordem, algumas das quaes verdadeiramente humilhantes, ganhou um pouco mais de consideração jurídica e teve a sua capacidade desembaraçada do cipoal de limitações que a contorcia e abafava. Continúa ainda, e não podia deixar de continuar, subordinada, no lar, á autoridade do marido. Mas não é mais aquella creatura inferior e secundaria a quem se desconhecia capacidade até para ser tutora. As unicas restrições que se lhe põem agora á capacidade são as que interessam muito de perto á vida da sociedade conjugal que, como a vida de toda a sociedade, precisa de uniformidade na direcção e não pôde ser orientada, ao mesmo tempo, por duas cabeças e por duas vontades distintas. Fóra da sociedade conjugal, a

mujer é hoje, juridicamente, tanto como o homem. Aliás, na sociedade conjugal não é ella a unica a soffrer limitações na capacidade. Em certos casos, o homem soffre-as tambem. O equilibrio entre ambos é quasi perfeito.

Essa melhoria de situação jurídica que se conferiu á mujer em nada, porém, repercutirá na organisação da familia. Esta continua a repousar nas mesmas bases antigas: autoridade exclusiva do marido e indissolubilidade do vínculo conjugal. Na luta que se travou entre o espirito tradicionalista do nosso povo e as tendencias modernas dos reformadores sociaes, saiu vencedor aquelle: o divorce com ruptura do vínculo não foi acolhido pelo Código.

Parece-nos que foi um bem. A nossa vida de familia ainda não adquiriu estabilidade tal que lhe permitta resistir com efficacia á acção dissolvente que o divorce absoluto, ora com maior, ora com menor intensidade, conforme a indole e a moralidade do povo, nunca deixa de produzir.

Ainda não temos educação leiga que nos dê uma percepção exacta e indelevel dos nossos deveres domesticos, e a educação religiosa, quasi sempre imperfeita, nem é esposada por todos, nem é ministrada, pelo geral, com a intelligence e o tacto com que deveria sel-o.

A nossa vida de familia está longe de ser uma construcção macissa que possa desafiar a furia de todos os ventos e o embate de todos os assaltos. E' uma cidade aberta, lançada em campo raso. Sem o abrigo de fortes muralhas protectoras não se lhe pôde responder pela segurança.

A sua fragilidade, que tem sido talvez a causa primordial dos maiores

desconcertos dos nossos costumes politicos e a fonte desse egoismo collectivo e pernicioso que ataca, como um virus mortal, os tecidos mais intimos e mais delicados da nossa nacionalidade, impressionou tanto o legislador que elle não teve a coragem de admittir a plena liberdade de testar e achou que devia ainda trazer de legislações peregrinas um instituto novo, o "homestead" para fortalecer a nossa organisação domestica.

Revela-se bem, nesse complexo de providencias, aquillo que atraç notamos: a alliança entre o tradicionalismo e o modernismo, entre o respeito ao que se possue em casa e a seducção pelo que se vê na casa alheia.

Devemos confessar que essa alliança não nos desagrada. Não vemos mesmo como possa haver progresso, real e fecundo, sem ella.

Essas e outras medidas relativas assim ás questões de propriedade como ás questões de successão e regimen de bens, são medidas sabias. Dão-nos o direito de esperar que o Código venha a ser para a nossa vida social um elemento de saude e vigor.

P. B.

## MOVIMENTO LITERARIO

### LENDAS E TRADIÇÕES

O sr. Affonso Arinos concluiu, ha dias, o curso que, ha tempos, iniciou na Sociedade de Cultura Artistica sobre tradições e lendas do Brasil.

Embora não obedecesse a um programma previo e cuidadosamente traçado, sendo antes brillantes *causeries* sobre coisas da nossa terra do que uma exposição systematisada das nossas lendas e das nossas tradições populares, o trabalho do illustre escri-

ptor é digno da maior estima. Além de algumas paginas literarias das mais bellas que lhe sahiram da penna, e a sua penna tem produzido paginas de um fulgor que não empallidece ao lado das mais rutilantes da nossa literatura, as suas conferencias tiveram a virtude de ensinar ao auditorio elegante, que as acompanhou com vivo interesse, a comprehendere e apreciar a poesia das nossas tradições e das nossas lendas.

Foram de certo modo uma obra de patriotismo porque de certo modo incutiram no animo dos que as ouviram, gente pelo geral seduzida, embriagada e envenenada pelas novidades peregrinas, senão o amor, a curiosidade das coisas nacionaes. Desfizeram, quando menos, o preconceito, irrisorio e humilhante, de que não era distincto decorar uma modinha popular ou narrar uma superstição sertaneja. O fino da distinção era trautear cançonetas de Montmartre ou descrever festividades de Lourdes.

Foram, numa palavra, uma esplendida e vigorosa lição de nacionalismo, tanto mais sugestiva e fecunda quanto partira do mais viajado e do mais elegante talvez dos nossos homens de sociedade que se dedicam ás letras.

### MACHADO DE ASSIS

O curso sobre Machado de Assis que o sr. Alfredo Pujol está fazendo na Sociedade de Cultura Artistica ainda não traiu a expectativa sympathica, que, ao ser anunciado, despertou em todos que conhecem a cultura e o espirito daquelle distincto advogado e homem de letras.

O sr. Alfredo Pujol tem o seu nome ligado a esta casa. Não seria isso motivo para silenciarmos o exito que vae alcançando o seu trabalho.

Ninguém pôde negar que as suas conferencias têm revelado, ao par de uma extensa leitura de escriptores estrangeiros, um conhecimento notavel da época em que viveu Machado de Assis e dos grandes escriptores que o cercaram. Não se pôde negar tambem

que sobre Machado de Assis e sua obra elle tem revelado um estudo vasto e intelligente. E é isto só o que, por ora, queremos salientar.

Mais de espaço, quando o curso estiver concluido, daremos sobre elle opinião longa e meditada.

## BELLAS ARTES

### PINTURA E ESCULPTURA

O anno de 1915 não trouxe contribuição notável para a historia da pintura no Brasil. Anno de crise política e financeira, coincidindo com a sucessão do mais nefasto e ridículo governo que jamais teve o paiz, aggrava da ainda pelos effeitos da guerra europeia, não offerecia por certo o ambiente favorável ao florescimento das bellas artes, producto delicado das épocas de paz e opulencia e que exige condições especiaes de cultura. Nessa atmosphera só poderia viver e prosperar a caricatura... E essa teve com J. Carlos alguns dias de gloria nas paginas da "Careta".

Um facto de grandes consequencias para a pintura no Brasil deve ser assinalado nesta rapida resenha: a mudança de direcção da Escola Nacional de Bellas Artes. Como é sabido, retirou-se do logar de director o escultor Rodolpho Bernardelli, tendo sido eleito em sua substituição o pintor João Baptista da Costa.

Não é sem pesar que os amigos da arte vêm o illustre autor do "Christo e a adultera" deixar o posto ocupado por tantos annos. Muitos foram os serviços por elle prestados á Escola e á Arte; mas as desillusões, o cansaço ou outras causas que desconhecemos, con-

duziram-no a um scepticismo que estava (força é confessar) chegando ao abandono. Bernardelli a principio zeloso e ciumento da "sua" Escola, como certos pais extremosos em demasia, afastou daquella instituição dedicações preciosas; por fim, isolado e fatigado, já não podia attender, com a necessaria solicitude, ás exigencias do seu cargo. A consequencia desta situação foi o afrouxamento da disciplina, a desobediecia aos regulamentos e até o abandono material do edificio e das ricas collecções que a Escola possue.

Dahi nasceu a incompatibilidade com a Congregação e a renuncia do cargo de director.

A Congregação, felizmente inspirada, indicou para substituir-o João Baptista da Costa, o proiecto pintor da nossa paisagem, typo de probidade como artista e como homem, caracter em que a firmeza está perfeitamente alliada á doçura. Essa escolha, restabelecendo a harmonia no corpo docente, criou um espirito novo, infundiu nova fé e determinou uma benefica agitação introduzindo reformas na parte material do ensino, ao par de uma orientação mais moderna e livre, nos processos didacticos.

Foi sob a nova direcção que se installou a Exposição Geral de Bellas Artes. Dos mestres consagrados só Baptista da Costa enviou trabalhos. Seis ou oito telas de paisagens da Serra do Mar, seu assumpto predilecto e nunca esgotado. Sempre a mesma correção do desenho e o mesmo cuidado de acabamento. Nenhuma, porém, acrescentou maior gloria ao nosso laureado paisagista, tão digno da nossa admiração pelo seu talento como da nossa sympathia pela sua fidelidade

no amor á natureza do Brazil, que cada vez o apaixona mais.

Em compensação, o Salon de 1915 revelou ou confirmou alguns novos. Nesses podemos incluir Eugenio Latour e os irmãos Chambelland. Nenhum delles apresentou obra superior ás que mandaram ao Salon anterior, mas tambem não demonstraram perda ou enfraquecimento visivel das suas qualidades technicas.

Levino Fanzeres justificou cabalmente o jury de 1914, que lhe concedeu o premio de viagem. Seus progressos são evidentes. A sua technica adquiriu maior malleabilidade e finura, ampliando consideravelmente os meios de expressão.

Uma nobre e interessante organização artistica conquistou rapidamente a attenção dos visitantes deste Salon: Carlos Oswald. O seu retrato de senhora, com um ligeiro deslise na pose do modelo, mal reclinado no divan, é um excellente e original exemplar de moderna pintura, arrojada na tonalidade verde do vestido, admiravelmente tratado. E' um colorista de fina sensibilidade.

Dona Georgina de Albuquerque, a distineta pintora paulista, teve neste Salon tres quadros que atestam uma importante modificação na sua factura, agora mais dextra e harmonica.

Outro artista que se impoz com gallardia foi C. Gottuzzo, natural do Rio Grande e residente em Madrid. Algumas esplendididas cabeças e um auto retrato bem estudado asseguram lhe um logar de destaque.

Mas as duas verdadeiras revelações deste Salon são: Henrique Cavalleiro e Dias Junior, ambos bem brasileiros, ambos alumnos da Escola, formados no meio carioca. São dois temperamentos com

admiraveis disposições para a pintura, que a sabia direcção de Eliseu Visconti vae afeiçoando superiormente. Dias Junior expoz um auto retrato e um estudo de nu masculino, com qualidades notaveis de desenho e de côr, relativamente ao seu tempo de estudo, e Henrique Cavalleiro algumas paisagens manchadas com sentimento de verdadeiro artista.

Deixamos de incluir nesta noticia o pintor paulista Wasth Rodrigues de que nos ocupamos mais abaixo.

O jury concedeu o premio de viagem a Baptista Bordon, paisagista de talento, bem representado neste Salon e melhor ainda em outros, cujo tempo de concurso estava a esgotar-se.

A medalha de honra coube a João Baptista da Costa.

Na secção de escultura, Corrêa Lima dominou completamente.

“Menina e moça” é um primor de estatuaria em que a gracilidade das formas quasi indecisas bem define esse estado de adolescencia feminina, que inspirou Machado de Assis, e atravez dos seus lindos versos, o nosso talentoso escultor.

Dois mestres, Rodolpho Amôedo e Eliseu Visconti, justificaram a ausencia no Salon com a execução dos panneaux decorativos do Theatro Municipal do Rio. Esses trabalhos ainda não foram entregues; mas ha delles noticias fidedignas que afirmam o seu incontestavel valor, á altura da reputação dos dois illustres artistas.

Lucilio de Albuquerque, actualmente professor da Escola Nacional de Bellas Artes, executa algumas telas historicas, encommenda do governo riograndense, sobre episodios da Revolução de Piratinim.

São Paulo, que já se tornára, pelo gosto e pelo numero de seus amadores, um importante centro artistico, atravessou o anno de 1915 quasi sem uma nota artistica relativa á pintura ou á escultura.

Amadeu Zani entregou o seu monumento da fundação de São Paulo, que até hoje espera collocação. O distinto escultor, cuja permanencia em Roma foi utilissima ao aperfeiçoamento da sua technica, abriu ao publico, no Salão do Lyceu, uma bella exposição dos estudos que fez para as figuras do monumento. Se por ellas podemos julgar o que vae ser essa obra, é caso para felicitarmos São Paulo pela aquisição que tanto vae enriquecer o seu patrimonio artistico.

Na escultura a citar ainda o magnifico busto do dr. L. P. Barreto, executado por W. Zadig.

A conflagração européa repatriando alguns dos nossos pintores, impossibilitados de continuar os seus estudos, deu-nos oportunidade de verificar os progressos que fizeram no estrangeiro. Foi assim que conhecemos a obra de dois moços paulistas destinados a ocupar logar de evidencia entre os nossos artistas: José Wasth Rodrigues e J. Marques Campão.

Wasth Rodrigues é uma notavel organização artistica, com um tão raro poder de intuição, que em quatro annos de estudo conseguiu possuir uma soberba technica e abordar varios generos com exito. Interpreta a paisagem com intenso sentimento poetico e sabe tratar a figura com vigor e com expressão. A sua exposição, composta de cento e sete trabalhos, foi um triumpho.

J. Marques Campão trouxe poucos quadros. Mas os que apresentou bastam para assegurar-lhe a reputação. Trabalhador consciencioso e de talento, soube aproveitar criteriosamente o seu tempo de aprendisagem, apurando-se no desenho e na pintura, sob a direcção de J. P. Laurens, tambem professor de Wasth Rodrigues. Um só dos seus quadros, "Recordando o passado" demonstra o valor deste jovem artista. E' um retrato, artisticamente composto, de concepção muito feliz e executado a primor. Pode assignal-o sem desdouro um pintor de nome feito.

Devemos assignalar ainda a passagem de dois sympathicos artistas estrangeiros, os srs. J. Serra e R. Palmarola.

O primeiro, argentino de nascimendo, hespanhol de escola, expoz uma linda collecção de aspectos do Rio, muito interessantes pela riqueza de côr e pela sinceridade da factura.

O segundo, hespanhol, residente em Paris, exhibiu alguns valiosos trabalhos de pintura e uma formosa collecção de retratos á sanguinea e a crayon, em cuja execução se mostrou muito habil.

P.

## REVISTAS E JORNAES

### AS REVISTAS NO BRASIL— A "SEMANA"—A NOSSA SITUAÇÃO INTERNACIONAL

E' doloroso, quando nas grandes capitais estrangeiras perguntam quaes são as nossas principaes revistas, ter de balbuciar, indeciso entre a vergonha de confessar a verdade e a de mentir, e por fim recorrer desesperado a um

meio termo assás sophistico, citando de enfiada todas as que aqui existiram... *in illo tempore.*

Uma dessas revistas de antanho que honraram a cultura brasileira foi a *Semana*.

Passaram por ella, numa farandula fulgurante de espirito, os maiores escritores do tempo: Machado de Assis, o pensador, criador e estylista que honraria quaesquer das grandes literaturas do mundo, aristocratico, apesar do humilde nascimento, contemptor do vulgo e de toda vulgaridade, mas manso e suave no trato, pessimista desesperado na sua visão das coisas, e todavia tão bondosamente alegre na companhia dos que o amavam, alma rica de genuina ternura, de sincera piedade, que ainda não foi comprehendida pela critica; Valentim Magalhães o moço perpetuo, expansivo, jovial, avido de movimento e de acção, talento rico, abundante, versatil, multiplo, ao qual causou danno precisamente a multiplicidade das aptidões nativas, das attracções que o disputavam a cada momento e para cada thema literario, impedindo-o sempre de concentrar-se numa obra capital, capaz de resistir ao tempo; Lucio de Mendonça, com aquelles grandes olhos que eram o traço predominante do rosto moreno, e que foram, antes do corpo e do espirito, feridos de morte, estranha mescla de humanista e jacobino, com uma cultura tão ampla e certos pontos de vista tão estreitos (porventura, ás vezes, mais que tudo, por gosto de polemica), mas tão cordial, tão generoso, tão dedicado, tão alheio a quaesquer impulsos baixos ou calculos mesquinhos; Raymundo Corrêa, magro, todo nervos, todo riso convulsos e tiqües incoerciveis, os dedos, os hombros, os musculos da face em continua agitação, poeta até a medulla dos ossos, senhor consumado da palavra e do ritmo, ingenuo como uma criança, illibado como um cysne, affectuoso, inune de egoismo como de vaidade; Xavier da Silveira, robusto, energico e meigo a um tempo; Martins Junior, sonhador e algo esquivo, mas tão attencioso e gentil quando se lhe falava; Aloisyo de Azevedo, ora loquaz, ora taciturno,

solitario no fundo do seu temperamento, muito interessante por isso mesmo, quando se exteriorisava, já então no auge de sua nomeada, e quasi no termo de sua obra opulenta e solida, de que se despediu em plena madureza, por um estranho phemoneno de arrefecimento espiritual; o suavissimo Luiz Rosa, que, como o pobre Gilberto, — *au banquet de la vie infortuné convive* — teve apenas alento e tempo de cantar nos primeiros versos o primeiro amor; o bello e radiante Pardal Mallet, o mosqueteiro brioso, o d'Artagnan da nossa juventude dourada, tão rico de talento e de promessas, que a morte brutal desmentiu de improviso; Raul Pompéa, Araripe, Urbano Duarte e tantos outros.

Foi-se a *Semana*, apareceram e foram-se outras revistas. No Brasil é sempre assim... Em arte, como no mais, falta-nos orientação, firmeza e continuidade.

Veja-se o que se desenrola no mundo, neste momento, e observe-se a atitude do Brasil:

"Hoje a Europa inteira está em chamas, e o mundo todo, que a Europa ainda dirige, em inexprimiveis angustias. Vemos uma guerra como nunca houve talvez outra; nem na epopéa napoleonica, nem mesmo quando Roma se mediou com os barbaros, que acabaram por subjugal-a; uma guerra, que põe em discussão, para uma solução immediata e violenta, todos os problemas nacionaes, sociaes, espirituales que trabalham a humanidade; uma guerra, que subverte inumeros valores, e abre incontestavelmente uma era nova... cujo caracter pôde ser sublime e pôde ser terrivel; uma guerra, que traz porventura em germen um desses longos periodos bellicosos, que todos reputamos impossiveis na historia contemporanea e com que effeitos deleterios para a economia universal, á mais audaz imaginação não é dado imaginar; uma guerra, que toca ao vivo e no mais essencial dos seus interesses não só os povos que nella tomam parte, mas todos os povos e todos os homens individualmente.

Ora, com que idéas, com que criterios nos apparelhamos nós, brasileiros, para a nova phase da evolução humana, a cujas exigencias não escaparemos, como não escapará ninguem? Continuaremos a nutrir-nos das candidas e absolutas ideologias, que os primeiros tiros de canhão na fronteira da Belgica atiraram ao ar como um grande castello de cartas? Continuaremos a praticar a psychologia do avestruz, que esconde a cabeça debaixo da aza, cuidando que não vêr é não ser vista? a acreditar piamente que a nossa terra, Eden maravilhoso, celleiro do mundo, ficará sempre ao abrigo de certos appetites formidaveis e escondida por uma dessas nuvens mythologicas, em que Jupiter se envovia nos cimos do Olymbo ou do Ida — e que conservaremos em paz esse dom esplendido e gratuito da sorte, se não soubermos tornal-o verdadeiramente *noso*, isto é, exploral-o, administral-o e validamente defendel-o? Ou já se percebeu ahí que vamos entrar numa edade, como quer que seja, heroica, na qual só vingará, só triumphará quem fornecer em tudo o seu maximo esforço, e que, portanto, nos cumple transformar desde as rai-zes, crear de novo sobre outras bases a educação nacional?" — (C. Magalhães de Azeredo, *Jornal do Commercio*, Rio)

### AS REVISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

A imprensa dos Estados Unidos, podendo ser dividida em duas grandes classes, como em toda a parte — o jornalismo diario e a revista, — apresenta comtudo a particularidade de ser a segunda a que mais nitidamente reflecte a vida do paiz, a que maior influencia exerce e a que mais merece por isso o titulo de "nacional". Basta considerar o enorme numero de revistas que lá se publicam e a sua colossal tiragem: mais de oito mil publicações, sendo cerca de quatro mil commerciaes, com a bagatella total de uns noventa milhões de exemplares. E' de notar que estes algarismos só se referem ás revistas que circulam entre

assignantes e compradores, estando excluidas as de distribuição gratuita.

As revistas norte-americanas são geralmente semaanas ou mensaes. Podem classificar-se em sete categorias:

1.<sup>a</sup> — Revistas e magazines em geral. Podem subdividir-se em — publicações nitidamente *editoriae* e informativas; publicações nitidamente literarias, e publicações mixtas, isto é, que contém artigos sobre diferentes assuntos e materia puramente literaria, contos, novellas, poesias.

2.<sup>a</sup> — Publicações de classe (assim chamadas no paiz), isto é, especialmente destinadas a certos grupos de leitores: ás mulheres em geral, ás mães, ás negociantes, ás empregadas; as de assuntos de vida social; as consagradas ás crianças.

3.<sup>a</sup> — Revistas profissionaes e tecnicas.

4.<sup>a</sup> — Revistas agricolas, grande numero das quaes se especialisam em certos ramos da agricultura.

5.<sup>a</sup> — Publicações commerciaes.

6.<sup>a</sup> — Revistas instructivas e religiosas, destinadas á propaganda de doutrinas politicas, sociaes etc.

7.<sup>a</sup> — Publicações especiaes não incluidas nas categorias anteriores, como as humoristicas, as desportivas, etc.

Entre as revistas que exercem maior influencia na opinião publica destacadam-se a *North American Review*, *World's Work*, *Atlantic Monthly*, *Review of Reviews*, *Current Opinion*, todas mensaes, e os seguintes semanarios: *Outlook*, *Literary Digest*, *Harper's Weekly*, *Collier's Weekly*, *Leslie's Weekly*.

Entre as mensaes, adquiriram fama mundial por suas campanhas contra os *trusts*, a politica e outros focos de abusos, a *Everybody's*, *The American Magazine*, *Pearson's* e *Metropolitan* (as duas ultimas, socialistas).

O semanario de maior circulação é o *Saturday Evening Post*, cuja tiragem passa de dois milhões de exemplares. Vende-se a cinco cents. o exemplar. A materia que predomina é a literaria, mas dá sempre artigos sobre politica, finanças, commercio, etc. A mesma empresa da precedente publica o mais popular dos periodicos feminis, cuja ti-

ragem tambem excede de dois milhões de exemplares — *Ladies Home Journal*.

Phenomeno interessantissimo, é o desenvolvimento sempre crescente que as revistas em geral têm dado á collaboração puramente literaria. O grupo mais numeroso dessas publicações é constituido pelas "nitidamente literarias" e pelas "mixtas". Essa collaboração produz principalmente contos de differente feitio, mas por via de regras moraes e optimistas, com tinturas de sentimento poetico e de idéas praticas. De tal extensão é o phenomeno a que nos referimos, que até revistas delicadas a assumptos aridos, como as commerciaes, vão abrindo espaço a esse genero de escriptos.

Outro facto curioso: o numero de revistas humoristicas é muito pequeno. Não, porém, porque o humorismo esteja em decadencia no paiz, mas pela razão oposta. O humorismo floresce tanto, que os jornaes diarios lhe consagram paginas inteiras das suas edições dominicaes, e assim fazem concorrência vitoriosa á imprensa especial. (E. T. Simondetti — *The World's Work*).

#### SOLIDARIEDADE COMMERCIAL E DE INSTITUIÇÕES DAS REPÚBLICAS DO HEMISPHERIO OCCIDENTAL

A situação produzida pela guerra européa veio demonstrar de maneira positiva a conveniencia de estabelecer relações mais estreitas entre as repúblicas Pan-americanas.

Comunicações maritimas, regulares e directas, simplificação e modificação dos regulamentos aduaneiros, um sistema de relações bancarias, creditos mais liberaes por parte dos comerciantes americanos e outros assumptos dos quaes se fala tanto com referencia ás relações entre as repúblicas deste continente, tudo isso precisa ser estudado para o bem das repúblicas americanas.

Os maiores estadistas nas finanças e na industria mundiales se empenham em prever a situação que resultará da

guerra e não pouparam esforços em remodelar os apparelhos industriaes e financeiros para fazer frente ás novas condições economicas do commercio mundial. Os maiores pensadores das nações deste continente se ocupam em analysar estas condições e cada uma das nações procura com afincô favorecer os interesses de seu povo neste novo *modus vivendi* economico.

As relações commerciaes e internacionaes dos paizes americanos atravessam um periodo de readaptação e remodelação.

O centro financeiro do mundo passou de Londres para Nova York, achando-se hoje nos Estados Unidos approximadamente a quarta parte da existencia total de ouro do mundo. Os velhos caminhos commerciaes se interromperam e abriram-se novas estradas entre os paizes do Norte e do Sul da America. Formaram-se novas fontes de capital, novas oportunidades para applicações.

Assim os desastres da guerra revelaram as relações logicas e naturaes da industria e do commercio deste continente, cumprindo que a mais alta intelligença e a maior capacidade dos estadistas das republicas americanas se appliquem ao estudo scientifico e pratico dos interesses do momento.

O Congresso Financeiro reunido nos Estados Unidos já produziu a organização da Alta Comissão Internacional, para estudo dos meios de desenvolver o commercio entre os paizes americanos. A proxima reunião desta Comissão se realizará em Buenos Aires, em 3 de Abril de 1916. Esta Comissão de acordo com varias outras instituições, se occupa em recolher e reunir dados acerca dos meios de transporte, regulamentos e tarifas aduaneiras e outros materiaes que servem de obstaculo ao commercio e que se poderiam remover por meio da acção intelligente e conjunta de todos os paizes interessados, tornando possivel a troca de vantagens mutuamente proveitosas. Em matéria de commercio internacional ha muitos obstaculos que podem ser eliminados por meio de uma cooperação intelligente.

A Conferencia Scientifica Pan-americana que se celebrou em Washington, a Alta Comissão Internacional, o Congresso Financeiro Pan-americano, a União Pan-americana e o serviço diplomático e consular dos diversos países, são outros tantos meios para a verificação do estado actual das relações commerciaes do Continente e dos obstáculos que as restringem.

Joseph E. Davies, "World's Work",

#### A ALIMENTAÇÃO DAS CREANÇAS NAS ESCOLAS

Um exame medico feito nas escolas primarias de quinze cidades norte-americanas mostrou que nada menos de 29.019 crianças, num total de 547.909, isto é, de 5 a 6 %, são mal alimentadas. Os resultados desse inquerito foram publicados pela Repartição de Higiene de Nova York.

As mães que trabalham fóra de suas casas, geralmente deixam aos filhos algumas moedas para o almoço. E os pequenos, em vez de comprarem um alimento são e nutritivo, despendem aquele dinheiro em doces — dos que, há muito tempo os vendedores ambulantes oferecem á venda nas vizinhanças das escolas, e que ás vezes não são limpos.

As más condições hygienicas dos escolares provêm principalmente de causas sociaes e de causas individuaes. As causas sociaes são: a) pouco ar e falta de soalho nas habitações; b) falta de commodidades para os banhos; c) trabalho fóra da escola; d) condições anti-hygenicas da propria escola; e) debilidade congenita. Causas individuaes: a) insufficiencia e má escolha da alimentação; b) somno insufficiente; c) falta de limpeza; d) doenças da boca, dos dentes, dos bronchios; e) tuberculoses, doenças cardiacas, rheumatismos; f) falta de cuidado na primeira infancia.

Cada uma dessas causas se liga a outra: miseria, ignorancia ou relaxamento dos progenitores, doenças ou defeitos hereditarios ou congenitos. Quando as condições normaes de uma fami-

lia são bruscamente attingidas pela morte do chefe, ou pela incapacidade deste para trabalhar, succede frequentemente que as primeiras e mais rigorosas medidas de economia são as da mesa; e isso occasiona um grande prejuizo ao desenvolvimento da criança.

A má alimentação diminue a força vital da criança, e torna-a mais suscetivel ás molestias.

Na escola, um alumno que se encontre em tales condições physicas, representa um pessimo elemento, porque é geralmente indolente, irritavel, e, se não completamente refractario ao ensino, pelo menos tardonho em aprender, o que entrava muito o progresso da classe.

Sob todos os aspectos a questão é interessante, e mostra a necessidade de providencias. Quando os progenitores não possam dar aos filhos a alimentação necessaria, a escola deve fornecer-lhes á custa do governo. E, nesse caso, a refeição não ser apenas uma, como tem sido, nas poucas escolas em que já se faz.

Muita gente objecta que essa alimentação gratuita pode fazer com que os progenitores pouco escrupulosos acabem por não dar nenhuma aos filhos, em suas casas. Mas a experienca demonstra que, em contacto com os encarregados das refeições na escola, os paes dos alumnos muitas vezes lhes pedem conselhos sobre a alimentação a dar aos filhos, em casa. (E. F. Brown — *Literary Digest*).

#### GUERRA AO ALCOOL

Mais que todos os outros factores de enfraquecimento, o alcool destroea tanto a energia physica como a energia moral. Transigir com o alcool e pactuar com os seus grandes pontifices e todos os que o exploraram, é pactuar com o inimigo, é trahir o paiz.

Não ha flagello mais temivel que o perigo alcoolico. E' a opinião de Lloyd George que dizia: "Nós combateremos contra tres inimigos: a Alemanha, a Austria e a Bebida".

Ha tres formas de alcoolismo: o "oenolismo", devido ao abuso do vinho, o "ethylismo", devido ao abuso dos alcooes, e o "absinthismo", devido ao abuso das bebedas alecoolicas contendo essencias (absintho, aperitivos, licores).

O consumo annual do alcool na França, por cabeça de habitante, é de perto de cinco litros, superior de um litro á quota média da Inglaterra, da Allemania, dos Estados Unidos, de dous litros á da Noruega, da Suissa e da Russia.

O desenvolvimento do alcoolismo se explica: pela fabricação industrial, que o põe ao alcance de todos os bolssos; pelos preconceitos, que fazem crer aos operarios que o alcool dá força e permite resistir melhor ás grandes fadigas; pela miseria, que leva suas victimas a procurar na embriaguez o esquecimento; pela plutocracia que, com a sua influencia evidente, impede o Parlamento de votar medidas para coibir o abuso; enfim, a hereditariedade, que é provavelmente a causa mais activa, pois fica-se alcoolico principalmente quando já se é um degenerado.

O alcool debilita e degrada o individuo. Pela falta de attenção e pela inhabilidade que produz, multiplica os accidentes do trabalho; a metade dos accidentes nas fabricas é devida á embriaguez. Enfraquecendo os organismos mais sãos, elle agrava a maior parte das infecções, em particular a pneumonia, a febre typhoide e a gripe. Elle prepara a cama para a tuberculose. Em 150.000 tuberculosos que morrem todos os annos na França, mais de 100.000 são victimas do alcoolismo.

Degradando o individuo, a embriaguez desorganiza a familia. Desorganisa pelo mau exemplo dado á mulher e aos filhos e pela miseria. A embriaguez do pae acarreta a embriaguez nos filhos.

Além de factor de desmoralisacão, o alcool tambem é causa de pauperismo e, segundo as estatisticas, é a determinante mais frequente da loucura, do suicidio, da criminalidade e da mortalidade.

Na mortalidade da França, 10 por cento é devida ao alcool, quer dizer em

1.000.000 de mortes ha 100.000 que são devidas á embriaguez.

Para acabar com o alcool é preciso organizar associações que o combatam sem treguas, é preciso que a grande imprensa se empenhe nessa campanha. (A. Derner, "*Je Sais Tout*").

### OS LITERATOS ITALIANOS E A GUERRA

Os literatos italianos são pela guerra. São poucas as excepções. Taes, por exemplo, na Italia, os senadores Benedetto Croce e Barzellotti, um por principios philosophicos, outro por imbuído de germanismo. Mas a grande massa dos literatos é pela guerra. Não são poucos os que se acham no campo de batalha, de onde escrevem impressões ardorosamente patrioticas. Os que, pela edade, não podem combater falam e escrevem em prol da causa commun. E' uma maneira de combater, tambem. Não ha nenhuma rhetorica no que escrevem porque a verdade dos seus escriptos é agora directamente tragic e heroica, e formidavelmente colorida e dramatica.

Ha muito vinha desapparecendo o dissidio entre a literatura e a vida publica. A torre de marfim já se desmoronou, e a arte pela arte já começava a ser considerada uma formula ave lhentada e vasia de toda significação. O esthetismo enlaguescia. A geração nova, graças ao movimento nacionalista, já não era ociosa, inactiva e indiferente. O movimento nacionalista provinha da literatura, e nella despertava uma phalange de estudiosos e de profissionaes da penna. A literatura de alguns annos atraz, não tinha patria, era cosmopolita, aberta aos arrivistas e aos charlatães. Mas veiu a idéa de patria, despertada pela campanha da Libia. E logo os literatos comprehendiam a poesia da acção, confundiram-se com o povo que combatia, falaram nos comicios, transformaram-se em polemistas, adquiriram uma prosa mais serrada, mais clara e mascula. A literatura era antes pessimista e nihilista. Por

uma concepção negativa da existencia humana? Não. Por uma concepção diametralmente opposta. A vida era considerada como muito digna de ser vivida e gosada, mas os escriptores não podiam ir ver e gosar a vida como teriam desejado, e essa desproporção entre o desejo e a realidade fazia nascer o pessimismo. Mas depois as opiniões mudaram e a vida ficou sendo um sacrificio necessário e uma disciplina rigida. Da idéa de Patria surgiu a do "Dever", alluindo o edificio egoistico em que se enthronisava a literatura. Dahi a dor francamente e estoicamente aceita, dahi o despreso pelos bens mundanos e pela propria existencia individual que é quasi nada perante a existencia collectiva da grande familia humana. Nós passamos. A Patria fica. (Domenico Oliva — *Minerva*).

#### O ORGANISADOR DA TRIPLECE ENTENTE

Quando se escrever a historia da época presente, a pagina consagrada a Delcassé será das mais curiosas.

Na politica, como nas letras, nas sciencias e nas artes, ha protagonistas cuja influencia immediata é singularmente exagerada pela atmosphera que souberam crear em torno de si, pela habilidade em tirar partido das paixões desencadeadas e dos interesses em jogo, pela flexibilidade em adaptar-se ás circumstancias.

Mas á medida que os factos recuam para o passado, os elementos secundarios vão desapparecendo. Perante a posteridade o homem não vale senão pela idéa que o inspirou.

Delcassé nada tem que temer do decorso do tempo, o qual destacará melhor os traços de sua personalidade. Elle tem direito ao respeito da historia e á lembrança das gerações futuras, pois, modificando profundamente a orientação da politica externa da republica Franceza, foi dos que traçaram a directriz em que esse paiz se lançou resolutamente no inicio do seculo XX.

Delcassé é um typo de lutador digno do papel que desempenhou, ser-

vido por uma intelligencia de escol. Desde o inicio de sua carreira como redactor da "Republique Française" até o momento em que assumiu a direcção da politica exterior da França, Delcassé demonstrou sempre uma capacidade extraordinaria de trabalho, que se explica pela facilidade que têm os espíritos superiormente dotados de se absorverem, de se isolarem, por um simples effeito da vontade, do mundo exterior.

Delcassé tem o culto da coragem moral, da attitudo firme e resoluta, estritamente conforme ao dever do momento por mais penoso que seja. Como orador, sua eloquencia é caracteristica, manifestando na tribuna todo o ardor do seu temperamento. Sua palavra é, porém, sobria e precisa, nada lembrando nelle o profissional de phrasse grandiloquente, de periodo inflado. Quando elle se levanta na Camara, sabe-se que tem realmente qualquer causa que precisa ser dita e, desde as primeiras palavras, o seu discurso é perfeitamente claro e nitido.

De 1898 a 1905, Delcassé foi ministro dos Negocios Estrangeiros, nos gabinetes successivamente organisados por Brisson, Charles Dupuy, Waldeck Rousseau, Combes e Rouvier. Um incidente esteve a pique de destruir-lhe a obra, — quando a esquadra do almirante Rodjesvensky bombardeou umas chalupas inglezas. A forma por que foi liquidado esse incidente, por meio de uma commissão internacional de inquerito em Paris, foi por ventura o acto capital da carreira de Delcassé, tendo o resultado inesperado de uma melhoria nas relações anglo-russas. Foi nesse momento que elle preparou o novo agrupamento da Triplece Entente, suprema garantia da manutenção do equilibrio na Europa.

Delcassé mais que ninguem comprehendeu que a França não podia decahir de sua qualidade de primeira potencia, nem renunciar ao seu papel tradicional na Europa. Para elle a estreita ligação dos interesses franceses e ingleses constituiria a força politica com que se dominariam todas as tentativas de qualquer grupo de potencias que visasse o dominio universal. A "entente

"cordiale" foi o primeiro passo; veiu depois a approximação com a Italia; por ultimo o accôrdo entre a Russia e a Inglaterra, graças aos bons officios da França.

Em 1913, na presidencia Poincaré, Delcassé aceitou a embaixada de Petersburgo, sabendo bem qual o papel que podia desempenhar e que serviços elle podia prestar ao seu paiz. Os Allemães não se illudiram e a imprensa germanica commentou a sua nomeação com tanto azedume como si elle houvesse sido nomeado para o caes d'Orsay. Elles que quizeram a guerra e a prepararam, sabiam perfeitamente que ia soar a hora justificando plenamente a politica levada a effeito por Delcassé de 1898 a 1905. (Roland de Marés, "Je Sais Tout").

#### AS MULHERES JAPONEZAS E A POLITICA

As recentes eleições geraes realizadas no Japão distinguiram-se de todas as precedentes por singulares innovações. Os homens politicos costumavam mostrar-se muito raramente em publico, e quando o faziam pronunciavam poucas phrases laconicas. Agora, porém, Okuma mandou ás urtigas a tradição, e, imitando o uso occidental, fez excursões pelo paiz, apertando a mão aos camponezes, e arengando ás multidões do seu automovel. Não contente com isso, elle falou deante de phonographos, fazendo por esses apparelhos repetir os seus discursos nos theatros e outros logares de divertimentos. Por fim, na vespera da eleição expediu milhares de telegrammas aos mais influentes eleitores, pedindo-lhes o apoio.

Mais interessante e mais significativa, porém, foi a interferencia das mulheres na luta eleitoral. Em Tokio, especialmente, as esposas, mães e irmans de alguns candidatos tomaram parte activa na campanha, obtendo resultados que não foram insignificantes. "O novo factor que assim entrou na politica do Japão assinala o alvorecer de uma nova era na vida social

do paiz. O conceito antigo segundo o qual a mulher não é e não deve ser senão a guardian do lar, é completamente erroneo. Outra coisa, e muito mais elevada, a mulher pode e deve fazer, porque não existe uma linha de separação muito nitida entre a vida publica e a vida privada. Quando existisse mesmo essa linha de separação, não haveria razão para conservar as mulheres isoladas, de um lado, com proibição absoluta de passarem para o outro. Os preconceitos antigos já fizaram o seu tempo. A entrada das mulheres no scenario da politica, é, pois, um signal salutar. Indica que as classes femininas estão despertando da longa apathia e passam da indolencia á actividade intellectual, da obscuridade da ignorancia para a luz".

Merecem censuras asperas os mestres japonezes de tendencias conservadoras e ignorantes da verdadeira significação da instrucção.

Uma era nova se abre para a mulher. Os que a não comprehendem são dignos de desprezo. A historia do Japão regista não poucos actos memoraveis de mulheres. Nos tempos antigos houve imperatrizes que gloriosamente empunharam o sceptro nas Ilhas do Sol Levante. Mulheres de Estado, mulheres patriotas, até mulheres conductoras de exercitos, tem-n'as tido o Japão. As obras das escriptoras antigas tornaram-se classicas. Entrando na politica e nos negocios publicos, a mulher japoneza não vae, pois, contra uma tradição, antes revive uma tradição cahida em esquecimento. (Sra. Aki Yosano — *Taiyo*).

#### APHORISMOS

John Morley definia assim o aphorismo: "Uma massa de pensamento e de observação comprimida numa phrase unica." A diferença entre o aphorismo e o proverbio é que, enquanto o proverbio tende ao logar commum, o aphorismo tende ao enigma. O primeiro é logo perceptivel a todos, o outro oculta um significado mais profundo a que se chega sómente com a reflexão.

O proverbio não tem auctor: nasce no povo, por geração espontanea. A maxima, ao contrario, é individual e indica assim a raça, a lingua, e até o tempo em que viveu o seu autor. Alguns dos aphorismos de Confucio podem ter caracter universal. Outros, porém, são essencialmente chinezes. Assim tambem com as maximas de Marco Aurelio. Quando elle diz, por exemplo, que "a melhor vingança que podemos alcançar sobre um homem que nos offenda é evitarmos de ser como elle", percebe-se nisso qualquer coisa de romano e imperial. Semelhantemente, certas maximas de La Rochefoucauld trazem o signal do tempo e do lugar. Nesta maxima de Moliére: "ninguem se engana mais facilmente do que quando procura enganar a outrem", pouco ha do grande escriptor francez, mas em outras se percebe claramente o espirito francez do seculo XVII. E' bem de Nietzsche igualmente, e bien do seu tempo e da sua raça esta maxima: "Duas coisas seduzem o homem forte: o perigo e o jogo; e a mulher o seduz porque é o mais perigoso dos jogos". E esta outra: "Atravez da sua vaidade pessoal, todas as mulheres nutrem um desprezo impessoal pela mulh r."

Os franceses são mestres na arte do aphorismo. Os dos ingleses e dos americanos não trazem quasi nenhum traço de dissemelhança. Lincoln, e antes dele Emerson, e ainda antes Franklin, deixaram numerosos exemplos de phrases concisas e profundas. Em Emerson não se encontram, porém, as maximas precisas que a cada instante se lêm nas obras de Bacon, de La Rochefoucauld ou de Vauvenargues. Os seus pensamentos são elevados e subtis, mas não têm, bem claramente, as formas de aphorismos. A explicacão estará no facto de não ter Emerson a dose de malicia com que La Rochefoucauld aguça as pontas das suas maximas. Emerson não é verdadeiramente pessimista: não tem illusões, vê claro nas coisas da vida, mas isso não o impede de considerar o mundo sem malevolência, sem desprezo, sem hostilidade.

O benevolo optimismo "yankee" se manifesta melhor na literatura humo-

ristica. As satyras não são ferinas, e os proprios epigrammas não têm as pontas envenenadas. Entretanto, o maior e o mais fecundo dos modernos humoristas norte-americanos, Mark Twain, escreveu maximas tão amargas como as de Marco Aurelio. Foi no fim da sua vida, quando já era celebre, que a sua melancolia se exteriorisou em phrases acidas. "Quem quer que tenha vivido bastante para conhecer o que seja a vida — escreve elle — conhece a divida de gratidão que nos liga a Adão, primeiro bemfeitor da nossa raça, porque foi quem trouxe a morte ao mundo". Outra phrase: "Porque nos alegramos com um nascimento e nos entristecemos com um enterro? Pela simples razão que não somos nós a pessoa em causa." Ainda outra: "Todos dizem: como é triste ter de morrer! — Lamentação estranha na bocca de quem precisa viver." São delle ainda: "O homem que é pessimista antes dos quarenta e oito annos, sabe muito; o homem que continua optimista depois dos quarenta e oito annos, sabe pouco." — "Se recolherdes um cão esfaimado e o alimentardes, o cão não vos morderá. E' a grande diferença entre o cão e o homem." (Brander Mattheros — *Harper's Monthly Magazine*).

#### AS MENTIRAS DO RÉCLAME

No paiz da réclame faz-se agora um movimento... contra a "réclame". Ha alguns annos se vem formando nos Estados Unidos uma vasta organização com o fim de combater as fraudes que a publicidade possa trazer para a Republica. Em muitas cidades surgiram os "Advertising Clubs", que ha pouco se reuniram em federação, com séde em Indianapolis.

O movimento dos "Advertising Clubs" representa um sincero esforço no sentido de moralizar a publicidade. O emblema da associação é formado pela palavra "Verdade" (Truth) sobre um mappa-mundi. E, com effeito, a associação faz tudo para que a pratica commercial se conforme com o emblema. Que pretende a associação dos "Ad-

vertising Clubs"? Que os directores de jornaes e revistas e em geral todos quantos fazem "réclame", não dêm circulação a annuncios que não correspondam á verdade. No recente congresso da associação, realizado em Chicago, tomaram parte nada menos de 5.000 pessoas, entre as quaes muitas mulheres. A secção dos jornaes diarios approvou as seguintes regras: 1.<sup>a</sup>) As administrações dos periodicos devem abster-se de fazer affirmações mentirosas ácerca do numero de exemplares que põem em circulação; 2.<sup>a</sup>) Devem executar a tabella de preços que publicam; 3.<sup>a</sup>) Devem recusar os annuncios fraudulentos; 4.<sup>a</sup>) Devem combater a publicidade immoral. A associação, já nesse congresso apresentou um balanço pelo qual se vê que a sua renda annual orça por cento e oitenta contos, mais ou menos, da nossa moeda. Um dos serviços mais importantes por ella prestados, é a formação de uma lista de individuos que nos Estados Unidos se servem da publicidade para fins deshonestos. Os jornaes que adheriram á associação, antes de publicar qualquer annuncio, se não conhecem o anunciante, é á Associação que pedem informações sobre elle. Mas a moralização da publicidade não representa a unica forma da actividade dos "Advertising Clubs of the World". Estes realizam uma obra educativa de grande alcance, que é tornar mais eficaz a publicidade. Formou-se a "National Educational Committee", por iniciativa da qual, em todos os "Advertising Clubs" dos Estados Unidos se realizam cursos sobre a arte de fazer "réclames". E não é tudo. A Associação tem ainda uma preocupação: diffundir entre os pequenos comerciantes do paiz os methodos mais racionaes no exercicio do commercio. E é assim que a creação de um "Advertising Club" num pequeno centro, dá forte impulso ao commercio local. Ao mesmo tempo, a associação procura agir sobre a grande massa do publico, mostrando-lhe os grandes beneficios que uma publicidade honesta pôde trazer á prosperidade geral da população. Os comerciantes sabem muito bem que o meio mais economico para desenvolver os seus ne-

gocios é uma publicidade judiciosamente feita. Mas no publico correm ainda muitas idéas erroneas a tal respeito. Muitos crêm que a publicidade contribua para elevar o custo da vida. Os "Advertising Clubs of the World" estão, por isso, emprehendendo uma vasta campanha de propaganda, destinada a destruir este preconceito e outros semelhantes, e a demonstrar ao publico que a publicidade presta grandes serviços mesmo aos consumidores e é, assim, um factor de prosperidade nacional. (Herbert S. Houston — *World's Work*).

## SCIENCIAS E ARTES

### O TELEPHONE SEM FIOS

Volta a falar-se novamente, nos Estados Unidos, do telephone sem fios, desde que a 29 de Setembro passado o sr. Theodoro N. Vail, presidente da Companhia Telegraphica e Telephonica Americana, pôde falar a milhares de milhas de distancia sem nenhum meio visivel de transmissão. Já ha tempo, Guilherme Marconi previu o prodigio. As descobertas do dr. Peter Coper Hewitt e do prof. Michael J. Pupin, da Universidade de Colombia, apressaram a sua realisação. Na ultima primavera, a primeira conversação aerea foi entretida entre duas cidades da America, a uma distancia de 250 milhas, e, depois disso, outra experienca, realizada no mar, acabou por convencer os engenheiros da possibilidade practica de transmittir mensagens oraes a longa distancia, sem fios. Houve depois varias experiencias mais decisivas. E o primeiro exito de que o publico teve noticia foi a comunicação lançada pelo presidente Vail, do seu escriptorio de Nova York, levada a Washington por um fio telephonico, e depois reenviada dahi, sem fios, até os estaleiros navaes de Mare Island, na Bahia de S. Francisco. Mas, enquanto os jornaes falavam desse vôo da palavra no ar, através de 5.200 milhas, um solitario experimentador, es-

condido numa cabana, entre Pearl Harbor o Hawai, sabia que era possivel obter muito mais, visto como palavras ditas em Washington tinham chegado até elle, a 4.600 milhas de distancia. Era Lloyd Espenched, outro engenheiro da Companhia, enviado á remota ilha do Pacifico para esperar a grande experencia. Espenched não tinha consigo senão um apparelho receptor, não podendo, pois, responder á mensagem. Foram assim precisas algumas horas até que se puzesse em communicação com o continente e annunciasse o milagre que acabava de se realisar.

A distancia entre Washington e a ilha de Hawai é maior do que a que separa Nova York de Londres, de Paris ou de muitas outras das principaes cidades européas, como Roma, Vienna ou Berlim. A telephonia sem fios poderá, pois, funcionar através do Atdantico, assim que as condições politicas da Europa permittam as experiencias. E' preciso notar que as communicações sobre o oceano dão sempre melhor exito do que as de terra.

Os detalhes dos apparelhos ainda não são publicos. Sabe-se, porém, que não se trata de uma invenção completamente nova, mas sómente do aperfeiçoamento dos apparelhos transmissores e receptores. O som propaga-se por meio das ondas ethereas, mas a corrente electrica não passa através dellas, como sucede na radiotelegraphia.

A transmissão sem fios se faz do mesmo modo que a feita com auxilio dos fios. Mas uma corrente elevadissima reforça muito as vibrações na estação de partida; ellas chegam tão debeis, que sómente os delicadissimos apparelhos receptores são capazes de recebelas, reforçando-as de novo e assim as tornando perceptiveis pelo ouvido. A prova de que a transmissão se faz da mesma maneira — ou seja com fios ou sem fios — deu-a a experencia Nova York-S. Francisco, na qual a mensagem expedida percorreu o trajecto Nova York-S. Francisco, de um modo, e o seguinte do outro.

Não se espera que o systema venha a ter larga applicação. Em certos periodos do anno, sobretudo no verão, as comunicações seriam muito perturbadas. Além disso, o funcionamento dos apparelhos é muito delicado, sujeito a desarranjos frequentes. Isso não impedirá, porém, que a telephonia sem fios possa prestar utilissimos serviços, em todos os casos em que não se possa dispor das installações telephonicas communs, como sucede, por exemplo, nos navios e nas elevadas montanhas.

#### UM AUTOMOVEL AMPHIBIO

Ha annos se vem pensando em construir um vehiculo capaz de viajar na terra e na agua. Alguns inventores já conseguiram alguma coisa nesse particular. Mas, segundo nos refere uma revista scientifica, a melhor descoberta entre todas é a machina do engenheiro viennense L. Zeiner.

Esse "carro-automovel de agua", ou esse "barco-automovel da terra", assemelha-se, no aspecto, a um automovel commum de viagem, apenas com a caixa um pouco mais alta. Além das rodas, possue uma helice. E a força do motor pode ser rapidamente transportada das rodas á helice.

A machina é construida de maneira a vencer rapidas descidas e subidas, com a maxima facilidade: assim, pode descer rapidamente pela margem de um rio, entrar na agua, parando as rodas e dando movimento á helice, e atravessar a corrente tal qual se fosse um barco, e assim attingir a margem opposta e continuar a viagem.

Segundo affirma o autor, o vehiculo já tem sido submettido a experencias, promettendo prestar bons serviços de ordem militar. Pode viajar mesmo em terrenos pantanosos. Nas aguas pouco profundas, pode fazer uso ao mesmo tempo das rodas e da helice, o que oferece a vantagem de evitar o encalhe quando se encontra por acaso um banco de areia no meio de um rio.

A força é dada por um motor de quatro cylindros de 16 HP., por meio

do qual se obtém uma velocidade de 45 milhas por hora em terra, e cerca de doze milhas na agua.

A invenção é, como ficou dito acima, de origem austriaca. Mas não consta até agora que tenha sido utilisada no serviço militar.

#### A ACUSTICA DAS SALAS

Está aqui um problema importante que, embora tenha sido muito estudo, até agora não teve solução. São raras as salas de concerto, conferencia ou representação, que possuem boa acustica. A maioria tem, ou deficiencia, u excesso de sonoridade. Ha, além disso, as salas que possuem boa acustica para um instrumento e não para outros. E numa sala acontece que o efecto acustico não é o mesmo em todos os dias.

As difficuldades com que deve lutar o architecto, diz-nos um artigo da "Revue Scientifique" são tres: resonancia, surdez e éco. Uma sala isenta destes tres defeitos seria, no que respeita á acustica, perfeita. A resonancia amplifica demais o som, a surdez absorve-o ou o abafa. Frequentemente, uma e outra dependem do material com que as paredes são formadas e revestidas: o marmore é menos sonoro do que a madeira, a madeira menos do que o vidro. Os tecidos representam o mais alto coefficiente de absorção ou de surdez. Por sua vez, o publico influe na acustica como uma tapeçaria absorvente. E ha ainda a pedra e o cimento que pouco influem.

Para temporar a resonancia excessiva, o systema mais conhecido é o de estender fios de algodão sobre a superficie da qual o som é reflectido. Citate-se, entre outros, o caso de um theatro da Inglaterra, que possuia optimas qualidades acusticas. Um dia o proprietario teve a infeliz idéa de reformal-o completamente. A sala perdeu a acustica, e não houve nada que lh'a restituise até o dia em que as aranhas aca-

baram de tecer, como antes, longas teias nas paredes.

Independentemente da sua substancia, os materiaes de construcção exercem um effeito diverso, segundo o modo como são collocados. Assim, uma taboa de madeira, collocada a cinco centimetros de distancia da parede, accresce a resonancia muito mais de que se fosse applicada sobre a parede.

A humidade é outra condição desfavoravel ao som. Acontece, por isso, que as condições acusticas de certas salas melhoram com o tempo, isto é, com o progressivo enxugar das paredes.

Para diminuir o echo das salas é preciso dispor cordas ou fios de ferro em certos pontos. Melhor, porém, será construir a sala com dimensões e curvas que não permittam o echo.

Dos theatros, o mais famoso pela sua acustica é o de Orange, que Luis XIV chamava "a mais bella muralha do meu reino". E' o unico que resta, em França, da época romana. Tem 103 metros de largura, 77 de comprimento, 36 de altura. E' um hemicyclo perfeito.

Nos theatros modernos a forma da sala deve ser oblonga, sem cupola nem camarotes fundos, sobria de ornamentos para apresentar superficies quanto possiveis regulares.

Garnier conseguiu uma boa acustica na "Opera" de Paris, ninguem sabe como, nem elle proprio sabia. Mais pequena, mas famosa tambem pela sua acustica, é a sala do Conservatorio de Paris.

"Deu-me a pura revelação das symphonias de Beethoven", escreveu Wagner. E Foucaud comparou-a a um violino stradivario que vibra de cima a baixo, ao menor toque do arco. Pois, construiu-se nos Estados Unidos uma sala igual á do Conservatorio de Paris: as condições acusticas foram as mais deploraveis.

Para os espectadores, os logares a que os sons chegam mais distinctos são os mais altos. Nas galerias se ouve sempre melhor do que na platéa. Sempre é um consolo para os que não podem ir ao theatro senão de galeria...

## AS CIDADES-JARDINS

A cidade ideal, segundo um inglez, Ebenezer Howard, que muito se ocupou do assumpto, deve ter uma população maxima de trinta e dois mil habitantes, mais ou menos. E, quando a população aumenta além desse limite, deve logo tratar-se da construcção de outra cidade. As idéas de Howard já acharam applicação prática, pois organisou-se na Inglaterra uma "Sociedade das Cidades-jardins", tendo iniciado uma cidade que já serve de modelo. Em nove annos, de 1904 a 1913, cerca de trinta fabricas se transferiram para a nova cidade, que acolhe oito mil pessoas, e está em rapido aumento. Os estatutos da sociedade fundadora, que comprou o terreno e agora o arrenda ou vende aos habitantes, estabelece que os accionistas não podem perceber mais de cinco por cento sobre o seu capital. Se os lucros excederem esse limite, devem ser empregados em obras de utilidade publica e na diminuição dos impostos.

Os habitantes mostram-se satisfeitos com a sua cidade. E não só os artistas e os poetas, os homens envelhecidos nos negócios, os capitalistas que vivem das suas rendas, os commerciantes que vendem a sua mercadoria no logar, os operarios que accorrem sempre aonde encontram trabalho — não é só essa parte que se declara contente com

a sua cidade-jardim, mas os proprios industriaes, os mais praticos e menos altruisticos industriaes, que de muito boa vontade ahi aparecem para fundar as suas empresas. E' que encontram locaes mais bellos e mais commodos do que os de Londres, onde lhes faltavam o ar e a luz e era ás vezes preciso conservar a luz accesa durante todo o dia.

A "Cidade-jardim" é proxima de Londres, e chama-se Letchworth. E' o mais risonho centro industrial que se pode imaginar. Cada casa é rodeada de jardim, e todas ellas têm uma pequena horta.

E tudo isso foi feito, e pôde ser imitado, applicando-se systemas já usados, leis já existentes, sciencia já verificada. Muitas tentativas de reforma social são condenadas a esperar a conversão da maioria dos homens a novas idéas. Se o sonho dos socialistas, por exemplo, puder realizar-se um dia, será preciso encontrar e aplicar um methodo completamente novo de administração dos negócios. Entretanto, uma cidade como Letchworth pôde ser construida de repente, em qualquer logar, por um grupo de capitalistas que tenha à seu serviço alguns habeis architectos.

O custo da vida é com certeza menor nessas cidades, e maiores são as possibilidades de distracção e de agradaveis relações sociaes.

X.

## REVISTA DO BRASIL

A "Revista do Brasil" é lançada por uma sociedade anonyma, constituida em S. Paulo, com a seguinte directoria: dr. Ricardo Severo, presidente; dr. J. M. Pinheiro Junior, thesoureiro; dr. Mario Pinto Serva, secretario; conselho fiscal: dr. Oscar Thompson, dr. Ruy de Paula Souza, dr. Armando Prado; e os seguintes accionistas: dr. Alvaro Pujol, dr. Arnaldo V. de Carvalho, dr. Adolpho Augusto Pinto, dr. Armando de Salles Oliveira, Amadeu Ama-

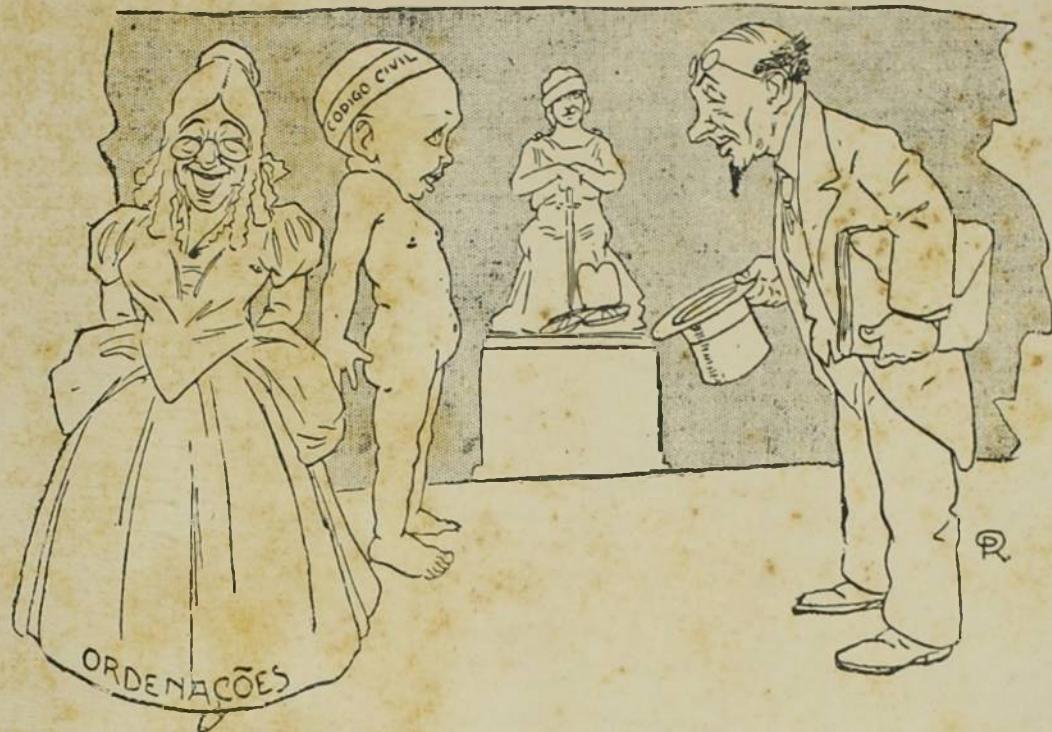
ral, dr. Alarico Silveira, dr. Anthero Bloem, dr. Abrahão Ribeiro, dr. Armando Prado, Arnaldo Simões Pinto, dr. Augusto de Toledo, Arthur de Cerqueira Mendes, dr. Antenor Liberato de Macedo, dr. Alberto Seabra, Adalgiso Pereira da Silva, dr. Antonio Piccarolo, dr. J. Ayres Netto, Benjamin Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, dr. Florivaldo Linhares, Gelasio Pimenta, Heraclito Viotti, dr. Heitor de Moraes, dr. Julio F. C. de Mesquita, Julio

de Mesquita Filho, dr. José Martins Pinheiro Junior, dr. José Gonçalves, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Jeronymo Rangel Moreira, dr. Jacomo Define, dr. Leonidas Barreto, Luiz Fonseca, Luiz de S. Gomes Carneiro, dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Luiz Wanderley, dr. Mario Pinto Serva, dr. Mario de Barros, dr. Manoel de Azevedo, Moysés de Oliveira Horta, dr. Mario Cardim, Manoel Rodrigues de Leiroz, dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, dr. Olympio Portugal,

dr. Oscar Thompson, dr. Octavio Inglez de Souza, dr. Octavio Mendes, dr. Pedro Lessa, dr. Plinio Barreto, dr. P. A. Gomes Cardim, dr. Ricardo Severo, dr. Ricardo Gonçalves, dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, dr. Rogerio Fajardo, dr. Roberto Moreira, dr. Raul de Sá Pinto, dr. Sebastião Soares de Faria, dr. Sylvio de Andrade Maia, dr. Synesio Rangel Pestana, dr. Thomaz Catunda, dr. Victor da Silva Freire, dr. Valdomiro Silveira, dr. Virgilio do Nasimento.

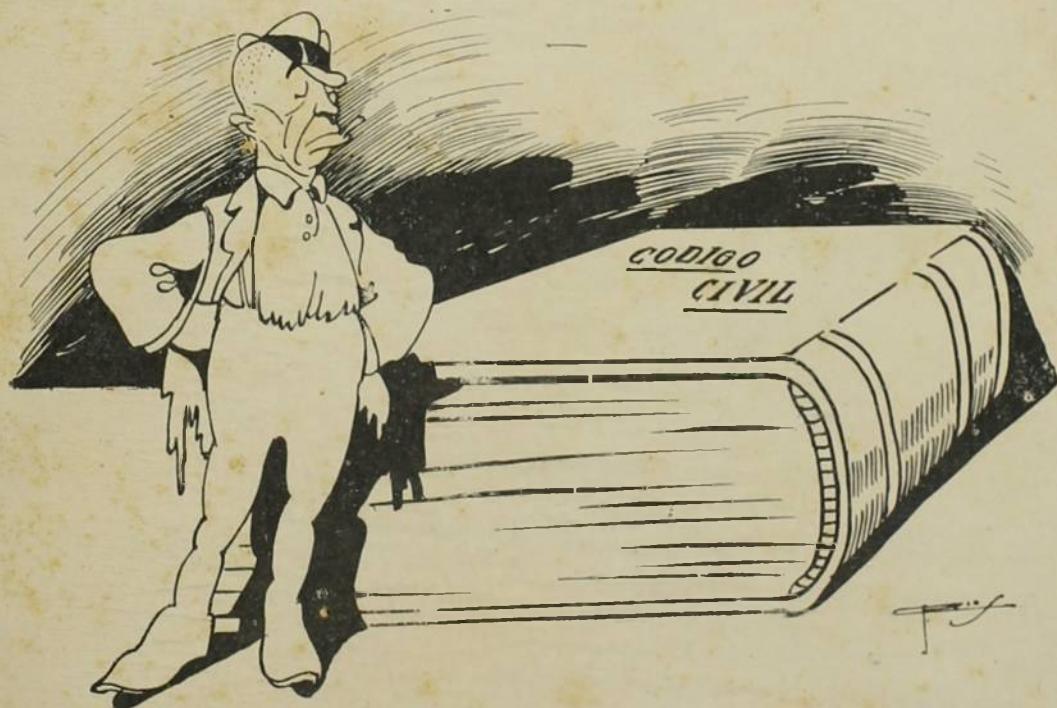
## AS CARICATURAS DO MEZ

### O MONUMENTO



— Cá está elle, novo em folha. A velha carunchosa recolhe-se ao museu e os rabulas têm doze meses para o estudo de novas chicanas...  
(“Jornal do Brasil” - Raul)

### O ANALPHABETO



ZÉ — Sim senhor. Código já tenho. Preciso agora que me ensinem a ler.  
(“Careta” - J. Carlos)



"Grand Prix Nacional" — Os primeiros cotejos

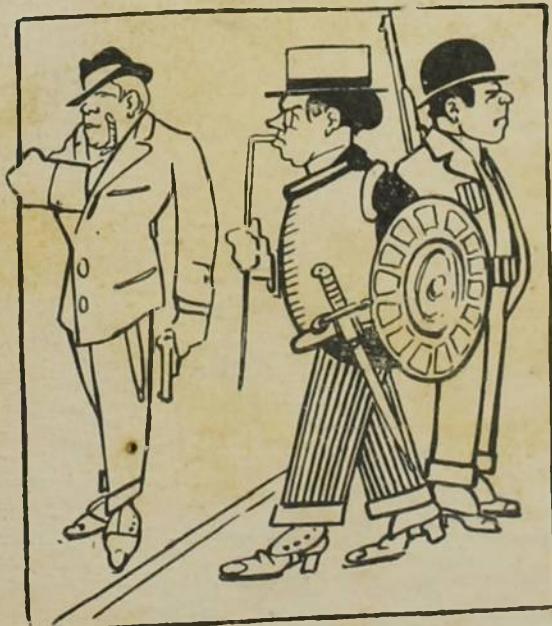
("Careta" — J. Carlos)



ENTERRANDO OS MORTOS — Quando o canhão calla... ha pás na terra  
("Cigarra" — J. Carlos)



SERVIÇO DA CONFEITARIA KRUPP — Um "kolossal" Bolo de Reis  
(“Caretá” — J. Carlos)



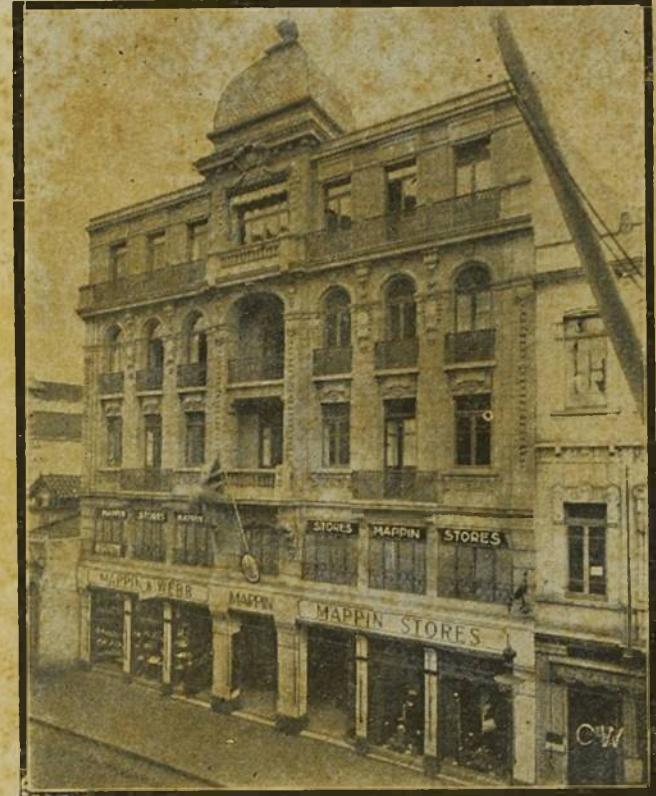
A moda masculina si o “avaccalhamento” do jury continuar.  
(“O Queixoso” - Lulú)

# MAPPIN STORES

SOCIEDADE ANÔNIMA INGLEZA

Ullimas Modas para Senhoras  
e Creanças  
Roupas Brancas  
Camisaria e Alfaiataria  
Ingleza  
Moveis de Estylo Inglez  
Fazendas e Sedas  
Blusas e Rendas  
Armarinho, Fitas etc.

PEÇAM Nossos Catalogos



Vista da Casa MAPPIN STORES rua 15 de Novembro, 26

MAPPIN STORES é uma Sociedade Ingleza estabelecida para importar os melhores productos das industrias Ingleza e Franzeza. :: Nossas compras na Europa e nossas vendas aqui são feitas sómente a Dinheiro. - Com este systema podemos garantir que os nossos preços são os mais baixos possiveis.

*Encommendaas do interior de valor superior a Cem mil réis são remettidas com porte pago; os pedidos inferiores a esta quantia devem ter um mil réis extra para o porte*

**Mappin Stores**

Rua 15 de Novembro, 26

Caixa Postal N. 1391

SÃO PAULO

Chama-se a attenção dos Ex.<sup>mos</sup> Cavalheiros sobre o exsplendido  
e barato producto **STROBINA** para limpar  
chapéos de palha, panamás, chile, etc., etc. — Efeito suprehendente.

Como o preparado é garantidamente livre de acidos, não abre a fibra da palha, não dilacera a linha da costura, nem dissolve a colla empregada para dar formato e resistencia ao chapéo.

**Uso:** Com uma escovinha de dentes, depois de agitar bem o liquido, lava-se o chapéo. Depois passa-se um pouco d'agua para abrir c brilho e deixa-se seccar á sombra. **Frasco 1\$000**

Vende-se nas casas seguintes: **D. Roque da Silva, Luiz de Souza, Teixeira & Martins, Casa Lebre e Januario Loureiro.**

## CERA PAULISTA

PARA MOVEIS E ASSOALHOS

Processo especial de fabricação - Economica - Unica no genero

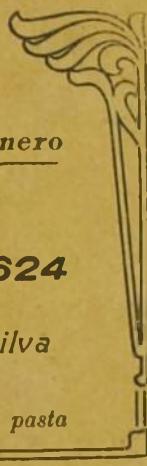
**A. L. CAMPOS**

**RUA S. BENTO, 39<sup>A</sup> TELEPHONE, 2624**

*Vende-se nas casas:*

*Edison, Mauro Muniz de Souza, Manoel Ferreira da Silva  
e no depositario por atacado e a varejo*

*Acceitam-se encommendas para cera de todas as cores: liquida ou em pasta*



## Casa de Saude

**DR. HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor -- Dr. Franco da Rocha,  
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno -- Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director -- Dr. C. Homem de Mello,

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro Alto das Perdizes em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornecendo aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceltuados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes).

Caixa do Correio, 12

**S. PAULO**

Telephone, 560

## Prefiram a Casa Dodsworth

RUA BOA VISTA, 44

para acquisition do MATERIAL ELECTRICO que precisar

COSTA, CAMPOS & MALTA

Caixa 962

S. PAULO Telephone 4305

## A TRANSOCEANICA

EMPREZA DE VIAGENS E EXCURSÕES DE RECREIO

SOCIEDADE ANONYMA Capital inicial: 200:000\$000

Caixa postal, 1755 - Telephone 5892-central - Código Ribeiro - End. teleg. "Transoceanica"

Séde Social: Avenida Rio Branco, 149 - RIO DE JANEIRO

Succursal em S. Paulo: Rua Direita, 42

Representantes no Brasil dos principaes hotels do Rio da Prata - Agente do SAVOY HOTEL e da Casa GATHY CHAVES de Buenos Aires

Excursões de recreio, individuaes ou collectivas, a Buenos Aires, Montevideo, Porto Alegre, São

Paulo, Santos, Guarujá, Poços de Caldas, Caxambú, Lameiry, São Lourenço, Mendes, Petropolis, Nova Friburgo, Therezopolis, Bello Horizonte, Campos, etc. — Fornece passagens, hoteis, automoveis, carros, theatros, cinemas, transportes de bagagens, diversões, passeios, etc.

Cadernetas de Coupons para estadia de 3, 7, 15 e 30 dias  
no Rio de Janeiro. A' venda em  
todas as estações da «The Leopoldina Railway Company Limited».

"A Transoceanica" é, enfim, a unica empreza brasileira que explora o commercio do turismo, legalmente organisada e autorisada a funcionar no territorio da Republica, que tem a sua carteira de excursões amoldada em suas congeneres européas Cook e Lubin.

Já distribuiu cerca de 20.000-0-0 de passagens e cambiaes aos seus prestamistas.

## Secção de Obras

— de —

## "O Estado de S. Paulo"

Jornais, Revistas e trabalhos commerciaes em geral

Rua 25 de Março, 145

Secção Archivo S. PAULO Telephone 725

46216

# **INDICADOR**

---

DA

## **“REVISTA DO BRASIL”**

---

**ADVOGADOS — DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA E JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).**

**ADVOGADO — O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de São Bento n. 57, sala n. 3.**

**ESCRIPTORIO DO CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES—Rua S. Bento, 57. Caixa, 783—Telephone 2738 — Compra e venda de apolices do Estado, Accções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.**

**Rua S. Bento, 57 (baixos) — JAYME PINTO NOVAES.**

**DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica, na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitaes de Berne e Genebra, medico do Sanatorio de Tuberculose de Leysin. Alta e pequena cirurgia. Cons. e res.: Rua Libero Badaró, 181. Telep. 3.492, das 13:30 ás 16 horas.**

**CLINICA DAS MOLESTIAS DAS VIAS URINARIAS, DO DR. SALVADOR PEPE — Especialista de Pariz — Tratamento das urethritis chronicas pelos methodos mais aperfeiçoados. Urethrocopia, interior e posterior. Cystocopia, cathectism dos ureterios, electrolyse. Applicação do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga n. 9, sobrado, em frente ao Theatro Municipal. Telephone, 2.296.**

---

# As machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA.

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua,  
Turbinas e accessories para a lavoura.

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

IMPORTAÇÃO directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO